



**Paulo Sérgio da  
Cruz-Tavares**

**‘Património à volta da minha escola’: Educação  
Patrimonial no 1.º e 2.º CEB no âmbito da  
Flexibilidade de Curricular**



**Universidade de Aveiro** Departamento de Educação e Psicologia  
2019

**Paulo Sérgio da  
Cruz-Tavares**

**‘Património à volta da minha escola’: Educação  
Patrimonial no 1.º e 2.º CEB no âmbito da  
Flexibilidade de Curricular**

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica do Doutor António Vítor Nunes de Carvalho, Professor Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha esposa e filhos pelo incansável apoio e amor incondicional. Preciosos bens e Património de valor incomensurável.

**O Júri**

Presidente

Professora Doutora Filomena Rosinda de Oliveira Martins  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Vogal: Arguente

Professora Doutora Maria Glória Parra Santos Solé  
Professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade do Minho

Vogal: Orientador

Professor Doutor António Vítor Nunes de Carvalho  
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

## **Agradecimentos**

Agradeço à minha família pela compreensão e carinho nos dias em que os ventos sopraram de forma mais rápida, pelas ausências e pela esperança de um reino do amanhã mais presente.

Ao Manel por me ter empurrado para a missão de cumprir o sonho da História.

Ao Professor António Vítor N. de Carvalho, meu mestre, pela amizade, pela orientação e pelo que nas palavras não cabem e a ausência consegue explicar.

À Professora Filomena Martins, pelo apoio, partilha de conhecimento, correção inteligente e espírito de ajuda.

Ao Professor Manuel Ferreira Rodrigues pela sua sabedoria imensa e paciência infinita.

Às minhas orientadoras de estágio que, nas escolas, viabilizaram o meu projeto de reforço da temática da educação para o Património.

Às minhas colegas de curso, por me acolherem como um dos seus.

A todos e todas, os meus sinceros agradecimentos.

**Palavras-chave**

Património cultural, educação patrimonial, educação histórica, consciência patrimonial, consciência histórica, flexibilidade curricular.

**Resumo**

Este estudo visou compreender de que forma se pode desenvolver um projeto em contexto educativo focado no Património local, em articulação com os conteúdos e áreas curriculares, recorrendo a diversas estratégias de sensibilização para o Património mais próximo da escola e perceber quais os seus contributos para o desenvolvimento de uma consciência patrimonial nos alunos e no reforço do percurso pessoal e profissional do professor estagiário. Desta forma, foi delineado e desenvolvido um projeto de intervenção designado 'O Património à volta da Escola'. Este projeto prolongou-se por cerca de três dezenas de sessões, ao longo dos dois semestres, em duas escolas de Aveiro, no seio de uma turma do 3.º ano do 2.º CEB e um grupo de alunos do 6.º ano do 2.º CEB. Foi utilizada uma metodologia de caráter qualitativo baseado numa investigação com características de tipo investigação-ação, cujos instrumentos de recolha de dados foram a observação direta e participante e a transcrição das interações ocorridas durante as sessões. Recorreu-se a questionários iniciais e finais para obter evidências de progressão no desenvolvimento das competências dos alunos e avaliar o próprio processo. Os dados recolhidos foram analisados e submetidos a uma análise de conteúdo. A análise dos dados permite concluir que o projeto teve efeitos significativos ao nível do desenvolvimento dos conhecimentos dos alunos sobre o Património local, com impacto no desenvolvimento de uma consciência patrimonial, principalmente ao abrigo da articulação dos conteúdos das diversas áreas que compõem o currículo, assim como através da exploração das possibilidades oferecidas pela Flexibilidade Curricular. O projeto permitiu experimentar momentos de reflexão, questionamento, curiosidade e contacto com o Património à volta das escolas. Os resultados permitiram inferir que as estratégias didáticas propostas despertaram uma forma nova de encarar o meio envolvente e uma 'educação do olhar', facto que despertou os alunos para uma atenção e observação diferente para com o fenómeno do Património e a poder atuar no sentido da sua preservação. O texto é composto por uma apresentação de um quadro de referência teórica subjacente em investigações na linha da constatação da consciência patrimonial e histórica dos alunos dos dois primeiros ciclos da escolaridade básica, seguido de um enquadramento e apresentação metodológica de desenvolvimento do projeto em Educação Patrimonial em sede de Prática Pedagógica Supervisionada no âmbito da flexibilidade curricular.

## Keywords

Heritage, patrimonial education, historical education, consciousness Heritage, historical consciousness, curricular flexibility.

## Abstract

This study aimed to understand how one can develop a project in an educational context focused on local heritage, in conjunction with the contents and curricular areas, using various strategies to sensitize the heritage closer to the School and understand what their contributions are to the development of a patrimonial consciousness in students and the reinforcement of the personal and professional course of the trainee teacher. In this way, an intervention project called 'The heritage around the school' was outlined and developed. This project lasted for about three dozen sessions, over the two semesters, in two schools in Aveiro, within a class of the 3rd year of the 2nd CEB and a group of students from the 6th year of the 2nd CEB. A qualitative methodology was used based on an investigation with research-action characteristics, whose data collection instruments were direct and participant observation and transcription of the interactions that occurred during Sessions. Initial and final questionnaires were used to obtain evidence of progression in the development of students' competences and to evaluate the process itself. The collected data were analysed and subjected to a content analysis. Data analysis allows the conclusion that the project had significant effects on the development of students' knowledge on local heritage, with an impact on the development of a patrimonial consciousness, mainly under the Articulation of the contents of the various areas that compose the curriculum, as well as through the exploitation of the possibilities offered by the Curricular flexibility. The project allowed to experience moments of reflection, questioning, curiosity and contact with the heritage around the schools. The results allowed us to infer that the proposed didactic strategies aroused a new way of facing the surrounding environment and an 'education of the gaze', a fact that aroused the students for a different attention and observation to the phenomenon of heritage and the to be able to act in the sense of its preservation. The text is composed of a presentation of an underlying theoretical framework in investigations in line with the realization of the historical and patrimonial consciousness of students of the first two cycles of basic schooling, followed by a framework and Methodological presentation of the development of the project in Patrimonial education in the headquarters of supervised pedagogical practice in the context of curricular flexibility.





**ÍNDICE**

<b>ÍNDICE.....</b>	<b>1</b>
<b>Lista de Siglas e abreviaturas .....</b>	<b>2</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. PATRIMÓNIO, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CONSCIÊNCIA PATRIMONIAL .....</b>	<b>11</b>
1.1. O conceito de Património .....	11
1.2. Património e sociedade .....	14
1.3. Património e identidade.....	17
1.4. Educação patrimonial e educação Histórica .....	20
1.5. Consciência patrimonial e consciência histórica .....	24
1.6. Património e memória .....	25
2. A diversidade do Património .....	27
3. O Património Local.....	30
<b>CAPÍTULO II. OS CONTEXTOS: O ALARGADO, O PEDAGÓGICO E CONJUNTURA PATRIMONIAL..</b>	<b>35</b>
1. A Comunidade alargada .....	35
2. Património Arte Nova .....	36
3. Caracterização dos contextos que acolheram o Projeto sobre o Património.....	38
3.1. Contexto educativo do 1.º CEB .....	39
3.1.2. O Património à volta da escola do 1.º CEB.....	40
3.2. O Contexto Educativo do 2.º CEB .....	41
3.2.1. O Património à volta da Escola do 2.º CEB.....	42
<b>CAPÍTULO III – METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO ‘PATRIMÓNIO À VOLTA DA MINHA ESCOLA’.....</b>	<b>45</b>
1. Enquadramento metodológico .....	45
2. A investigação-ação .....	47
3. Enquadramento curricular do Projeto de intervenção didática .....	50
4. Flexibilidade Curricular .....	51
5. Apresentação do Projeto.....	53
6. Intervenção pedagógica ao nível do património.....	55
6.1. Período de observação .....	55
6.2. Questões e objetivos da investigação .....	57
7. Métodos e Técnicas de recolha de dados, análise e interpretação de dados .....	59
7.1. Questionários .....	60
7.2. Desenhos.....	60
7.3. Recolha documental.....	61
7.4. Os registos diários e de reflexão do professor estagiário .....	61
8. Plano de Ação .....	62
10. Desenvolvimento do Projeto no 2.º CEB .....	97
11. Sessões de desenvolvimento do Projeto no 2.º Ciclo do Ensino Básico.....	98
Conclusões da implementação do Projeto com o grupo de alunos do 2.º CEB .....	105
<b>CAPÍTULO IV – ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS .....</b>	<b>103</b>
1. Análise de conteúdo das respostas .....	103
2. Os desenhos .....	109
3. Recolha e tratamento dos dados do questionário final.....	110

<b>4. Recolha de dados da visita ao Património à volta da escola.....</b>	<b>117</b>
<b>5. Recolha e tratamento de dados na turma do 2.º Ciclo do Ensino Básico.....</b>	<b>118</b>
<b>5.1. O questionário inicial (2.º CEB) – Q 3 .....</b>	<b>118</b>
<b>5.2. O questionário final – Q 4.....</b>	<b>120</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>127</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>133</b>
<b>Cartas e Convenções consultadas (por ordem cronológica): .....</b>	<b>140</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>143</b>

### **Lista de Siglas e abreviaturas**

1.º CEB Primeiro Ciclo do Ensino Básico
2.º CEB Segundo Ciclo do Ensino Básico
DAC – Domínio e Autonomia Curricular
HGP – História e Geografia de Portugal
NEE – Necessidades Educativas Especiais
ONU – Organização das Nações Unidas
PLNM – Português Língua Não Materna
PPS – Prática Pedagógica Supervisionada
P1 – Pergunta 1
Q1 - Questionário inicial 1.º CEB
Q2 - Questionário final, 1.º CEB
Q3 - Questionário inicial, 2.º CEB
Q4 - Questionário final, 2.º CEB
TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura

<b>1FIGURA 1 - IMAGEM SATÉLITE DA REGIÃO DE AVEIRO .....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 2 - Museu de Aveiro/Santa Joana.....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 3 - Igrejas de Santo António e São Francisco .....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 4- Palacete do Visconde da Granja .....</b>	<b>41</b>
<b>Figura 5 - Pelourinho.....</b>	<b>42</b>
<b>Figura 6 – Mapa dos distritos de Portugal Continental .....</b>	<b>63</b>
<b>Figura 7 – Desenho do mapa das freguesias de Aveiro .....</b>	<b>65</b>
<b>Figura 8 – Imagem de Aveiro no século XVIII.....</b>	<b>82</b>
<b>Figura 9 – Kamishibai plurilingue completo .....</b>	<b>90</b>
<b>Figura 10 – Pintura do painel de azulejos.....</b>	<b>103</b>
<b>Figura 11 – Colagem do Painel de azulejos.....</b>	<b>103</b>
<b>Figura 12 – Mensagem eletrónica enviada pela Presidente da Junta de Freguesia.....</b>	<b>106</b>
<b>Quadro 1 – Plano de ação interdisciplinar.....</b>	<b>62</b>

Quadro 2 – Resumo da 1.ª Sessão .....	63
Quadro 3 – Resumo da 2.ª Sessão .....	65
Quadro 4 – Resumo da 3.ª Sessão .....	66
Quadro 5 – Resumo da 4.ª Sessão .....	66
Quadro 6 – Resumo da 5.ª Sessão .....	68
Quadro 7 – Resumo da 6.ª Sessão .....	70
Quadro 8 – Resumo da 7.ª Sessão .....	71
Quadro 9 – Resumo da 8.ª Sessão .....	74
Quadro 10 – Resumo da 9.ª Sessão .....	76
Quadro 11 – Resumo da 10.ª Sessão.....	76
Quadro 12 – Resumo da 11.ª Sessão.....	77
Quadro 13 – Resumo da 12.ª Sessão .....	79
Quadro 14 – Resumo da 13.ª Sessão.....	79
Quadro 15 – Resumo da 14.ª Sessão.....	83
Quadro 16 – Resumo da 15.ª Sessão.....	85
Quadro 17 – Resumo da 16.ª Sessão.....	86
Quadro 18 – Resumo da 17.ª Sessão.....	87
Quadro 19 – Resumo da 18.ª Sessão.....	88
Quadro 20 – Resumo da 18.ª Sessão.....	89
Quadro 21 – Resumo da 20.ª Sessão.....	90
Quadro 22- Resumo da 21.ª Sessão.....	95
Quadro 23 – Categorias dos conhecimentos de Património do grupo de alunos do 2.º CEB .....	100
Quadro 24 – Categoria das respostas Q1 -P1.....	106
Quadro 25 – Categoria das respostas Q1 -P2.....	107
Quadro 26 – Categoria das respostas Q1 -P3.....	108
Quadro 27 – Categorias das respostas Q1 -P4 .....	108
Quadro 28 – Categorização dos desenhos.....	109
Quadro 29 – Categoria das respostas Q2 - P1.....	111
Quadro 30 – Categoria das respostas Q2 – P2 .....	113
Quadro 31 – Categoria das respostas Q2 – P3 .....	114
Quadro 32 – Categorização das respostas Q2 – P4 .....	115
Quadro 33 – Categoria das respostas Q2 – P5 .....	116
Quadro 34 – Categoria das respostas Q3 – P1 .....	118
Quadro 35 – Categoria das respostas Q3 – P2 .....	119
Quadro 36 – Categoria das respostas Q3 – P3 .....	120
Quadro 37 – Categoria das respostas Q3 – P4 .....	120
Quadro 38 – Categoria das respostas Q3 – P4 .....	120
Quadro 39 – Categoria das respostas Q4 – P1 .....	121
Quadro 40 – Categoria das respostas Q4 – P2 .....	122
Quadro 41 – Categoria das respostas Q4 – P3 .....	122
Quadro 42 – Categoria das respostas Q4 – P4 .....	123
Quadro 43 – Categoria das respostas Q4 – P5 .....	123
Cartas e Convenções consultadas (por ordem cronológica): .....	140
Anexos .....	143
Anexo 1. Imagem satélite da região de Aveiro .....	143
Anexo 2. Núcleo urbano de Aveiro .....	143
Gráfico 1 – Distribuição dos alunos do 3.º ano por género .....	144
Gráfico 2 – Distribuição dos alunos do 3.º ano por nacionalidade.....	144
Gráfico 3 – Distribuição dos pais alunos do 3º ano por nacionalidade.....	145
Anexo 3 - Imagem da sala onde estagiei no 1.º CEB .....	145

Anexo 4– Horário da Turma .....	145
Anexo 5. Fachada do edifício da Antiga Garagem de Aveiro .....	146
Anexo 6. Parque da Cidade (escadaria central) .....	146
Anexo 7. Coreto do Parque da Cidade .....	147
Anexo 8 - Conjunto arquitetónico das Igrejas de Santo António e Igreja de São Francisco .....	147
Anexo 9. Igreja das Carmelitas .....	147
Anexo 10 - Casa dos Morgados da Pedricosa .....	148
Anexo 11 - Edifício da Antiga Sapataria Leitão .....	148
Anexo 12 - Edifício Testa & Amadores .....	148
Anexo 13 - Sé Catedral de Aveiro .....	149
Anexo 14 - Museu de Aveiro/Santa Joana .....	149
Anexo 15 – Sala de aula de HGP .....	150
Anexo 16 – Sala de aula de Português .....	150
Anexo 17. – Sala de aula de DAC de Português .....	151
Anexo 18. Antigos Paços do Concelho de Esgueira .....	151
Anexo 19. Igreja Matriz de Esgueira .....	152
Anexo 20. n.º 100-102 da Rua José Luciano de Castro – Esgueira .....	152
Anexo 21. n.º 138 -140 da Rua José Luciano de Castro – Esgueira .....	153
Anexo 22 – Questionário inicial.....	153
Anexo 23. Imagem do texto mentor utilizado para trabalhar a descrição da figura humana ....	155
Anexo 24. Imagem da versão do texto inicial de auto descrição .....	155
Anexo 25. Imagem da versão do texto final de auto descrição .....	155
Anexo 26 – Roteiro Rik & Rok.....	156
Anexo 27 – Imagem de visualização de vídeo de apresentação do <i>Kamishibai plurilingue</i> aos alunos .....	157
Anexo 28 – Imagem de Património à volta da Escola.....	158
Anexo 29 – Imagem de Património à volta da Escola.....	159
Anexo 30 – Imagem de Património à volta da Escola.....	159
Anexo 31 – Desenho do Património para a prancha do <i>Kamishibai plurilingue</i> .....	160
Anexo 32 – Desenho do Património para a prancha do <i>Kamishibai plurilingue</i> .....	160
Anexo 33 – Texto instrucional da atividade “Mensagem Escondida”. .....	161
Anexo 34 - resolução da atividade “Mensagem escondida” .....	162
Anexo 35 – Enunciado da ficha de trabalho de Matemática sobre o Património .....	162
Anexo 36 – Texto descritivo de edifício .....	164
Anexo 37 – Ficha de exploração do texto “Uma casa abrigo” .....	164
Anexo 38 – Imagem de aluno a realizar a ficha de exploração do texto “Uma casa abrigo” .....	166
Anexo 39 - Atividade “Jogo Caça às palavras” com recurso à sinonímia .....	166
Anexo 40 - Atividade “Jogo Caça às palavras” com recurso à antonímia .....	167
Anexo 41 – Imagem de cartões para atividade sobre sinonímia e antonímia.....	168
Anexo 42 – Guião de saída dia 19/11/2018.....	168
Anexo 43 – Imagem Do edifício Testa & Amadores .....	169
Anexo 44 – Imagem da Fachada da Antiga Garagem entregue aos alunos para que a descrevessem num texto .....	170
Anexo 45 – Imagem Das Igrejas de Santo António e São Francisco entregue aos alunos para que a descrevessem num texto.....	171
Anexo 46 – Do Museu da Cidade/Santa Joana Imagem entregue aos alunos para que a descrevessem num texto .....	171
Anexo 47 – Imagem da Sé entregue aos alunos para que a descrevessem num texto .....	172
Anexo 48 – Imagem Do Edifício da Antiga Sapataria Leitão .....	172

Anexo 49 – Imagem do Coreto de Aveiro entregue aos alunos para que a descrevessem num texto .....	173
Anexo 50 – Imagem entregue aos alunos para que a descrevessem num texto.....	174
Anexo 51 – Imagem de exemplo de Património não edificado de Aveiro .....	174
Anexo 52 – Imagem de exemplo de Património não edificado de Aveiro .....	175
Anexo 53 – Imagem de exemplo de Património não edificado de Aveiro .....	176
Anexo 54 – Imagem do professor estagiário a cantar “O homem da gaita” de José Afonso” ....	176
Anexo 55 – Toponímia dedicada a José Afonso .....	177
Anexo 56 – Imagem da Joan.....	177
Anexo 57 – Imagem de alunos a executar o <i>Kamishibai plurilingue</i> .....	178
Anexo 58 – Imagem de alunos a executar o <i>Kamishibai plurilingue</i> .....	178
Anexo 59 – Alunos a desenhar da Joan .....	179
Anexo 60 – cartaz da Joan em Aveiro .....	180
Anexo 61 – Alunos a fixar a prancha do <i>Kamishibai plurilingue</i> para que secasse.....	181
Anexo 62 – Alunos a fixar a prancha do <i>Kamishibai plurilingue</i> para que secasse.....	182
Anexo 63 – Imagem dos postais de Natal alusivos ao Património .....	183
Anexo 64 - Versão do texto final para o <i>Kamishibai plurilingue</i> .....	183
Anexo 65 – Imagem da saída ao Património à volta da nossa escola.....	186
Anexo 66 – Imagem da saída ao Património à volta da nossa escola.....	187
Anexo 67 – Imagem da saída ao Património à volta da nossa escola.....	187
Anexo 68 – Imagem do Mural do património à volta da escola.....	188
Anexo 69 – Questionário final .....	188
Anexo 70 – Esquema da planificação do projeto para o 2.º CEB.....	189
Anexo 71 – Questionário inicial da turma do 6.º ano do 2.º CEB.....	189
Anexo 78 – Pedido de autorização para visita de estudo .....	190
Anexo 72 – Guião para visita de estudo .....	191
Anexos 73 e 74 – Imagens da visita de estudo ao Património Arte Nova Próximo da escola ....	194
Anexo 75 – Redação da carta à Presidente da Junta de Freguesia.....	194
Anexo 76 – Desenho para o painel de azulejos .....	195
Anexo 77 – azulejos já cozidos a sair da mufla .....	195
Anexo 78 - Proposta de recuperação da casa amarela.....	196
Anexo 79 – Questionário final do 2.º CEB .....	196
Anexo 80. Esquema de Vala - Esquema 1.....	197
Anexo 81. Desenhos iniciais sobre o Património Local – Museu de Santa Joana.....	199
Anexo 82. Desenhos iniciais sobre o Património Local – Casa Testa & Amadores .....	199
Anexo 83. Desenhos iniciais sobre o Património Local – Estátua de Santa Joana .....	200
Anexo 84. Desenhos iniciais sobre o Património Local – Arcada de buganvílias do Parque da Cidade.....	201



## INTRODUÇÃO

O presente Relatório visa apresentar um Projeto de Investigação desenvolvido no âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada (PPS) do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo de Ensino Básico, de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade de Aveiro. O Projeto em apreço intitula-se *‘Património à volta da minha escola’: Educação Patrimonial no 1.º e 2.º CEB no âmbito da Flexibilidade de Curricular’* e foi desenvolvido no decorrer dos dois semestres do ano letivo de 2018/2019 numa turma de 21 alunos do 3.º ano do 1.º CEB (1.º semestre) e com um grupo de 5 alunos de uma turma do 6.º ano do 2.º CEB (2.º semestre), no âmbito dos Domínios de Autonomia Curricular (DAC).

Objetivamente, este Projeto conheceu em cada semestre duas fases distintas. Numa primeira fase foi possível observar os grupos e analisar as suas competências e dinâmicas estabelecidas em contexto de sala de aula, seguindo-se uma segunda fase de efetivação que procurou responder aos aspetos e questões levantadas após esse processo de observação.

A escolha do tema do Património partiu da ponderação/reflexão prévia sobre a constatação de que “o Património está em todo o lado – nas notícias, nos filmes, nos mercados – em tudo desde as galáxias aos genes” (Seixas, 2004, *apud* Solé, 2015, p. 146).

Por outro lado, procurou integrar-se e articular-se curricularmente o repto lançado pelo Conselho da Europa com o lançamento do Ano Europeu do Património Cultural, que nos recorda que o Património “Rodeia-nos nas vilas e cidades, nas paisagens naturais e nos sítios arqueológicos” (Conselho da Europa, 2017, s/p).

Ou seja, este Projeto explorou a dimensão do Património que extravasa o campo da herança ou da propriedade individual, estendendo-se a contextos múltiplos e afirmações do que pode verificar-se como característico de determinado indivíduo ou comunidade.

Deste modo, foi desenvolvido um Projeto que aceitou um conceito de Património que conhece várias significações e ao qual a educação deve dar substância, especialmente como um recurso concreto que envolva os alunos e que lhes permita o desenvolvimento de capacidades e a ‘construção de conhecimentos’ – utilizando a expressão de Idália Sá-Chaves (2013) – que eles possam mobilizar no seu quotidiano sob a forma de comportamentos, atitudes de respeito e de proteção do Património cultural, reconhecendo-o como fator de imbricação com o seu meio (Pinto, 2011; Almeida & Solé, 2015)

O ponto de partida deste Projeto inspirou-se em vários trabalhos de investigação de referência (Rüsen, 2001; Barca, 2002, 2011; Pinto, 2012; Solé, 2009, 2013, 2015; 2016) que se preocuparam, entre outras questões, com o estabelecimento de propostas didáticas que privilegiassem o contacto com as fontes históricas no sentido de proporcionar aprendizagens significativas, com capacidade de despertar emoções nos alunos (Santacana, 2015). Assim, numa perspetiva pragmática, o Património local, designadamente o Património mais próximo das duas escolas, acabou por dar significado e substância ao Projeto que ora se apresenta justificando a denominação escolhida: *'Património à volta da minha escola'*.

Uma vez que “o Património surge associado a outros conceitos, nomeadamente ao de memória e identidade, que se relacionam também com o passado” (Solé, 2015, p. 101), este Projeto teve como cerne a utilização do Património como instrumento didático para o desenvolvimento de competências de forma transversal às várias áreas curriculares, pois “quanto maior for a oportunidade de conhecer e compreender o valor das fontes patrimoniais, maiores serão as possibilidades de lhes conferirem significância histórica” promovendo “atitudes de preservação e valorização do património” (Solé, 2017, p. 163).

Nesse sentido, procurou-se constatar os conhecimentos iniciais dos alunos sobre Património e a mobilização desses conhecimentos; ou seja, assumindo o propósito de provocar uma alteração de comportamento e de reforço da atitude crítica relativamente ao meio circundante, tendo o Património como foco central; a partir da formação de uma consciência patrimonial, desencadeada pelo conhecimento do Património local, os alunos estarão mais aptos a desenvolver atitudes de respeito e valorização num quadro mais amplo, podendo estabelecer “relações concetuais entre diversas manifestações socioculturais e geográficas” (Barca, 2015, p.65) que lhes permitirão “formar um sentido humano plural e global sobre a existência, contrariando uma atitude mais simplista e tradicional” (*Ibidem*).

Helena Pinto (2015, p. 68) afirma que “ao nível da educação formal, para se promover uma Educação Patrimonial sistemática e fundamentada, é essencial [...] proporcionar recursos e atividades desafiadoras dos conhecimentos prévios dos alunos”, pelo que a investigação que agora se apresenta havia que ter em conta esses conhecimentos prévios, avaliá-los, desafiá-los e questioná-los.

Assim, a formulação das questões de investigação constituiu um ponto de importância capital para o trabalho investigativo, uma vez que estas questões deram corpo a todo o processo e permitiram a construção do próprio Projeto – preparação, início, desenvolvimento e finalização.



Considerando os aspetos já referidos, de relação e articulação entre as competências e os conhecimentos prévios dos alunos sobre o Património e os conhecimentos que o Programa e Metas Curriculares determinam que os alunos devem construir e revelar no final do ciclo de estudos, num quadro de transversalidade pautado pela Flexibilidade Curricular, foram formuladas as seguintes questões de investigação, ou questões de partida:

- Que conhecimentos têm os alunos sobre o Património?
- Como desenvolver um Projeto curricularmente integrado de Educação para o Património, com alunos dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, que permita desenvolver a consciência patrimonial?
- Quais os contributos deste Projeto para o desenvolvimento das competências ao nível da formação de uma consciência patrimonial?

Estas questões encerraram alguns objetivos de natureza geral que pretendem compreender como integrar curricularmente, de uma forma mais eficaz, uma abordagem de sensibilização ao Património local fisicamente mais próximo da escola ('à volta da minha escola') e avaliar os efeitos de um Projeto de intervenção no âmbito da educação para o Património no domínio dos conhecimentos, capacidades e atitudes de alunos de uma turma do 3.º ano (no 1.º Semestre) e de um grupo de alunos do 6.º ano (no 2.º Semestre), designadamente no levantamento, identificação e reconhecimento do referido Património.

Como o Património cultural nos permite "indagar e conhecer o passado" não sendo este "compreendido como uma mera recordação do mesmo", pois ele "faz parte do nosso presente e da nossa identidade" (Solé, 2015, p. 147), procurou-se selecionar alguns elementos arquitetónicos e artísticos localizados à volta da escola, identificar as suas características principais e a sua própria história como fator de identidade do contexto em que estão localizados visando promover nos alunos a consciência patrimonial e histórica conducente a uma atitude de proteção e de preservação desse mesmo Património.

Estes objetivos consolidaram-se no Projeto apresentado e desenvolvido em contexto de estágio devidamente enquadrado no papel necessário que a escola deve desempenhar na formação de cidadãos críticos e dotados, também, de uma consciência patrimonial.

Num ano que o Conselho da Europa consagrou ao Património, o desenvolvimento de uma consciência patrimonial só pode ficar completo se contemplar o respeito pela diversidade do Património e da herança cultural de cada povo.

A diversidade acarreta responsabilidades de parte a parte porque as influências se registam nos dois sentidos, daí que seja necessário o apelo ao respeito pelos direitos de cada um; direitos à identidade cultural, à herança cultural, à educação e à formação, à liberdade de expressão e de criação, o direito à livre participação nas atividades culturais e à língua (Marques & Martins, 2012).

Neste contexto, a educação assume uma importância especial na formação dos cidadãos e é nesse quadro de formação que se inscreve o Projeto que agora é exposto sob a forma de Relatório de Estágio.

Deste modo, tendo em conta as partes essenciais que compõem um Relatório de Estágio, este documento apresenta-se dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo, “Património, Educação Patrimonial e Consciência Patrimonial”, é dedicado ao enquadramento teórico do Projeto, ou seja, aborda a definição de Património nas suas múltiplas vertentes. Nesse sentido, o levantamento efetuado socorreu-se das mais variadas fontes, tentando destacar premissas teóricas sobre a pertinência das fontes patrimoniais na formação da consciência patrimonial dos alunos.

O segundo capítulo foca o contexto educativo no qual o Projeto foi desenvolvido, incluindo a descrição das comunidades, das escolas, dos intervenientes e a apresentação do património próximo dos estabelecimentos de ensino sobre o qual incidiu todo o Projeto.

Segue-se o terceiro capítulo que contempla o quadro metodológico contendo informações relacionadas com a investigação-ação, o Projeto de intervenção didática, a recolha e o tratamento de dados. Também se exprime o desenvolvimento do Projeto, integrando as diversas sessões e respetivas propostas didáticas.

No quarto capítulo são apresentadas a recolha e a análise dos dados. A encerrar surgem as conclusões e algumas considerações finais.

## CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1. PATRIMÓNIO, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CONSCIÊNCIA PATRIMONIAL

Neste capítulo apresenta-se o enquadramento teórico do Projeto fazendo referência aos principais autores e a algumas investigações levadas a cabo sobre o Património. Aborda-se o conceito de Património, recorrendo-se a vários autores; verifica-se a relação entre a noção etimológica de Património e as dimensões da sua aplicação tendo em conta alguma documentação transnacional e oficial sobre Património.

Ainda se debruça sobre os conceitos de Educação patrimonial e histórica, bem como a sua relação com a formação de uma consciência patrimonial e histórica nos alunos, com ênfase na utilização da fonte patrimonial de âmbito local como proposta didática. Apresenta-se a recente Flexibilidade Curricular como instrumento facilitador da afirmação dos contextos patrimoniais locais na diversificação dos currículos escolares.

#### 1.1. O conceito de Património

De acordo com o dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de José Pedro Machado (2003), a origem etimológica de Património reside no latim *patrimonium* e relaciona-se, conforme referido pela historiadora Françoise Choay (2005), com bens familiares e haveres, representando o legado dos bens materiais transmitidos de pais para filhos; no entanto, como se verificará, esta conceção tem vindo a ser alargada a outros contextos, atribuindo ao termo ‘Património’, sentidos que vão muito além dessa ideia inicial.

O Património é um contentor, uma arca, na qual o Homem, tendo procurado na sua memória, vai reunir os seus bens mais preciosos. Vai conservá-los ali, para os transmitir àqueles que vierem depois dele (Rèmond-Gouilloud, 2000, p. 217).

Adotando este conceito de Património difundido por Rèmond-Gouilloud (2000) – Património como um local protegido e precioso onde a humanidade conserva as suas memórias mais preciosas e instrutivas que lega às gerações futuras – admite-se que a definição de Património tem conhecido, como mostram alguns especialistas, uma transformação que se reflete não apenas na dimensão semântica, mas sobretudo na sua pragmática. Por exemplo, Françoise Choay (2005) descreve essa transformação ou evolução como uma espécie de ‘nomadismo’, pois, segundo a autora, a definição de Património tem vindo a traçar um percurso desde o remoto significado de transmissão de

bens familiares de pais para filhos até desembocar nos sentidos que hoje lhe damos, como os de Património cultural, natural, material e imaterial, abrangendo vários setores da produção humana, como objetos, produções artísticas (pinturas, esculturas, música...) e aqueles que são produtos da Natureza.

Por outro lado, como destacou Amado Mendes (2009, p. 10), existem diferentes formas de definir o Património em virtude dos diversos modos de o perspetivar ao longo das épocas, ou seja:

Não há coincidência entre o entendimento acerca do que é o Património, por parte de um humanista do século XVI (para não remontar a civilizações anteriores), de um iluminista do Século das Luzes, de um romântico oitocentista ou de um dos nossos contemporâneos.

Desta forma, o especialista afirma a especificidade de entendimento que cada época faz do passado e de si própria com reflexo natural na forma como observa e cuida do seu Património.

Assim, é de compreender que a conceção de Património não seja exatamente a mesma entre um sujeito que tenha vivido no século XVI e o que viva no século XXI e tenha conhecido variações e até amplificações no seu significado.

Ana Duarte (1994, p. 12) já tinha avançado esta ideia ao afirmar que o Património reúne uma memória coletiva que engloba, para além das coleções de pintura ou escultura, o mobiliário dos palácios ou dos conventos, as construções, as histórias de vida das gentes rurais, piscatórias ou urbanas, e os seus instrumentos de trabalho nos mais variados setores de atividade:

A memória coletiva de uma determinada população estende-se aos territórios onde vive, aos monumentos, aos vestígios do passado e do presente, aos seus problemas, à cultura material e imaterial e às pessoas.

A autora citada propôs, desta forma, uma extensão do conceito de Património não só aos bens em si mesmos, sejam materiais ou imateriais, mas também às pessoas, às suas histórias e aos seus modos de vida, numa implicação direta entre as pessoas, as suas produções e o meio em que vivem. Porque diz respeito às pessoas, o Património tem estado na base de um debate centrado no seu conteúdo e na sua abrangência, para além da pertinência da sua salvaguarda.

De facto, o conceito de Património tem atraído a atenção dos investigadores e, por via da enorme amplitude que foi conhecendo, tem variado “de acordo com os fenómenos culturais de transformação e expansão” (Rodrigues, 2003, p. 35). Por exemplo, segundo António Manique e Cândida Proença (1994, p. 56) o conceito de Património é algo lato e está longe de englobar apenas os monumentos importantes de uma região ou de um país. Esta opinião é defendida

também por Luís Rodrigues (2003, p. 13), ao adiantar que “o Património de uma povoação, freguesia ou concelho não se reduz aos seus monumentos”.

A noção e o conteúdo abrangente de Património resultam do sentimento e necessidade de preservação e da validação do que deve ser preservado.

Embora o interesse pela preservação do Património tenha conhecido o seu grande enfoque inicial com a Revolução Francesa, foi com o Pós Segunda Grande Guerra que veio acentuar-se a consciência da necessidade de proteção do Património e alertar-se para a destruição de que havia sido alvo muito do Património edificado (principalmente no Velho Continente), tendo os documentos internacionais começado a dar nota dessas preocupações no sentido de prevenir tal destruição, traçando a sua concetualização e formalizando áreas e normas de atualização (Choay, 2011).

A Carta de Veneza (1964, p. 1) alargou a noção de Património, bem patenteada no primeiro artigo:

A noção de monumento histórico engloba a criação arquitectónica isolada, bem como o sítio, rural ou urbano, que constitua testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Esta noção aplica-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas do passado que adquiriram, com a passagem do tempo, um significado cultural.

Com esta concetualização normativa, o testemunho de um acontecimento histórico passa a ser encarado no mesmo patamar do monumento histórico, consubstanciando a imaterialidade do Património.

Naturalmente, com aquilo a que Françoise Choay (2011) chama de Revolução eletro telemática, que se traduz no desenvolvimento dos instrumentos eletrónicos e das redes de telecomunicações que marcam o início do século XXI, passa a assistir-se também a uma grande dispersão do conceito de Património, num contexto de mundialização e de interações cada vez mais rápidas e profundas entre as várias sociedades (Choay 2011, p. 22):

É no horizonte da mundialização, do seu impacto nas sociedades e da crise de valores, assim produzida, que devemos interrogar a noção atual de Património e decifrar o seu sentido.

Ou seja, é num momento de crescente globalização que o conceito de Património é repensado quanto à abrangência dos seus múltiplos sentidos, funcionando como mote para a valorização dos valores patrimoniais mais próximos das pessoas, num olhar mais íntimo e com um foco mais localizado, com o duplo objetivo de preservar o Património local como símbolo e representação da identidade das comunidades locais assim como a divulgação dessas mesmas representações, num esforço de afirmação ante o movimento globalizante.

Por exemplo, o estado português, reconhecendo o papel de integração e significação identitária do Património, criou a Lei do Património Cultural Português (Lei n.º 13/85 de 6 de julho) que estipula que o Património é composto por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu valor, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo.

Aquela norma derivou da deliberação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) – da qual Portugal é Estado-Membro – que protege, desde 1972, os bens patrimoniais dotados de um valor universal excecional. Tal organização classifica os bens patrimoniais imóveis em monumentos, conjuntos e sítios; define normas de proteção do Património nas mais variadas vertentes – Património mundial, cultural, material e imaterial dentro da diversidade das expressões culturais à escala planetária – tal como as obrigações do Estado e dos cidadãos, sendo esta incumbência ponderada como um direito e um dever de todos perante a preservação, a defesa e a valorização do Património cultural.

Os autores António Pedro Manique e Maria Cândida Proença (1994) associam atitudes de valorização do Património, enquanto instrumento de compreensão e preservação da identidade cultural dos povos, de massificação e internacionalização do planeta, à crescente importância e universalidade do tema Património, ou seja, localizam o Património, enquanto construção coletiva, num espaço cada vez mais alargado e bem balizado numa determinada época.

Desta forma, entende-se o Património como um eixo que congrega três dimensões essenciais: o espaço, o tempo e os vários contextos sociopolíticos matizados por uma ligação emocional que resulta das ideias de memória e identificação coletivas. O mesmo é dizer que o Património cumpre um papel de afirmação coletiva, pois, como afirma Paulo Peixoto (2009, p. 4), “qualquer património é sempre produto de uma determinada sociedade”.

## **1.2. Património e sociedade**

Efetivamente, como assinala Anthony Giddens (1992), o desenrolar dos processos sociais e económicos, associados a fenómenos como o desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte de massas aliado ao crescimento urbano, aceleraram a transformação das relações entre o espaço e o tempo.

O impacto profundo na cultura, na prática diária, no nosso comportamento, enfim, na nossa vida, desta envolvimento moderna dos recursos tecnológicos, ou revolução tecnológica que a sociedade regista, leva a olhar de outra forma para o Património. Hoje a sociedade parece mais crítica e mais

alerta para o que se passa à sua volta. O Património é muito mais discutido, mais sentido, o que leva a comportamentos e atitudes de proteção e de preservação, à luta contra o desleixo, o abandono e a destruição.

Na obra *Alegoria do Património*, Françoise Choay refere (2009, p. 117) que os primeiros raios de alvorada do movimento conservacionista não são totalmente despojados de uma intenção pedagógica, por parte dos primeiros responsáveis pela inventariação e proteção dos monumentos franceses nos momentos imediatos à Revolução Francesa.

A par de uma atitude de interesse financeiro, havia uma preocupação cívica, quanto mais não fosse no sentido de o despertar para a consciência de propriedade patrimonial coletiva de algo que antes lhe era mostrado como forma de impressionar e evidenciar as diferenças sociais:

Todos esses bens preciosos que se mantinham longe do povo ou que só lhe eram mostrados para o espantar e lhe impor respeito, todas essas riquezas lhe pertencem. A partir de agora, elas servirão para a instrução pública.

Assim, é nesse período revolucionário que surgem os primeiros laivos de educação patrimonial com vista à formação de uma consciência patrimonial. Esta consciencialização é tanto mais urgente quanto mais se percebe o quão frágil pode ser a produção humana, tão sujeita aos vários fatores de erosão (Nogueira, 2017, p. 43):

As coisas produzidas pelos homens, do passado e do presente, encontram-se hoje tão ameaçadas pela infinita e irracional necessidade de exploração e acumulação do capital e sua decorrente degradação social, moral e ambiental, quanto já o são pela inexorável passagem do tempo, pela ignorância, pelas guerras, ou por desastres naturais.

Portanto, parece inconcebível que a conservação e a proteção dos bens culturais, assim como dos bens naturais e da própria espécie humana, sejam conseguidas sem o reconhecimento, a reflexão e um posicionamento crítico sobre a historicidade e as contradições do modo de produção e reprodução social da existência material (Nogueira, 2017).

A conservação do Património nem sempre foi um tema pacífico (se é que ainda hoje o será); basta lembrar o ‘confronto’ entre as ideias de John Ruskin e as de Viollet-le-Duc. Ambos arquitetos do século XIX, tiveram uma atitude empenhada, embora em direções e com opiniões diferentes sobre a preservação do património.

John Ruskin (1849) defendia que cabia sempre à geração presente assegurar a manutenção desse património edificado mesmo que o tempo se encarregasse de o modificar. Este autor avançou que o Património edificado não era pertença da geração presente, mas antes era a lembrança das gerações passadas, em especial da edificadora e a geração presente servia como guardião do Património para aqueles que virão depois (Ruskin, 1849, p. 154):

*It belongs as much to those who are to come after us, and whose name are already written in the book of creation, as to us; and we have no right by anything that we do or neglect, to involve them in unnecessary, penalties, or deprive them of benefits which it was in our power to bequeath.*

Para este autor, os monumentos construídos pelas gerações anteriores eram intocáveis, pois o seu trabalho conferiu aos edifícios um caráter único. As marcas que o próprio tempo impõe contam para a sua essência e o restauro pode significar a destruição completa, atentar contra a autenticidade marcada pela distância temporal e pelo espírito do artista.

Por outro lado, Viollet-le-Duc, contemporâneo de Ruskin, defendeu a intervenção de restauro do Património mesmo que essa ação implicasse a alteração do mesmo. Também avançou a hipótese mais radical de destruição de todos os acrescentos de épocas anteriores de modo a restituir cientificamente o original. Considerou necessário conduzir o monumento ao estado mais puro, mesmo que este nunca tenha existido, o que implicava que o arquiteto restaurador tivesse de se colocar na pele do projetista da obra original para dar continuidade ao trabalho, mediante documentos e desenhos ou, na sua falta, através de regras de estilo ou edifícios circundantes, sem acrescentar contributos pessoais (Viollet-Le-Duc, 2006, p. 16):

Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo a um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento.

As ideias de Le-Duc parecem indicar o caminho de uma reconfiguração ou uma alteração do património edificado com a intenção de o recolocar num estado primordial. Neste ponto, a subjetividade do restaurador poderá impor-se de forma crucial ao espírito do criador e, quem sabe, a uma adulteração do exemplar patrimonial em questão.

A conservação e o restauro parecem resultar num choque, não apenas de ideias, mas de práticas que evidenciam modos diversos de perspetivar o Património. Se a preservação do Património gerou tais ideias e confrontos, estes resultam de uma necessidade de conservar o Património urbano com vista a evitar a sua degradação e consequente desvalorização ou desaparecimento.

Atualmente respeita-se a diversidade patrimonial como fator de individualidade e de identificação em que cada vez mais se assiste à defesa do Património próximo como algo a valorizar e a proteger (Pais da Silva, 1975).

Por outro lado, perante a globalização, as pequenas comunidades também sentem a necessidade da afirmação dos seus valores, daquilo que as torna únicas e distintas, assumindo uma atitude de individualização e de demarcação dos seus fatores de identidade individualizada. Como Amin Maalouf destacou (1998, p. 116):



Atravessamos uma época bem desconcertante, no decurso da qual a mundialização aparece aos olhos de um grande número dos nossos semelhantes não como um enorme cadinho enriquecedor para todos, mas como uma uniformização empobrecedora e uma ameaça contra a qual nos devemos bater para preservar a nossa própria cultura, a nossa identidade, os nossos valores.

Desta forma, a defesa dos valores próprios também resulta do receio e da desvalorização do poder supostamente enriquecedor da globalização. Este amparo dos valores próprios das comunidades assenta no fator da identificação coletiva e do reforço da identidade.

### 1.3. Património e identidade

Na sua *Estratégia para o Património Cultural para o século XXI*, o Conselho da Europa (2017, p. 11) faz a recomendação, entre outras, que os europeus devem “basear-se no Património para afirmar e transmitir os valores fundamentais da Europa e da sociedade europeia”<sup>1</sup>, assumindo o papel estruturante do Património na construção da identidade europeia.

O Património afirma-se, no contexto europeu, como um pilar da vivência do sentimento europeu, associando-se, para o Conselho da Europa (2017, p. 11), aos valores do humanismo e da democracia:

[...] le patrimoine culturel peut contribuer, au-delà des particularités nationales, régionales ou locales, à forger et à développer chez les citoyens européens un sentiment d'appartenance et d'histoire communes, en rapport avec les valeurs européennes essentielles que sont l'humanisme et la démocratie.

Resulta desta recomendação a necessidade de entender o Património como fator de unificação e de pertença a um espaço comum, ou seja, de o entender como um fator de identidade.

Assim, a identidade pode definir-se como um conjunto de características que dão sentido ao grupo. Ela implica um sentimento de pertença a um determinado grupo étnico, cultural ou religioso, de acordo com a perceção da diferença e da semelhança entre o «ego» e o «alter», entre o «nós» e os «outros». Neste sentido, o indivíduo pode ser entendido como um ator social que procura, na relação com o outro, atributos e características com as quais se identifique e atribua significado cultural. Como se extrai da leitura de Manuel Castells (2003, p. 2), a identidade dá significado ao grupo e implica matriz cultural predominante:

Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo. No que diz respeito aos atores sociais, entendo por identidade o processo de construção do significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras formas de significado.

---

<sup>1</sup> Tradução do autor, a partir do original: “*S’appuyer sur le patrimoine pour affirmer et transmettre les valeurs fondamentales de l’Europe et de la société européenne.*”

Desta forma, a identidade é uma realidade que se constrói e modifica sob a influência de fatores históricos, biológicos, pessoais, memória coletiva, imposições, influências religiosas, entre outros (Castells, 2003). Estes fatores são reorganizados e assimilados pelos indivíduos em função de tendências sociais e projetos culturais assentes na sua matriz social, bem como na sua conceção de tempo e de espaço e nas relações que o indivíduo constrói e estabelece com os outros na edificação da identidade coletiva na qual se revê (Castells, 2003). Desta forma, pode afirmar-se que as comunidades desenvolvem o seu processo de construção de identidade tomando como referência uma constante e reproduzem a sua identidade através do apego ao seu passado cultural, mitológico, histórico, simbólico e religioso. (Santos, 1994).

O processo de construção da identidade resulta de uma dinâmica de constante definição pessoal do sujeito que processa e organiza todas as informações que lhe vão chegando; e a forma como o faz confere-lhe unidade e singularidade (Vieira, 2009, p. 44):

A construção da identidade consiste [...] em dar um significado consistente e coerente à própria existência, integrando as suas experiências passadas e presentes, com o fim de dar um sentido ao futuro. Trata-se de uma incessante definição de si próprio.

O Património pode ter inúmeras e variadas relações com a identidade (Solé, 2009; Pinto, 2015). Como atributo coletivo, o Património assume uma importância fundamental na construção da identidade social/cultural e, simultaneamente, na própria materialização da identidade de um grupo/sociedade (Choay, 2005; Peralta & Anico 2006). Para Françoise Choay (1992) o Património expressa e evidencia a identidade histórica e as vivências de uma comunidade, contribuindo para manter, salientar e preservar a identidade de um povo e de uma nação; daí o conceito de identidade nacional, de um grupo étnico, comunidade religiosa, tribo, clã ou da família.

Sobre este assunto, Amado Mendes (2009) chama a atenção para o facto da identidade não necessitar de grandiosos factos ou da inauguração de monumentos, podendo assentar em detalhes que unem e fazem erigir em seu torno elementos de uma comunidade. É isso que desperta o sentimento de pertença, que implica a identificação do sujeito com o meio em que se insere e com os referenciais patrimoniais que se destacam nesse mesmo meio.

Património e identidade são assim indissociáveis. O Património, ao ser entendido e utilizado como fonte de aprendizagem histórica, permite ao sujeito a apropriação das especificidades patrimoniais que, através dos testemunhos do passado, possibilita a 'construção do conhecimento' histórico coletivo, fazendo emergir a identidade e estabelecendo, de forma indelével, a relação entre o Património e a emergência da identidade, como atestam as palavras de Isabel Barca (2014, p.7).

O Património tem uma História, é a expressão de uma comunidade, da sua cultura nas suas especificidades e convergências ao longo do tempo, sendo por isso um fator identitário.

O Património enquanto manifestação cultural não se resume a uma simples recordação do passado, antes deve ser entendido como um fator de mobilização de capacidades e de competências que responsabilizam o sujeito. Interessa que este sujeito ganhe a consciência do benefício que pode retirar da preservação desse mesmo Património. No fundo, trata-se de preservar aquilo que ele é como sujeito, o que distingue a sua comunidade das restantes; ou seja, a sua identidade (Solé & Almeida, 2015).

Neste sentido, pode perceber-se o aparecimento de movimentos ou instituições de dimensão regional ou local com objetivos de divulgação e preservação do património local, em frentes variadas, indo do museu à escola, tornando-a incontornável cúmplice no desenvolvimento de uma consciência patrimonial. Os responsáveis pelos núcleos museológicos e Património edificado parecem assumir a necessidade de uma atitude pedagógica, que ultrapassa a mera conquista de novos públicos, pela assunção de que, através da educação, esses públicos se transformarão em cidadãos conscientes da valorização do Património; daí que se assista e preveja uma maior intensificação de esforços conjuntos entre as escolas e os espaços de divulgação patrimonial objetivando a formação desses cidadãos conscientes (Mendes, 2009).

Opinião semelhante é a referida por Luís Alves (2014, p. 71), acrescentando a importância do papel do professor nesse processo de formação:

Neste complexo processo operativo desempenhará um papel central o professor que for capaz de se integrar no espaço/comunidade educativa onde leciona e que for capaz de trazer para a sua sala de aula os recursos que saindo da identidade dos seus alunos sejam capazes de os mobilizar para colaborarem na sua procura e que os transformem em cidadãos ativos e intervenientes na preservação da sua identidade patrimonial .

Assim, segundo o autor, o professor deve ser um facilitador da mobilização dos conhecimentos dos alunos, com vista à sua formação como cidadão interventivo na comunidade em que se inserem, de modo a participar na defesa da sua identidade patrimonial.

Alguns trabalhos mais recentes desenvolvidos em Portugal, assinaladamente os de Isabel Barca (2007), Glória Solé (2009; 2015) e Helena Pinto (2011), têm vindo a indagar acerca da importância que o conhecimento da realidade patrimonial local, desenvolvido em contexto escolar, pode ter na construção de competências e atitudes associadas ao Património conseguindo estabelecer uma correlação direta entre a educação patrimonial e a educação histórica mediante o desenvolvimento da consciência patrimonial.

#### 1.4. Educação patrimonial e educação Histórica

Nos dias de hoje é importante reconhecer na escola um importante meio de desenvolvimento de competências que estimula nos alunos uma capacidade de análise e de sentido crítico sobre o que se passa à sua volta, e, neste aspeto, que seja coerente na mediação entre aquilo que pensa e a atuação relativamente ao Património.

Segundo Maria do Céu Roldão (1993), os primeiros níveis de aprendizagem da História devem estruturar-se e relacionar-se de forma concreta e evidente com base em histórias significativas do passado com personagens reais, situações da vida quotidiana, aproveitamento de vestígios históricos existentes no meio local e dramatizações, narrativas orais, biografias e reconstituição de situações concretas.

Ana Duarte (1994) avança no seu livro *Educação Patrimonial* – dedicado a professores, educadores e monitores de museus e de tempos livres –, os objetivos principais para a educação patrimonial:

- Desenvolver atitudes de preservação e animação do Património.
- Conhecer o Património da zona de inserção da escola.
- Incentivar o gosto pela descoberta.
- Compreender a História Nacional tomando como ponto de partida a História Local.

Maria do Céu Roldão (1995), invocando Dewey, defende que os alunos, antes mesmo de adquirirem informações sobre culturas diferentes da sua, devem primeiramente obter conhecimentos sobre a comunidade e o Património local.

Para respeitar e proteger o Património é necessário conhecê-lo e compreendê-lo, ato que implica a apropriação da sua envolvente histórica. António Manique e Cândida Proença (1994) defendem a ideia de que cabe à Escola ir ao encontro do Património e que este deve ser um objeto específico de estudo proporcionando o contacto entre a comunidade escolar e o meio envolvente. Assim, as realidades patrimoniais reforçam o seu sentido comunitário e são valorizadas no contexto em que estão inseridas.

Deste modo, o estudo do Património local exige o empenho por parte dos professores, dos alunos e da comunidade envolvente. Isabel Telmo (2000) sugere que o professor do 1.º CEB deve conduzir os seus alunos à investigação do Património tendo em conta os seguintes objetivos:

- Estimular o desenvolvimento da sensibilidade estética e das aptidões artísticas;

- Contribuir para o conhecimento do Património cultural e histórico, incentivando a sua defesa e enriquecimento.

Para Isabel Barca, (2015, p. 56) esta “relação entre Património e Educação é óbvia” e deve estar cada vez mais patente nos conteúdos e nas práticas da escola.

Parece assim fundamental que a Escola prepare e desenvolva competências nos alunos para o estudo das realidades patrimoniais e que desenvolva neles capacidades de investigação e de leitura histórica do Património, bem como atitudes de cidadania que se traduzam na defesa e preservação do mesmo. Noémia Félix (1998) afirma que a integração do conhecimento histórico no currículo dos primeiros anos de ensino permite aos alunos desenvolver e encontrar raízes culturais que favorecem o seu enriquecimento cultural e o desenvolvimento de competências (também competências relacionais) estimuladoras de aprendizagens novas, desde os espaços familiares à escola, e outros espaços mais alargados desenvolvendo a consciência da identidade comum.

A autora referida adianta, ainda, que o propósito do ensino da História nas escolas é o de perceber quem se é individual e coletivamente, pois a história de cada um, juntamente com a história do outro, ajuda a criar uma identidade pessoal, permite compreender as mudanças do mundo atual e a complexidade do meio envolvente tal como conhecer um passado que permite compreender e explicar as transformações do presente.

Numa investigação sobre a educação patrimonial na educação básica, levada a cabo num trabalho de campo com professores do ensino básico em 2003, Luís Rodrigues afirma a necessidade da aproximação dos alunos ao Património mais próximo de si, naquilo que lhes possa transmitir significado, sendo esta uma forma produtiva para despertar o seu interesse para a o estudo da História (Rodrigues, 2003, p. 12):

Cativar os alunos a interessarem-se pelo estudo do passado é apelar aos seus conhecimentos relativamente ao meio onde estão inseridos, falar-lhes daquilo que conhecem, que lhes é familiar, dos testemunhos de outras épocas com os quais se identificam.

Também é importante referir que “constituindo o meio familiar, a comunidade local e os meios de comunicação, fontes importantes para o conhecimento histórico dos jovens que a escola não deve ignorar, o professor deverá partir da deteção de ideias prévias, que se manifestam ao nível do senso comum e de forma muitas vezes fragmentada e desorganizada, podendo depois contribuir para a sua modificação e maior elaboração. Nesta perspetiva, a utilização, de fontes patrimoniais ligadas à história local pode também possibilitar a utilização de metodologias para uma aprendizagem significativa” (Barca, 2016, p. 28). Desta forma, o estudo do Património

próximo deve assumir um carácter urgente e premente na valorização de conteúdos tendo em vista o desenvolvimento da consciência histórica dos alunos.

A escola tem responsabilidades na formação da consciência histórica e na transformação de atitudes e comportamentos dos alunos para que ultrapassem a condição de meros expectadores e se transformem em conhecedores, defensores e divulgadores do seu Património assumindo o princípio de que o Património é um organismo vivo e que necessita de ser sentido e vivido com entusiasmo.

Helena Pinto (2015, p. 68) sustenta que para a promoção de uma educação patrimonial é fundamental:

- Proporcionar recurso e atividades desafiadoras das conceções prévias dos alunos;
- Selecionar conteúdos relacionados com a História local/regional [...];
- Usar fontes patrimoniais de forma a desenvolver a compreensão dos conceitos históricos pelos alunos [...].

Na defesa do estudo do Património local como instrumento privilegiado para a interação da escola com o meio, Helena Pinto (2012), num estudo anterior dedicado ao tema, já tinha destacado o uso de fontes patrimoniais como forma de chegar mais eficaz aos alunos (Pinto, 2011, p. 3):

A utilização, como evidência histórica, de fontes patrimoniais ligadas à História Local poderá também possibilitar a utilização de metodologias para uma aprendizagem significativa.

Os trabalhos desta investigadora (Pinto, 2003; 2011) refletem a emergência de uma consciência patrimonial ligada à educação para o Património, com recurso à aproximação à História Local e ao desenvolvimento de uma relação afetiva com o património local. Helena Pinto conclui e alerta para a necessidade do uso do Património como fonte de conhecimento. Aliás, esta é uma das dimensões que assume maior destaque na sua produção científica alusiva à temática do Património (Pinto, 2016, p. 27):

Através de um contacto direto e constante com fontes patrimoniais, nomeadamente no âmbito local, sentidos de responsabilidade em relação ao património histórico, de reflexão crítica e construtiva face às memórias das comunidades com vista à compreensão do presente.

Com este contacto direto, o sujeito relaciona-se, reflete sobre o Património e pode aperceber-se das implicações que o mesmo tem na definição da identidade da sua comunidade estabelecendo relações dinâmicas de compreensão do presente através do passado.

A educação histórica alerta, enquanto corrente baseada nas ideias de Rüsen (2006), para a urgência na articulação entre a História que os investigadores estudam e preconizam e a História que os alunos aprendem, sobretudo aquela que pode fazer sentido nas suas vidas.

Segundo este autor, a educação histórica deve debruçar-se sobre quatro aspetos essenciais, a saber:

1. A metodologia de ensino na sala de aula.
2. As funções e os usos da história na vida do dia-a-dia.
3. O estabelecimento de metas para a educação histórica nas escolas, além da verificação dos resultados das mesmas.
4. A análise geral da natureza, função e importância da consciência histórica.

Inspirada nessas ideias, Isabel Barca (2007, p. 125) conclui que é necessário concretizar um ensino que promova a ideia de que a História conta com a intervenção de pessoas “concretas” implicando interações e que levantam questões:

Resta promover a consciência da necessidade de problematizar as situações históricas, de reforçar a sua compreensão da História global e, talvez, do papel positivo de homens e mulheres concretas, enquanto sujeitos que vivem em interação, mesmo que apenas implícita, com seres e contextos de todo o mundo.

Desta forma, Isabel barca destaca que o ensino da História deve incluir pessoas reais que agiram em contexto também real valorizando a proximidade entre o aluno e o objeto de estudo. Em consonância com os pressupostos de Rüsen para a formação de um pensamento histórico que seja crítico e atuante relativamente ao meio que nos rodeia, ou seja, desenvolvendo uma consciência histórica. Uma atitude didática recomendada passa por realidades pedagógicas que proporcionem o acesso e a utilização das fontes patrimoniais e o contacto com o Património como, aliás, propõe Maria Glória Solé (2015, p. 148):

Devemos, portanto, recorrer a experiências pedagógicas que permitam o contacto direto com fontes patrimoniais, que permitam interpretar fontes históricas, questioná-las, compará-las, avaliá-las e produzir conhecimento histórico sobre o passado interagindo com o património.

Assim, o desafio heurístico de interpretação das fontes históricas patrimoniais é um dos referenciais pedagógicos propostos para abrir o caminho para a consciência patrimonial e histórica dos alunos estimulando a constante busca de soluções para os problemas.

Estes problemas de que fala a autora, não são apenas os problemas colocados do ponto de vista escolar, mas também as situações quotidianas que se colocam ao alunos no que diz respeito às atitudes, ou que atitudes tomar, quanto à comunidade e ao seu Património, mobilizando os seus

conhecimentos e competências ao nível do Património. Mas, ao certo, de que se fala quando se faz referência a uma competência?

Luís Marques Alves (2014, p. 66) refere que a competência é a capacidade que o sujeito tem para mobilizar os seus conhecimentos para apresentar soluções:

a competência passa a fazer referência a um conjunto de elementos e de saberes que o indivíduo pode mobilizar para resolver ou “encarar” uma situação, com sucesso.

Ou seja, o autor estabelece a relação entre o conhecimento e a mobilização desse conhecimento para resolver os seus problemas quotidianos, assim, a capacidade de resposta a essas situações problemáticas podem encarar-se como a manifestação prática de uma consciência patrimonial.

### **1.5. Consciência patrimonial e consciência histórica**

Segundo Michel Colardelle (1998), a consciência patrimonial é desencadeada por um processo traumático, uma reação contra o desaparecimento do Património. Também Helena Pinto (2012, p. 26) refere a consciencialização patrimonial como produto de um momento reativo à mudança na matriz cultural e ao desaparecimento paulatino de elementos valorizados pelo coletivo:

Com ritmos diversos, mas constantemente, as características culturais de todas as sociedades mudam, e as mudanças conduzem fatalmente ao desaparecimento de certos elementos até aí familiares: pessoas, comportamentos, diversos saber-fazer, paisagens construídas ou naturais. É nesses momentos que se poderá produzir a tomada de consciência patrimonial.

Pode assumir-se, então, que a consciência patrimonial é mais do que o conhecimento da existência do Património, ela encerra a mobilização desse conhecimento traduzindo-o numa atitude crítica de cidadania responsável e interventiva na defesa do Património. A consciência patrimonial é um fator de identidade, de ligação ao outro, com efeito nas relações que os sujeitos estabelecem com o meio físico e social.

O valor patrimonial é potenciado pela facilidade de comunicação proporcionada com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e pela tomada de consciência da perda irreparável que pode constituir a desvalorização do Património. Para fazer face a tais perdas, urge a formação de espíritos críticos e atuantes nos alunos, tornando-os militantes na defesa do Património e tal só poderá ser concretizado com o esforço permanente da ação do professor no desenvolvimento de capacidades e competências ao nível da consciência histórica dos alunos (Pinto, 2015).



Como já se referiu, Jarn Rüsen defende a aproximação entre a epistemologia histórica e a disciplina de História no contexto do ensino. Essa proximidade permitirá chegar a aprendizagens significativas; ou seja, partindo do contexto particular dos alunos para que estes, através das relações que, entretanto, desenvolveram, sejam capazes de expandir e sistematizar conhecimentos e competências que lhe permitirão a tomada de uma atitude reflexiva e crítica (Pinto, 2012; Santacana, 2015; Solé 2015). Nesta perspetiva, o aluno concebe, ou pelo menos será capaz de conceber, uma ideia do passado atribuindo outro significado às relações entre o pretérito e o seu presente. A relação de proximidade que estabeleceu com o Património e o significado que foi capaz de construir, permitir-lhe-á ter uma posição sobre o futuro.

Isabel Barca (2007) entende que a consciência histórica está relacionada com a atitude que o sujeito toma em relação ao seu tempo e como se posiciona relativamente ao seu meio, principalmente na forma como identifica e baseia o seu sentimento de pertença. Esse sentimento está associado, por sua vez, à capacidade de identificação com determinada matriz cultural que o sujeito acolhe e integra como sua – como que fazendo parte da sua personalidade - e, como tal, passível de ser conservada proporcionando um espólio comum ao outro num esforço coletivo de preservação da memória (Pelegrini, 2006).

Para Maria Glória Solé (2013) a consciência histórica é mais do que um simples conhecimento do passado, ela compreende a articulação de operações e processos mentais que combinam a compreensão do passado, reconhecendo o seu impacto naquilo que somos no presente e até as possíveis implicações quanto ao nosso futuro (Solé, 2015, p. 147).

O património permite-nos indagar e conhecer o passado, mas este não deve ser compreendido como uma mera recordação do mesmo, faz parte do nosso presente e da nossa identidade.

Quer isto dizer que a consciência patrimonial, enquanto força mobilizadora dos conhecimentos patrimoniais para a ação quotidiana, revela-se como fulcral para a realização de um esforço de preservação dos elementos que o sujeito e a comunidade identificam como absolutamente estruturantes da sua identidade e memória coletiva.

## **1.6. Património e memória**

O Património possui a capacidade de estimular a memória histórica das pessoas vinculadas a ele e, por isso, segundo Thaíse Rocha (2012), é alvo de estratégias que visam a sua promoção e preservação.

Jacques Le Goff (1990; 2007) afirma que a memória, ao conservar determinadas informações, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido, pois ela acaba por capacitar o homem a atualizar impressões ou informações passadas fazendo com que a História se eternize na consciência humana. Este historiador sublinha que a memória estabelece um vínculo entre as gerações humanas e o tempo histórico que as acompanha possibilitando que aos sujeitos a vivência como atores da/na História, que possuem direitos, mas também deveres para com a comunidade e o seu Património.

A memória, segundo Michael Pollak (1992), pode ser perspectivada como seletiva, pois nem tudo fica registado. Com isso pode dizer-se que a memória é construída, podendo essa construção ser consciente ou não.

Maurice Halbwachs (1990) compreende a memória como um fenómeno coletivo e social. E os elementos que constituem a memória, tanto individual quanto coletiva, são inicialmente aqueles episódios ocorridos pessoalmente e aqueles vividos pelo grupo no qual a pessoa se relaciona (Pollak, 1992).

Maria Glória Solé (2013, p. 4) destaca que “as lembranças têm o poder de manter o passado vivo”, ou seja, as memórias ou representações do passado dão sentido ao nosso presente. Assim, garante-se a capacidade de refletir sobre o passado e fazer dele motivo de aplicação nas ações, transformando-se naquilo que a historiadora destaca como “processo mental para interpretar o passado para compreender o presente e vislumbrar o futuro” (Solé, 2013, p.4). A memória assume, então, um papel fundamental na formação da consciência histórica.

Expondo as ideias de Rüsen, a especialista (Solé, 2013) destaca quatro elementos essenciais para o desenvolvimento da consciência histórica:

- Perceção de um outro tempo, inevitavelmente diferente.
- Interpretação desse tempo diferente.
- Orientação prática humana mediante a interpretação histórica efetuada.
- Motivação para a ação.

Ainda neste processo de formação de uma consciência histórica, a mesma autora salienta a importância da articulação entre os tempos – passado, presente e futuro –, pois a reflexão sobre o passado deve ser orientada para uma prática consciente e criteriosa. Neste sentido, o passado ganha uma dimensão mais profunda do que uma simples elaboração/ordenação cronológica, ou seja, o passado ganha um significado histórico.

Segundo Joan Santacana (2015, p. 48) “sem memória deixamos de ser humanos; para nós, a perda da memória é uma doença que nos despersonaliza, deixamos de saber quem somos”. Assim, o Património como instrumento de preservação da memória coletiva tem um papel a desempenhar na humanização do indivíduo e na afirmação da personalidade de um povo; uma personalidade que se manifesta nas suas elaborações/representações patrimoniais e na forma como as conserva, pois trata-se de se preservar a si e à sua identidade.

Contudo, mediante esse esforço comum de valorização do Património, coloca-se à comunidade uma questão que também pode revelar-se definidora da sua própria essência e que já foi aqui salientada quanto à multiplicidade de interpretações em épocas diferentes (Mendes, 2009): que Património preservar atendendo à evolução do conceito e à valorização/leitura que cada comunidade faz do que é o seu Património? A resposta a esta interrogação centrar-se-á nas escolhas efetuadas por cada uma das comunidades. Carla Moreira (2006, p. 129) alerta que a defesa do Património implica uma ou várias escolhas de índole cultural, social e política subjacentes à vontade de legar e ao que se pretende transmitir, pois “através do Património, o indivíduo retira um pedaço do passado, sob a forma de símbolos”.

O que transforma o pedaço de passado em Património é a faculdade inerente ao mesmo de poder representar identidades, de permitir a afirmação de laços entre os indivíduos que compõem uma comunidade e de transferir para o coletivo uma carga emocional de referência, dando significado ao pretérito e projetando o seu próprio futuro comum.

Desta forma, o passado permite a formação e a afirmação de um sentido de identidade, de pertença e de consciência da continuidade na linha temporal. Neste processo, contou com a expansão que o próprio conceito de Património conheceu ao longo dessa mesma linha temporal e com a abertura do leque de incidência, desde o cadinho da herança material transmitida por via familiar até à diversidade concetual que hoje é partilhada à escala supranacional dentro das várias vertentes patrimoniais.

## **2. A diversidade do Património**

Atualmente, a questão do Património é colocada numa nova dimensão e assume-se como elemento basilar para a afirmação da identidade cultural de cada comunidade. O espírito de salvaguarda parece constituir uma certeza nos nossos dias, assim como tudo o que possa ameaçar o Património coletivo.

A sensibilização crescente é evidenciada pelos tratados internacionais e iniciativas legislativas de salvaguarda do Património da Humanidade, ou seja, do Património que a todos diz respeito e que a todos cabe a responsabilidade de preservar.

Concretamente, as diversas Cartas e Convenções de defesa do Património encontram na sua génese o objetivo principal de preservar e evitar a destruição de um legado que é precioso. Historicamente, os vários conflitos armados provaram a pertinência dessa preocupação maior. Nesse mesmo âmbito surgiu, em 1967, a noção de Património da Humanidade.

Rèmond-Gouilloud (2000, p. 220) afirma que “o Património da Humanidade representa a consciência de um interesse planetário comum”. O alargamento para uma escala global foi acompanhado de uma expansão concetual, estendeu-se para além do âmbito do edificado e do palpável, deslocou-se também até ao campo do imaterial/ intangível. Essa expansão é refletida na *Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural*, adotada em 1972, que estipulou como Património cultural os monumentos, os conjuntos e os locais de interesse (UNESCO, 1972).

No entanto, na altura não foram recomendados os aspetos imateriais como matéria selecionável para inscrição na Lista do Património Mundial. Esse óbice foi apontado, em 1973, pela Missão Permanente da Bolívia junto da UNESCO que lembrou a necessidade de aditamento de um conjunto de novos critérios à *Convenção Universal sobre Direitos de Autor* (UNESCO, 1971) com vista à proteção específica do folclore (Bouchenaki, 2003). Conquanto esta sugestão não tivesse sido adotada, resultou numa primeira tomada de conhecimento dos aspetos imateriais do Património cultural e alertou para esta ‘lacuna’, na Convenção do Património Mundial, sublinhando a recorrência no seu esquecimento (Bouchenaki, 2003, p. 27): “*Intangible heritage remained for a long time rather neglected*”.

A partir da *Conferência Mundial sobre Políticas Culturais* que decorreu no México, em 1982, a conceção de cultura da UNESCO (2002, s/p.) passou a estar mais perto da noção da antropológica, que acabaria formalizada um pouco mais tarde:

O conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver em comunidade, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.

Assim, os aspetos culturais, como as crenças e os valores, passaram a figurar como Património a salvaguardar. Ainda em 1982 a UNESCO formalizou o Comité de Peritos para a Salvaguarda do Folclore e criou a Secção do Património Não Tangível. Tais trabalhos traduziram-se na adoção, em 1989, da *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular* (UNESCO 1989).

Esta Recomendação proporcionou o despertar para o reconhecimento da cultura tradicional e do folclore, estimulou a cooperação internacional e definiu as linhas gerais que viriam seguidas por alguns países, principalmente quanto às medidas legislativas de identificação, preservação, divulgação e proteção do Património cultural imaterial (Bouchenaki 2003).

Por outro lado, a Convenção das Nações Unidas (ONU) sobre a Diversidade Biológica (ONU, 1992) apressou a identificação do Património cultural imaterial, ao referenciá-lo no artigo 8.º, comprometendo os países signatários a atuar num quadro de proteção dos estilos de vida tradicionais:

De acordo com a sua legislação, respeitar, preservar e manter o conhecimento, as inovações e as práticas das comunidades indígenas e locais que envolvam estilos tradicionais de vida relevantes para a conservação e utilização sustentável da diversidade biológica e promover a sua aplicação mais ampla, com a aprovação e participação dos detentores desse conhecimento, inovações e práticas, e encorajar para que os benefícios derivados da utilização desse conhecimento, inovações e práticas sejam equitativamente partilhados.

É neste contexto que se tenta fazer a destriça entre tradição e folclore. O termo 'folclore' é colocado em causa por se achar inadequado pela UNESCO (1999):

Tendo em conta que o termo "folclore" tem sido geralmente considerado inadequado, mas enfatizando a importância da sua definição tal como figura na Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e do Folclore de 1989, enquanto se recomenda a realização de um estudo sobre uma terminologia mais apropriada e se continua a utilizar provisoriamente o termo "folclore" juntamente com "património oral", "conhecimentos e saberes-fazer tradicionais", "património imaterial", "formas de conhecer, ser e saber" entre outros termos, os quais, para os objectivos desta recomendação, consideram-se equivalentes "cultura tradicional e folclore" de acordo com a definição na supramencionada Recomendação de 1989.

Com a finalidade de encontrar uma nova nomenclatura para designar este tipo de património, a UNESCO submeteu em 2000 um questionário aos Estados-Membros e a várias organizações internacionais. No ano seguinte, as respostas foram debatidas na reunião *International Round Table: Intangible Cultural Heritage – Working Definitions* (UNESCO 2001) concretizando o manifestado na Recomendação de 1989 e juntando-lhe agora a imagem antropológica de "espaço cultural" (Aikawa, 2004, p. 141) mediante a adoção do termo *Património Cultural Imaterial*.

O ano de 2001 marca o início de uma 'nova Era' na preservação e, no fundo, da relação do público com o Património, pois determinou a entrada, de forma oficial e através das *Proclamações*, de nova terminologia: *Obras-primas do Património Oral e Imaterial da Humanidade*, às quais seria dada continuidade em 2003 e em 2005, altura em que é emitida a *Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade*. Assim, tipologicamente, especificam-se duas classificações de Património cultural: o material e o imaterial.

Com este reconhecimento da importância das várias manifestações culturais como fatores de identidade e de desenvolvimento dos povos, abriu-se o caminho para o reconhecimento internacional da necessidade de proteger e de divulgar tais manifestações, estas, traduzidas não apenas no Património edificado, mas também nas criações culturais, com relevo nas expressões artísticas de âmbito mais localizado, procurando prevenir e evitar o desaparecimento dessas mesmas manifestações locais (Mota, 2008).

É em tais manifestações, como refere António Vítor Carvalho (2017) “e tendo em conta os poucos traços ainda existentes que nos permitem delinear a representação memorial, na defesa do Património tangível e intangível, urge transformar o presente em ponto de encontro da recordação, da confiança e da esperança”.

### 3. O Património Local

A primeira recomendação plasmada na *Estratégia para o Património Cultural para o século XXI* (Conselho da Europa, 2017, p. 9) emanada pelo Conselho da Europa, refere que “os cidadãos e as coletividades locais” devem ser “melhor implicados” na “valorização do seu Património no quotidiano”<sup>2</sup>. Ou seja, o Conselho da Europa recomenda uma implicação individual e coletiva mais forte no sentido de responsabilizar todos nas ações de promoção e de defesa do Património. Essa implicação é essencial, segundo esta recomendação, para o impacto na valorização do Património, através da sua identificação e do seu estudo (Conselho da Europa, 2017, p. 9):

*L’implication individuelle ou collective des citoyens est l’aboutissement d’un processus qui va de la sensibilisation à la participation active à des projets d’identification, d’interprétation, d’étude et de valorisation portés par des associations et des collectivités locales.*

Deste modo, recomenda-se que o envolvimento dos cidadãos e dos Estados com a questão do Património implica uma sensibilização especial – acompanhada de um sentido de implicação individual e coletivo – mediante o desenvolvimento de projetos de identificação, interpretação, estudo/investigação, valorização/defesa do Património com relevo especial para as associações e coletividades locais.

Assim, o Património local, enquanto alvo de inevitável valorização e instrumento de representação de uma determinada comunidade, apresenta-se como intimamente ligado à formação de uma consciência da identidade e de um sentimento coletivo que potencia a patrimonialização de diversos elementos dessa comunidade também a nível local.

---

<sup>2</sup> Tradução nossa (do francês).

Como já foi abordado anteriormente, e Marta Anico salientou (2005, p. 79), a tendência crescente de patrimonialização de elementos das culturas locais tem vindo a contribuir para o alargamento da incidência do campo patrimonial que:

Integra não só o património associado a práticas culturais eruditas e elitistas, mas também um património vernacular, quotidiano, material ou intangível, relacionado com as memórias e as histórias orais, abrindo assim caminho à integração de um vasto conjunto de bens culturais na categoria de património, fruto de uma crescente elasticidade conceptual, mas também temporal.

Neste sentido, fazendo proveito da expansão do conceito de Património, a consciência patrimonial das comunidades permite valorizar elementos que considera primordiais para a afirmação da sua individualidade, e integrar na 'rede de Patrimónios' elementos até então esquecidos, como os elementos do dia-a-dia, estabelecendo novos cânones do Património acessíveis a todos os indivíduos e a todas as comunidades.

Ao mesmo tempo, assiste-se um pouco a fenómenos reativos à chamada mundialização ou globalização. Paralelamente, desenvolvem-se atitudes de preservação e até de revivalismo por parte de comunidades de dimensão local, visando a proteger e divulgar as culturas locais e, por conseguinte, afirmar as suas identidades locais e regionais, numa ação de "resgate" como lhe chamam Marta Anico e Elsa Peralta (2004, p. 9):

Estas valorização social do Património fez com que, um pouco por todo o lado, se desenvolvessem ações no sentido de resgate e ativação do Património cultural, protagonizada por vários agentes locais.

Os referidos agentes locais, para além daqueles com responsabilidade política, são compostos também, pelas populações que, atendendo à consciência histórica e patrimonial coletiva, se mobilizam para valorizar os vários elementos patrimoniais sejam eles naturais, culturais, materiais ou intangíveis. Estes registos patrimoniais individualizam a comunidade, fazendo com que "as populações reclamem a constituição de elementos patrimoniais [...] percecionados como símbolos das suas vivências singulares" (Anico & Peralta, 2004, p. 9).

Desta forma, na Era da Globalização, a multiplicação das opções converge, ao mesmo tempo, com as afirmações locais, territorializações da identidade, de singularidades, de genealogias e de memórias (Santos, 2001).

Ao confronto entre a convergência e a divergência, entre o global e o local alguns autores designam como 'glocalização' (Anico & Peralta, 2004; Carvalho, 2019).

Neste quadro entende-se a perspetiva do sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2001) sobre a existência de identidades culturais a um nível espacialmente definido. Porém, o espaço (o local e

a comunidade territorialmente definida) não deixa de colaborar nas relações de contingência entre o meio e a comunidade contribuindo para a sua caracterização cultural.

José Costa (2002) refere que a primeira conclusão da tentativa de saber qual a função do espaço na formação da identidade cultural é a afirmação de que ele regula a maneira como a cultura é produzida pelos grupos que, ao ocupá-lo, o classificam, o distinguem e o valorizam conforme a importância que ele adquire no seu quotidiano.

Como consequência, tanto a cultura local como o meio em que o indivíduo se movimenta concorrem para o desenvolvimento da sua identidade cultural.

No cenário atual em que as culturas locais refletem sinais do imposto pela globalização e as identidades revelam as marcas desse processo de “hibridização”, o local lida com o global e “reinventa-se em novas identidades” (Mota, 2008, p. 11).

Assim, quando se ouve falar em globalização o primeiro intento é ver neste fenómeno indicadores diretamente ligados aos balanços comerciais globais e às intervenções económico-financeiras participativas das multinacionais, em que as pequenas empresas se tentam também espraiair e desenvolver, ou seja, a explicação da globalização entra na dimensão do mundo das finanças e da economia que subtrai as demais evidências à sua volta.

Contudo, como afirma António Vítor Carvalho (2019, p. 49), embora desencadeado pela ação do mercado financeiro, o movimento de globalização tem implicações mais latas, inclusivamente nas manifestações locais:

O conjunto das transformações em curso decorre de um mercado financeiro global extraordinariamente ativo e acelerado pela expansão da produção industrial de tecnologias de ponta e pelo aumento dos fluxos de investimento. Ao mesmo tempo, este fenómeno tem exercido uma força de impacto intensa no ambiente, na configuração do mapa global, na informação e no próprio conhecimento. Manifestamente, as sociedades estão a ser afetadas, em todas as suas dimensões e extensões, registando-se choques nas identidades nacionais, como também no domínio das culturas locais, mesmo nas mais recônditas.

Assim, nesta época em que os laços globais parecem estreitar-se e o mundo tende a unificar-se sob uma só matriz, também se verifica que as comunidades locais tendem a absorver as generalidades, mas sem perder de vista aquilo que as torna únicas, particulares e singulares. Contudo, a lógica do efeito concha, o fechar-se sobre si mesmo, pode não ser a melhor condução a ter perante o fenómeno da globalização, como dá a entender António Vítor Carvalho (2019, p.55).



Nas últimas décadas constatou-se que nenhum país terá conseguido crescer dentro de um sistema instituído de maneira sustentada e melhorar as condições de vida dos seus cidadãos fechando-se sobre si mesmo.

Das palavras citadas *supra*, pode inferir-se que nenhum país pode viver isolado neste contexto global e, por acréscimo, entende-se que nenhum país é vazio ou imune, antes é provido de cidadãos que fazem as suas opções e que tomam decisões sobre políticas económicas, financeiras, sociais, culturais e educacionais. Os cidadãos tomam decisões, de forma articulada com outras instituições e outros povos tentando defender os seus interesses, entre os quais o da defesa da sua identidade e do seu Património, da escala local à dimensão global.

Desta feita, o conceito de Património conheceu uma evolução desde o seu étimo – que relacionava o Património com o conjunto de bens transmitidos de pais para filhos –, registando uma evolução na sua amplitude e na sua aplicação prática. Hoje o Património entende-se numa lógica individual, que também integra essa premissa etimológica de abrangência coletiva, mas determinada pela transmissão de um conjunto de bens de natureza múltipla. Acrescenta-se a dimensão da defesa, valorização e conservação que garante o Património como legado que chega às gerações vindouras enquanto elemento agregador e identitário da comunidade.

Neste âmbito, a escola desempenha um papel fundamental através da promoção da educação histórica e patrimonial na formação de cidadãos ativos e empenhados na valorização do seu Património e com consciência histórica e patrimonial. Neste âmbito, a História local afigura-se como um instrumento privilegiado neste processo.

No contexto educativo, a educação patrimonial funciona como fonte de promoção de uma consciência crítica e atuante perante o meio que envolve o aluno, transformando-o num cidadão ativo também perante o Património que o rodeia nas suas múltiplas vertentes. A escola permite relacionar a consciência patrimonial e a consciência história na medida em que o aluno, enquanto cidadão interventivo, reconhece o passado e a sua carga simbólica ligada à memória coletiva da sua comunidade – da mais restrita à mais ampla – como fator de identidade a preservar, perspetivando-se, assim, o Património como chave de ligação e de diálogo entre as várias gerações.



## **CAPÍTULO II. OS CONTEXTOS: O ALARGADO, O PEDAGÓGICO E CONJUNTURA PATRIMONIAL**

Neste capítulo faz-se a descrição do contexto alargado com ênfase em algumas evidências patrimoniais locais. Esta abordagem tem como foco principal o Património, essencialmente o edificado, que serviu de base ao desenvolvimento do Projeto. Também se apresenta o contexto pedagógico, com destaque para as turmas dos dois ciclos de ensino.

### **1. A Comunidade alargada**

Falar de Aveiro não dispensa a envolvente natural em que a cidade se insere. O estuário lagunar da Ria de Aveiro é a face visível da antiga presença das águas do mar que banharam o espaço físico que hoje constitui a cidade. Curiosamente, no presente, uma parte da cidade é chamada de “Beira-mar”. Assim, a Ria e as atividades a ela ligadas constituíram-se como um espólio patrimonial que a região hoje não pode desconhecer ou prescindir. A ria é, de facto, um Património historicamente valioso que tem de ser preservado.

Da cidade de Aveiro não se pode dizer que seja uma cidade absolutamente monumental, desde logo porque não se trata de uma cidade central ou de grandes dimensões, muito menos na época da pujante entrada do estilo Arte Nova na cidade. Cidade esta que, como afirma António Vítor Carvalho (2005, p. 20), enferma dos males do próprio país e, tal como neste:

A agricultura era o setor económico dominante em Aveiro e as atividades industrial e comercial estavam, nitidamente, pouco desenvolvidas.

Outra causa dessa pequena/média dimensão de Aveiro, mais especificamente no domínio dos materiais utilizados, residia em materiais de construção que nunca foram ricos e abundantes nesta região, como enfatizou Manuel Ferreira Rodrigues (2004, p. 30):

Em Aveiro não há pedra. Foi desde sempre um bem raro. Só ao alcance de alguns. Por isso a pedra chegou-nos sempre de fora. Chegou-nos o calhau rolado, preto, como lastro dos navios carregados de cerâmica e sal para a Ilha da Madeira. Chegou-nos de barco, por rios e canais, o grés vermelho das pedreiras de Eirol com que se construiu a muralha medieval e uma boa parte das melhores casas da cidade.

De facto, segundo o especialista referido, a construção tipo de Aveiro não era feita à base de materiais nobres, mas sim com base em materiais mais humildes como a mistura lodosa de cal e areia a que vulgarmente se chama adobe (Rodrigues, 2004, p. 34):

A pedra de Aveiro não é pedra, é adobe, um material pobre, poroso e friável, uma tosca mistura de cal, areia e lodo, que coloca [ainda hoje] sérios problemas de conservação e reutilização dos velhos edifícios.

Por outro lado, à míngua de pedra que possibilitasse edificações mais sólidas, na região de Aveiro abundou sempre o barro, em torno do qual proliferaram várias atividades industriais ligadas, entre outras, à cerâmica, à produção de tijolo, de telha e de azulejo. Ainda hoje é possível testemunhar como foram utilizados estes materiais através das várias edificações e reconstruções detetáveis no centro histórico da cidade.

Assim, não é de estranhar que em Aveiro a azulejaria e a decoração das fachadas merecessem uma atenção especial que ainda hoje verificamos, por exemplo, em Aveiro ou Ílhavo. Por outro lado, foi através da navegação que aqui chegaram, “antes do comboio e do camião” (Rodrigues, 2004, p. 30), o granito e o calcário. Por ser mais fácil de manipular/trabalhar, o calcário marca presença destacada em Aveiro, não só nas fachadas e interiores das construções religiosas (como a da atual Sé Catedral), como também nas construções de cariz civil (como o edifício dos Paços do Concelho, casas de particulares como a ‘Casa Major do Pessoa’ – atual Museu Arte Nova –, características dos finais de oitocentos e princípios de novecentos).

## **2. Património Arte Nova**

É neste contexto que se destaca a presença da Arte Nova em Aveiro. Esta expressão artística tem surpreendido e cativado vários autores pelo facto de não se tratar de uma cidade grande dimensão, pelo contrário, na visão de Manuel Ferreira Rodrigues e Óscar Graça (2016, p.1), trata-se sim de “uma pequena cidade de província, escassamente urbanizada e industrializada”. Mas o que surpreende é, ainda na perspetiva dos autores, o número assinalável de exemplos de edifícios do estilo Arte Nova, identificados e classificados em Aveiro.

Estes investigadores chamam a atenção para o facto de a Arte Nova em Aveiro se caracterizar essencialmente por uma arte de fachada, excetuando a já referida ‘Casa do Major Pessoa’. De facto, a “gramática decorativa Arte Nova” (Rodrigues & Graça, 2016, p. 12), dos edifícios de Aveiro apresenta o azulejo, o ferro forjado e a pedra de Ançã coo materiais privilegiados.

Em Aveiro destacam-se alguns exemplos de Arte Nova como a já referida Casa do Major Pessoa e o edifício da atual Fundação Jacinto de Magalhães; duas obras da autoria do arquiteto Francisco Silva Rocha. Além da fachada, estas construções apresentam uma preocupação decorativa de interior que serão os reflexos da intenção dos idealistas da Arte Nova, enquanto movimento “cultural unificador das artes, sujeitando à mesma ordem estética, num mesmo edifício, todos os domínios artísticos, da arquitetura às artes aplicadas” (Rodrigues & Graça, 2016, p. 14).

No entanto, descobre-se na cidade um espólio arquitetónico importante com características da Arte Nova com origens no início do século XX; estes exemplares apresentam uma “enorme diversidade da qualidade formal, com predomínio da deficiente compreensão global da linguagem artística, como reflexo da diminuta qualificação dos seus autores e da deficiente (in)formação e exigência dos promotores” (Rodrigues & Graça, 2016, p. 11).

A Arte Nova afirma-se, em Aveiro, a partir do instinto do ‘novo rico’ que apostou na arte da decoração em azulejaria e no trabalho em pedra calcária de Ançã. Um estilo tardio em Portugal, mas que em Aveiro alcançou uma projeção assinalável para uma cidade, volta a referir-se, de dimensão média.

Categoricamente, a Arte Nova distingue-se em Aveiro pelas características que associam os elementos materiais da região com o imaginário artístico enquadrado no meio. Como se verifica nos azulejos fabricados em Aveiro com motivos decorativos ligados à natureza: “era recorrente o uso de azulejo policromático de cores vivas nas fachadas – em frisos ou assumindo a totalidade da mesma – provenientes na sua maioria da Fábrica da Fonte Nova” (Vieira, 2015, p. 89).

Provavelmente, uma das explicações para a presença deste estilo em Aveiro, reside nessa mesma atenção dada ao Património natural da região, ou seja, os artistas socorreram-se da matéria-prima existente na região e fizeram dela o ponto de partida para a requalificação artística e arquitetónica da cidade e da região. Tanto Aveiro como Ílhavo partilharam vontades e saberes na utilização de materiais e técnicas que lhes permitem hoje a exibição de exemplares patrimoniais assinaláveis de Arte Nova, com especial expressão nas artes decorativas (Pinto & Meireles & Cambotas, 2001, p. 818):

Em comum, as duas cidades partilham o uso de materiais e técnicas inovadoras, especialmente a nível decorativo, expressando-se no uso de trabalhos minuciosos de serralharia, cantaria, marcenaria, vitrais e de estuques, desenvolvendo-se em portões, gradeamentos exteriores e interiores, mansardas, molduras de portas e janelas, colunas, florões, entre tantas outras aplicações nas suas fachadas.

Por aqui se verifica que além dos materiais rochosos que convidam à arte de trabalhar o azulejo, a pedra de Ançã e o gesso, entram também em cena a madeira e o ferro. A madeira para a decoração interior e o ferro a marcar presença nos portões, nas varandas ou mesmo em construções como o Mercado do Peixe e o Coreto do Parque Infante D. Pedro.

Em resultado desta abundância de exemplos de Património já classificado do Estilo Arte Nova em Aveiro – também para assegurar a sua preservação através da sensibilização e da criação de

roteiros turísticos para garantir a sua internacionalização – permite à cidade pertencer, hoje, à Rede Internacional de Cidades Arte Nova.

Querendo impor-se pela ostentação decorativa, a Arte Nova acabou por caracterizar e transformar a própria face da cidade, garantindo-lhe o que hoje se reconhece como um fator identitário e, por isso, um Património valioso que a cidade entendeu defender e, mais do que isso, preservar e divulgar.

É no trilho deste esforço de preservação e de sensibilização que este Projeto se insere, procurando levar até à escola e às gerações locais mais jovens, a partilha deste exemplo de Património próximo. Sublinhe-se que este Património começa hoje a ser visto de uma forma mais integrada, na senda da visão de que esta época de globalização pode conceber-se também como uma oportunidade de afirmação daquilo que nos é mais próximo, com o qual nos identificamos e que nos toca emocionalmente. Tirando partido dessa aproximação emocional, procura-se chegar a um destino educativo que distinga a capacidade que o Património tem, entre outras, de aproximar as pessoas do meio em que se inserem.

### **3. Caracterização dos contextos que acolheram o Projeto sobre o Património**

O Projeto sobre o Património à volta da escola decorreu em dois estabelecimentos de ensino diferentes, mas ambos inseridos no tecido urbano de Aveiro.

Quanto à escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ela encontra-se inserida num contexto urbano central pertencendo à união de freguesias mais populosa do concelho de Aveiro. Por outro lado, a escola do 2.º CEB localiza-se numa zona periférica da cidade. É necessário reforçar que estas escolas pertencem a agrupamentos diferentes, que ambas estão enquadradas na malha urbana, mas com características diferentes ao nível do Património (ver figura 1).

**FIGURA 1 - IMAGEM SATÉLITE DA REGIÃO DE AVEIRO**

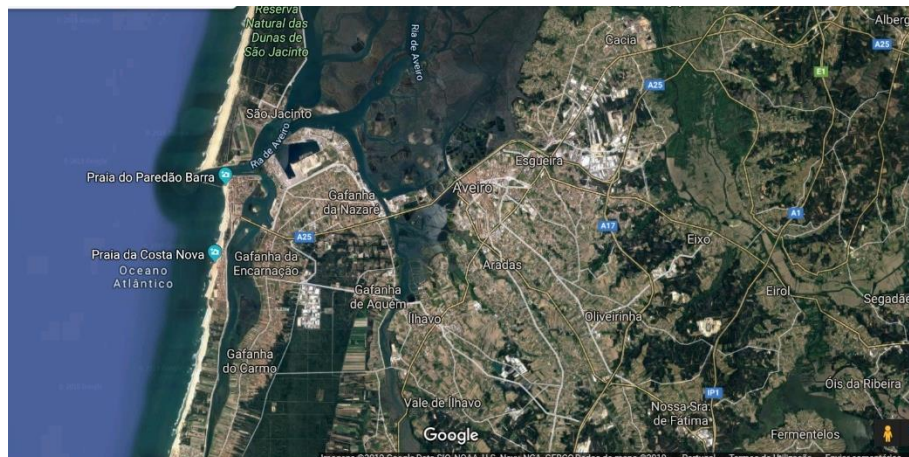


Figura 1 – Imagem satélite da região de Aveiro. Fonte: <https://www.google.com/maps>

O núcleo urbano da cidade de Aveiro concentra a maioria dos equipamentos administrativos, embora ultimamente tenha vindo a assistir-se a uma descentralização de serviços para outras freguesias (ver anexo 1).

A acrescentar a estes equipamentos, há a salientar o Património cultural e arquitetónico de Aveiro, bem como o Património natural, patente na proximidade e relação com a Ria de Aveiro, com tudo o que a laguna apresenta de características de biodiversidade.

### 3.1. Contexto educativo do 1.º CEB

A turma com a qual o Projeto foi desenvolvido no 1.º CEB era composta por 21 crianças, 12 do sexo feminino e 9 do sexo masculino (ver gráfico 1), com idades compreendidas entre os 8 e os 9 anos sendo que 19 alunos eram de nacionalidade portuguesa, havendo apenas dois discentes de nacionalidade estrangeira, um indiano e um venezuelano (ver gráfico 2). Verificou-se ainda a presença de crianças que, sendo de nacionalidade portuguesa, têm pais com nacionalidades brasileira, angolana e inglesa, dando a esta turma uma dimensão de diversidade cultural (ver gráfico 3).

Um elemento desta turma estava referenciado como aluno com Necessidades Educativas Especiais (NEE) – espectro do autismo – e recebe apoio ao abrigo do Decreto-lei 54/2018, sendo esse um apoio pedagógico diferenciado com currículo adaptado e com apoio (de professora do ensino especial) no seio do grupo. O aluno indiano é o único com o Português Língua Não Materna (PLNM) contando com o apoio de uma professora do 1.º CEB.

De acordo com Maria Iglésias Forneiro (2008, p. 229), a sala de aula assume-se hoje como um espaço multifacetado e polivalente, de modo a ser utilizado “de muitas maneiras e do qual [se]

podem extrair grandes possibilidades para a formação”. Tal polivalência permite assumir a sala de aula como fator motivador e facilitador de aprendizagens (Zabalza, 2001).

A sala de aula da turma do 1.º CEB (ver anexo 3) tem uma disposição dinâmica, ou seja, não existem determinações rígidas no tocante à distribuição dos equipamentos. Por exemplo, a posição das mesas de trabalho muda consoante as necessidades didáticas e pedagógicas e com as atividades que o docente prepara para a consecução dos objetivos definidos para as atividades a desenvolver.

Também deve referir-se a entrada da luz natural, o que não será significativo apenas em termos de poupança energética, mas também desejável, pois “a iluminação natural possui grande influência na capacidade de concentração dos alunos e no bem-estar físico dos mesmos” (Grou, 2018, p. 30).

A introdução da Flexibilidade Curricular partir do ano letivo de 2017/2018 determinou a aplicação mínima de 10% do Horário Curricular dos alunos traduzindo-se, na turma do 3.º ano, na introdução de uma nova disciplina de uma (1) hora semanal que constituiu uma oferta complementar nova, denominada “Histórias e Contos tradicionais”, que permite a exploração de vertentes ligadas à História local (Ver Anexo 4).

### 3.1.2. O Património à volta da escola do 1.º CEB

Por coincidência, a escola onde o Projeto foi desenvolvido no primeiro semestre rodeia-se de vários exemplos de Património local edificado, facilitando a concretização do Projeto.

De salientar que o Património edificado existente corresponde a várias épocas, como, por exemplo, o Antigo Convento de Jesus cujas origens remontam ao século XV, hoje conhecido como Museu de Aveiro/Santa Joana (ver figura 2).

**Figura 2 - Museu de Aveiro/Santa Joana**



Figura 2 - — Museu de Aveiro/Santa Joana. Foto do autor.

Além do conjunto arquitetónico formado pela Igreja do Convento de Santo António e pela Capela da

**Figura 3 - Igrejas de Santo António e São Francisco**



Figura 3- Conjunto arquitetónico das igrejas de Santo António e São Francisco. Foto do autor.



datados dos séculos XVI e XVII (ver figura 3), casos raros no país de construções religiosas distintas, mas que são contíguas, o Convento das Carmelitas, do século XVII, a casa do

#### **Figura 4- Palacete do Visconde da Granja**



Figura 4- Palacete do Visconde da Granja

Visconde da Granja (ver figura 4), com destaque para os painéis de azulejos de inícios do século XX, o Parque da Cidade (com o seu Coreto de estrutura em ferro, com evidências da Arte Nova) e algumas construções do início do século XX,

integradas no roteiro de Arte Nova da cidade de Aveiro

(ver anexos 5 a 15).

### **3.2. O Contexto Educativo do 2.º CEB**

O Agrupamento desenvolve um conjunto alargado de projetos, em parceria ou promovidos por outras entidades, que enriquecem as aprendizagens dos alunos e desenvolvem vários domínios sob a alçada da Educação para a Cidadania. Assumidamente, o Agrupamento aposta no Domínio de Autonomia Curricular (DAC) como reforço da sua própria autonomia.

A Prática Pedagógica no segundo semestre do ano letivo 2018/2019 desenvolveu-se em três turmas do 2.º CEB. Na primeira turma foram desenvolvidas atividades da disciplina de História e Geografia de Portugal. Na segunda turma trabalharam-se conteúdos de Português e numa terceira turma, também de Português, foi desenvolvido o Domínio da Autonomia Curricular (DAC).

A primeira das turmas referidas (de História e Geografia de Portugal) é composta por 24 alunos (14 do sexo feminino e 10 do sexo masculino) de entre os quais 4 alunos estão enquadrados em NEE sendo que um deles é proveniente da Nigéria. Existe ainda um aluno com 14 anos que acumula várias retenções.

A sala desta turma é uma sala adaptada a partir de um laboratório de Ciência Naturais, pouco aquecida e com uma disposição de mesas de trabalho tradicional tendo a particularidade de ter as mesas laterais em diagonal e a última fila toda unida. Também possui um quadro branco e um computador associado a um quadro interativo que funcionou unicamente como projetor (ver anexo 16).

A segunda turma é composta por 23 alunos (13 do género feminino e 10 do género masculino), de entre os quais dois discentes são de etnia cigana e outros de origens diversas – brasileira (1), ucraniana (1) e portuguesa (21).

De referir um procedimento comum a ambas as turmas quanto à dinâmica de sala de aula: ao entrar, os alunos sentam-se em lugares predefinidos.

A sala de aula também apresenta uma disposição tradicional com filas de mesas, um computador, um quadro branco e uma tela de projeção (ver anexo 17).

A terceira turma (com a qual se trabalhou o DAC), é uma turma mais pequena com 20 alunos (10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino). O menor número de alunos justifica-se por existir um aluno inserido em NEE, sendo acompanhado por uma professora do ensino especial. Acrescenta-se que todas as salas estão situadas no primeiro andar do mesmo bloco (ver anexo 18).

### **3.2.1. O Património à volta da Escola do 2.º CEB**

**Figura 5 - Pelourinho**



As proximidades da escola apresentam alguns exemplos de Património arquitetónico suscetíveis de interesse. Esse Património vai desde um Pelourinho do século XVIII (ver figura 5), o edifício dos antigos Paços do Concelho (cuja fachada data do século XVIII), a Igreja Matriz (Século XVII), a Santa Casa da Misericórdia (século XVII). Para além disso, salientam-se alguns exemplos de construções do início do século XX que apresentam nas suas fachadas evidências do estilo Arte Nova (Ver anexos 19 a 23).

A região de Aveiro é marcada por evidências patrimoniais de índole natural (por exemplo, a Ria de Aveiro) e de índole material com destaque para algumas construções (principalmente da Época Moderna e Contemporânea) e uma rede de Arte Nova do princípio do século XX.

A região é marcada pelas atividades ligadas à Ria, e ao mar, e por matérias-primas patenteadas em algumas edificações que constituem uma parte substancial do Património arquitetónico aveirense.

Algum do Património edificado nas proximidades das escolas onde o Projeto foi desenvolvido funcionou como fonte patrimonial e recurso ao serviço da escola no reforço da educação patrimonial e histórica.



### **CAPÍTULO III – METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO ‘PATRIMÓNIO À VOLTA DA MINHA ESCOLA’**

Neste capítulo apresenta-se, detalhadamente, o Projeto, os enquadramentos metodológico e curricular, a natureza da investigação e as diferentes etapas adotadas. Este Projeto foi precedido de um período de observação dos contextos e das relações pedagógicas estabelecidas entre os vários intervenientes. São elencadas aqui as questões de investigação e procede-se à descrição das sessões<sup>3</sup> e das propostas didáticas. Enquadra a Flexibilidade Curricular e as suas implicações na exploração curricular também no ponto de vista da educação patrimonial.

#### **1. Enquadramento metodológico**

Este estudo tem um objeto e um propósito. Portanto, sendo um estudo prático, seguiu determinados passos, critérios e orientações. De acordo com o objeto e o objetivo do estudo, a investigação deve, antes de mais, ter em conta tais critérios e orientações que levaram o investigador a escolher determinado tipo de investigação (Pardal & Correia, 1995).

Utilizou-se a metodologia qualitativa que, de acordo com Robert Bogdan e Sari Biklen (1994, p. 291), caracterizam “um método de investigação que procura descrever e analisar experiências complexas”. Pode afirmar-se, como atestam Luís Pardal e Eduardo Correia (1995, p. 17) que este método “privilegia, na análise, o caso singular e operações que não impliquem quantificação e medida”. Naturalmente, também se pode concluir que o investigador interage com os sujeitos da prática do estudo, de forma integrada e paulatina, que tem por objetivo compreender os comportamentos, as realidades e as vivências dos alunos, as suas aprendizagens e o desenvolvimento de competências. É seguindo esta orientação que o investigador participa ativamente no contexto procurando planificar ações e seguir metodologias que permitam algum tipo de mudança de comportamentos.

A este propósito, num estudo sobre metodologia de investigação, Clara Coutinho (2006, p. 5) afirma que os estudos qualitativos:

abrangem todas as situações em que as preocupações do investigador se orientam para a busca de significados pessoais, para o estudo das interações entre as pessoas e contextos, assim como formas de pensar, atitudes e perceções dos participantes no processo de ensino e aprendizagem.

---

<sup>3</sup> Neste terceiro capítulo, especialmente na descrição das sessões, a apresentação do Projeto é realizada de forma mais individual, íntima e, naturalmente, na perspetiva do professor estagiário. Deste modo, utiliza-se a primeira pessoa (excecionalmente no singular).

As palavras de Clara Coutinho refletem-se no estudo ora apresentado, já que Projeto se interessou pela forma como os alunos podem relacionar-se com o meio e com a envolvência patrimonial beneficiando de conhecimentos prévios e daqueles que foram sendo desenvolvidos.

Por outro lado, o papel do investigador foi o de tentar obter respostas para as suas questões de partida, e promover práticas que levassem os alunos a ter um papel mais ativo no desenvolvimento das suas competências, particularmente no domínio do Património.

Como destacam Robert Bogdan e Sari Biklen (1994, p. 47), na “investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal”, pois este envolve-se diretamente no ambiente de estudo e de recolha dos dados; tem de confiar grandemente naquilo que sente, nas suas impressões e na sua subjetividade nessa mesma recolha dos dados. Assim, procurou aplicar-se esta diretriz no desenvolvimento deste Projeto, na recolha dos dados e no contacto com os alunos.

Outra característica referida pelos autores citados é a de que a “investigação qualitativa é descritiva” (Bogdan & Biklen, 1994, p.48), pelo que, este Projeto optou pela descrição de fontes patrimoniais a par da enumeração das mesmas.

Robert Bogdan e Sari Biklen (1994, p. 49) também referem um outro aspeto que está relacionado com o facto de que os “investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos”.

Ora, no desenvolvimento deste Projeto impôs-se a preocupação de tentar perceber como é que os alunos iam desenvolvendo competências e iam construindo aprendizagens, de acordo com as atividades propostas. Também se valorizou a ativação dos conhecimentos prévios e as relações que se iam desenvolvendo entre os conhecimentos patrimoniais anteriores e os construídos a partir deles (por exemplo, o reconhecimento de uma determinada fonte patrimonial próxima da sua casa à qual, anteriormente, não se atribuía qualquer tipo de relevância). Também se tentou acompanhar a motivação, a implicação e a mobilização dos conhecimentos sobre o Património que revelados no decorrer das atividades.

Os autores Robert Bogdan e Sari Biklen (1994, p. 50) reforçam que “os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva”, o que também se verificou no caso deste Projeto, pois foram analisados comportamentos e aprendizagens assumindo que os alunos devem ser os sujeitos e o centro das suas próprias aprendizagens possibilitadas e estimuladas pela intervenção do professor.

Para além da natureza qualitativa deste Projeto, em que se pretendeu o desenvolvimento de competências ao nível da consciência patrimonial dos alunos, também se procurou contribuir para a melhoria das práticas docentes e desenvolver estratégias facilitadoras do processo de aprendizagem e de competências dos alunos.

Assim, no decorrer do processo, foi necessária uma postura permanentemente reflexiva e avaliativa questionando as práticas e indagando como potenciar novas estratégias investigando, planificando e executando para voltar a refletir novamente sobre o processo. Este procedimento pautou a postura adotada perante os desafios colocados pelo Projeto.

Por isso, optou-se por uma metodologia com características de investigação-ação, inevitavelmente limitada pela condicionante do tempo na concretização do Projeto.

## **2. A investigação-ação**

No que diz respeito à investigação-ação, esta envolve um estudo e uma preparação, por parte do docente com vista a melhorar a sua prática.

De acordo com Louis Cohen, que estudou a investigação-ação, em conjunto com Lawrence Manion e Keith Morrison (1997), este procedimento é essencialmente localizado, com o objetivo de trabalhar uma questão concreta focado numa situação imediata. Isto significa que o processo é permanentemente questionado em benefício do próprio processo (Cohen & Manion & Morrison, 2007, p. 223):

Um procedimento essencialmente *in loco*, com vista a lidar com um problema concreto localizado numa situação imediata. Isto significa que o processo é constantemente controlado passo a passo (isto é, numa situação ideal), durante períodos de tempo variáveis, através de diversos mecanismos (questionários, diários, entrevistas e estudos de casos, por exemplo), de modo que os resultados subsequentes possam ser traduzidos em modificações, ajustamentos, mudanças de direção, redefinições, de acordo com as necessidades, de modo a trazer vantagens duradouras ao próprio processo em curso.

Portanto, a realização de um estudo empregando uma investigação-ação implica planejar, atuar, observar e refletir de forma contínua e mais aprofundada, no sentido de provocar “melhorias nas práticas e um melhor conhecimento dos práticos acerca das suas práticas” (Coutinho *et al.*, 2009, p. 363) com o objetivo de construir aprendizagens com os alunos.

António Nóvoa (2009, p. 12) destaca que “quando se fala de aprendizagens, fala-se, inevitavelmente, de professores”. Em consequência dessa constatação, parece necessário que a ação docente se fundamente em princípios científicos que lhe permitam favorecer as

aprendizagens dos seus alunos e, despertar a sua atitude crítica que é fundamental para fazer reflexões para a integração das melhores práticas.

Como destaca Isabel Alarcão (2001, p. 26), ser professor-investigador é “primeiro que tudo ter uma atitude de estar na profissão como intelectual que criticamente questiona e se questiona”, é ter capacidade “de se organizar para, perante uma situação problemática, se questionar intencionalmente e sistematicamente com vista à sua compreensão e posterior solução”. Isto quer dizer que o professor deve ter uma atitude de permanente questionamento das práticas que utiliza, para desenvolver melhor as capacidades dos seus alunos.

Segundo Antonio Latorre (2003), a metodologia de investigação-ação deve ser entendida como um processo de intervenção na prática profissional docente com o objetivo de possibilitar uma melhoria do próprio processo.

Por seu lado, Stephen Kemmis e Robin McTaggart (1988) destacaram as características fundamentais deste tipo de pesquisa: (a) participativa – as pessoas envolvidas trabalham com a intenção de melhorar suas próprias práticas; (b) introspetiva e cíclica – porque deve ser planeada, posta em ação, observada e refletida; (c) colaborativa – envolver as pessoas participantes no processo; (d) cria comunidades de autocritica em todas as fases do processo; (e) um processo de aprendizagem sistemático orientado para a prática; (f) induz a teorização da prática; (g) testa práticas, ideias e pressupostos; (h) requer um registo da prática e da sua reflexão; (i) realiza análises críticas de situações; (j) impulsiona mudanças de uma forma progressiva.

Esta caracterização exposta no parágrafo acima vai ao encontro da afirmação de António Esteves (2009, p. 271) que caracteriza a investigação-ação como um processo de “carácter complexo” ao “organizar-se em função de [vários] objetivos” e um “processo coletivo” ao envolver “não só o coletivo dos investigadores mas também a sociedade”.

Bartolomé Pina (1986) sugere a investigação-ação como um processo reflexivo que une a investigação, a ação e a formação, realizado pelos profissionais docentes e das ciências sociais mediante a sua própria prática. Em síntese, uma investigação com as características da investigação-ação é identificada pelo seu cunho de pesquisa e reflexão que almeja uma transformação de comportamentos e atitudes apontando à melhoria da prática através da reflexão e da atuação sobre a mesma.

Assim, este Projeto enquadra-se numa metodologia do tipo investigação-ação porque se trata de um trabalho dividido em várias fases, a saber:



- Planificação, com a identificação do tema a investigar; neste caso, estratégias promotoras do desenvolvimento de conhecimentos sobre o Património a par do desenvolvimento de uma consciência histórica e patrimonial.
- Definição de questões e objetivos de investigação a partir dos conhecimentos prévios dos alunos.
- Reflexão sobre os dados fornecidos pelos instrumentos de recolha acerca das informações e conhecimentos prévios dos alunos.
- Identificação das fontes patrimoniais próximas a usar como recurso didático para o aperfeiçoamento de estratégias e atividades.
- Investigação para desenvolver as melhores estratégias para o desenvolvimento de competências ao nível da consciência patrimonial dos alunos a partir do Património à volta da escola.
- Execução de estratégias de ação através da seleção/produção de materiais e desenvolvimento de práticas didáticas e pedagógicas, em consonância com o currículo escolar, alargando-as às possibilidades oferecidas pela Flexibilidade Curricular.
- Observação controlada através de diferentes instrumentos de recolha de dados atendendo à “produção do saber, através da reflexão sobre a ação, proporcionando assim, um aumento do conhecimento [...] na situação e contexto investigado” (Amado, 2017, p.190).
- Reflexão, de acordo com a análise dos dados recolhidos, e interpretação dos resultados.

O desenvolvimento deste trabalho de campo pretendeu uma “modificação da realidade social e a formação ou desenvolvimento dos participantes [alunos]” (Amado, 2017, p.190). Procurou-se, então, não só o alargamento de conhecimentos ao nível do Património, mas sobretudo uma mudança de comportamentos em relação ao mesmo e sempre esperando o desenvolvimento de uma consciência patrimonial que permitisse ao aluno a mobilização dos conhecimentos para pensar e agir criticamente e plenamente consciente do seu papel perante o Património.

Assim, este Projeto propôs-se refletir e atuar além da sala de aula, motivo pelo qual saiu à rua dando a oportunidade aos alunos de lidar com o Património que os envolve e permitindo que o sentissem e que o tocassem objetivando a criação das suas próprias representações e, no fundo – como referem Glória Solé (2009), Helena Pinto (2011) e Joan Santacana (2015) –, estabelecer laços afetivos. Por esta via, procurar acalantar o desejo de ‘construção de conhecimentos’ e o desencadeamento de mudanças de atitude face ao Património próximo.

Como é evidente, sendo este Projeto integrado na prática docente, do ponto de vista de um professor estagiário, teve se proceder ao seu enquadramento curricular, ou seja, procurou-se articular o Projeto com as determinações dos documentos orientadores educativos.

### 3. Enquadramento curricular do Projeto de intervenção didática

A relação entre o estudo do Património e o ensino (no 1.º CEB) encontra-se plasmada na área disciplinar do Estudo do Meio implicando que o aluno deva partir à descoberta de si mesmo, dos outros e das instituições, do ambiente natural, das inter-relações espaciais, dos materiais e objetos e das inter-relações entre a natureza e a sociedade. Esta orientação curricular destaca a vertente do Património como fonte de aprendizagens e como recurso didático que deve constar da planificação das estratégias educativas (PME, 2013).

Também na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro) a escola deve promover o “conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e culturas portuguesas” (Art. 7.º, alínea g). Já na Organização Curricular e Programas do 1.º ciclo, o programa de Estudo do Meio evidencia três objetivos que apontam para o estudo e aprendizagem da História no 1.º ciclo (Ministério da Educação, 2006, p. 112):

- Estruturar o conhecimento de si próprio, desenvolvendo atitudes de autoestima e de autoconfiança e valorizando a sua identidade e raízes;
- Desenvolver e estruturar noções de espaço e de tempo e identificar alguns elementos relativos à História e à Geografia de Portugal;
- Reconhecer e valorizar o seu património histórico e cultural e desenvolver o respeito por outros povos e culturas rejeitando qualquer tipo de discriminação.

Portanto, cumpre ao professor a planificação e o desenvolvimento de recursos e estratégias facilitadoras do desenvolvimento de capacidades e de atitudes de valorização das próprias raízes dos alunos. Deduz-se daqui, que não poderá ser o professor a desenvolver essas competências no lugar dos alunos. Ele possibilitará a criação de aprendizagens, a construção do conhecimento e o reconhecimento do Património como um instrumento e motor do desenvolvimento pessoal.

Relativamente ao 2.º CEB, o Património é mencionado na secção “Lazer e Património” do Programa de História e Geografia de Portugal que contempla os objetivos seguintes (Ministério da Educação, 2007, p. 28):

Compreender a importância da preservação do património

1. Identificar diferentes tipos de património.
2. Localizar diferentes áreas de proteção da natureza.
3. Explicar a importância das áreas protegidas na preservação do património ambiental.
4. Identificar medidas de preservação do património.

A forma isolada e destacada como esta referência aparece exposta neste texto, não permite perceber que, olhando para o documento oficial de forma integrada, o Património é referido de

forma algo subsidiária, e no final do Programa, associado ao lazer, ou seja, mais como fonte de recreação e não como fonte de aprendizagem.

Como referido anteriormente neste trabalho, a compreensão da função/importância do Património deve passar pelo seu reconhecimento como algo que faz parte do dia-a-dia da comunidade em que se está inserido. Partindo desse reconhecimento, caberá ao professor conceber as estratégias para proporcionar as aprendizagens.

Contudo, as oportunidades e as possibilidades de exploração e de desenvolvimento de atividades conducentes à construção de aprendizagens e à promoção de competências relativamente ao Património, não podem ser entendidas como algo menor no contexto curricular (apesar da referência sumária que merecem no documento oficial orientador das aprendizagens do 2.º CEB, ainda para mais com a janela de oportunidade trazida a terreiro pela Flexibilidade Curricular).

A Flexibilidade Curricular veio permitir às escolas uma autonomia maior na elaboração de projetos no desenho de novas disciplinas. Este novo enquadramento legal aprofunda as aprendizagens integradas e interdisciplinares. Evita redundâncias de conteúdos curriculares e concentra esforços no essencial das aprendizagens de forma inter e transdisciplinar.

#### **4. Flexibilidade Curricular**

À luz da legislação vigente, segundo o Ministério da Educação (2017), define-se o Currículo como um:

Conjunto de conhecimentos, capacidades e atitudes constantes nos documentos curriculares, designadamente nas «Aprendizagens essenciais», a partir dos quais as escolas definem as suas opções curriculares com vista à aquisição do conjunto de competências definidas no «Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória».

O Ministério da Educação entende que se deve dar lugar a uma flexibilização, no âmbito de uma maior autonomia das escolas, com o intuito de que estas possam valorizar o que é por elas é entendido como digno de valorização em função e em conformidade com o meio em que estão inseridas. Neste sentido, foi legalmente enquadrado um regime de flexibilização curricular que permite às escolas gerir, numa amplitude entre 10% e 25%, a mancha horária das turmas.

Assim, é dada à escola a possibilidade de introduzir no currículo áreas singulares que possam contribuir para as aprendizagens dos alunos e sob um espírito de promoção da melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

Deste modo, entendeu a o Ministério da Educação (2017) proporcionar às escolas:

A possibilidade de participar no desenvolvimento curricular, estabelecendo prioridades na apropriação contextualizada do currículo e assumindo a diversidade ao encontrar as opções que melhor se adequem aos desafios do seu projeto educativo, é sustentar a política educativa na conjugação de três elementos fundamentais: autonomia, confiança e responsabilidade.

É mediante este enquadramento legal que se estrutura a Flexibilidade Curricular e se enquadra a possibilidade dada à escola para gerir o currículo dos ensinos básico e secundário, a partir do currículo de base, permitindo o enriquecimento do currículo com conhecimentos, capacidades e atitudes que contribuam para alcançar as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

Desta forma, a escola tem o poder de assumir a sua própria matriz identitária associada ao local e ao regional, nomeadamente ao olhar para o meio e apostando na sua valorização, ou seja, apoiar-se naquilo que mais lhe é mais próximo para com isso criar mecanismos pedagógicos e didáticos facilitadores das aprendizagens dos seus alunos em articulação com o meio que os rodeia.

Com vista a concretizar esta autonomia, podem as escolas criar, ao abrigo do artigo 6.º do despacho ministerial, disciplinas novas com enquadramento próprio no Projeto educativo, e em função dos objetivos da escola ou da relação que esta estabelece com o contexto económico e social em que está inserida.

Assim, é perfeitamente compreensível que o Património – independentemente das particularidades natureza patrimonial cultural ou natural, material ou imaterial – ganhe relevo como elemento agregador de atenção por parte da escola, dos alunos e dos professores, revelando capacidade para potenciar a necessária transversalidade das áreas disciplinares e garantir a integração curricular do conjunto das competências a desenvolver por parte dos alunos.

Aliás, esta vertente integradora está bem patente no Despacho que traça as orientações para a Flexibilidade Curricular destacando a necessidade da “conceção de um currículo integrador, que agregue todas as atividades e projetos da escola, assumindo-os como fonte de aprendizagem e de desenvolvimento de competências pelos alunos” (Ministério da Educação, Despacho n.º 5907/2017).

Por esta via, é de salientar que aos professores é também exigida a intensificação do trabalho colaborativo na planificação, execução e avaliação dos projetos a concretizar. Estes projetos devem ser adequados às características dos alunos e enquadrados no currículo e no Projeto Educativo da escola. Desta maneira, salvaguarda-se que os projetos a desenvolver tenham articulação, não só com as áreas curriculares das disciplinas, mas também com o significado das aprendizagens a desenvolver.

O enquadramento legal da Flexibilidade Curricular assume que se deve valorizar uma metodologia didática de promoção das artes, das ciências, do desporto e da integração dos elementos de âmbito regional e local, o que pode ser favorecido com uma pedagogia baseada na descoberta e no questionamento, promotora da proximidade entre o aluno e a aprendizagem.

Este enquadramento legal assenta em três eixos principais: a) Adequação; b) Contextualização; c) Interdisciplinaridade.

- a) Adequação dos conteúdos propostos no âmbito da flexibilidade, às competências a desenvolver e que são exigidas no perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória e adequação aos próprios alunos, para que as propostas de trabalho sejam passíveis de cumprir para a sua formação e desenvolvimento de competências e aprendizagens.
- b) Contextualização porque no estabelecimento de uma relação simbiótica entre a escola e o meio em que esta se insere, permitindo e favorecendo um clima de integração de aprendizagens significativas articuladas em estreita cooperação com as potencialidades do meio: explorando essas potencialidades, contribuindo para a preservação e divulgação das características locais e regionais, reforçando a capacidade de afirmação da escola como veículo de desenvolvimento individual e coletivo.
- c) Interdisciplinaridade, no estímulo da cooperação entre as várias áreas curriculares e os diversos docentes numa alusão evidente à correlação dos conteúdos curriculares. O professor deixa de ser o protagonista das aprendizagens transferindo-se esse protagonismo para o aluno. Este é estimulado a desenvolver as suas pesquisas, de modo a executar projetos e integrar os vários saberes e contando com a articulação entre os vários docentes.

## **5. Apresentação do Projeto**

O título do Projeto – ‘Património à volta da minha escola’ – nasceu durante o processo de desenvolvimento do mesmo, ou seja, não foi algo antecipado ou pensado de forma prévia. Considera-se este facto como positivo, já que permitiu estar atento ao desenvolvimento do Projeto enquanto processo e centrar mais o sobre as metas que se iam cruzando do que propriamente cair na tentação de ‘queimar etapas’ na busca ansiosa de resultados. Assim, a designação emergiu da reflexão realizada sobre o Património enquanto fonte de aprendizagem, e, principalmente, o Património que se podia vislumbrar em torno da própria escola.

A nomenclatura assumida, enfatiza a fonte patrimonial próxima da escola como recurso ao serviço da mesma, dispensando logísticas exageradas ou gastos financeiros que não são despiciendo no momento de planificar e executar atividades que pressuponham visitas de estudo.

Assim, este título constitui o mote de orientação didática e epistemológica e exemplifica todo o Projeto porque transmite a simbiose entre o meio e a escola. Alunos, professores e sociedade em geral têm a possibilidade de olhar e sentir o quotidiano e o espaço de maneira diferente – que pode ir de uma varanda a um azulejo, de uma janela a um brasão de armas... –, aprender e ensinar juntos, criar laços e estabelecer um diálogo interativo.

No decorrer de dois semestres destinados à concretização deste Projeto foram desenvolvidas trinta e uma sessões, divididas entre vinte e duas sessões de trabalho com uma turma do 3.º Ano do 1.º CEB e nove sessões de trabalho com um grupo de alunos de uma turma do 6.º Ano do 2.º CEB.

O Projeto teve início no dia 24 de outubro de 2018 e desenrolou-se no 1.º CEB até ao dia 15 de janeiro de 2019. Deu-se continuidade ao Projeto, ainda no 2.º CEB, com o desenvolvimento de atividades entre os dias 1 de abril de 2019 e o dia 7 de junho de 2019.

Optou-se pela extensão do Projeto no tempo tendo em conta com motivações de vária ordem, desde logo motivadas com a ambição plasmada num dos objetivos primeiros e principais: o desenvolvimento ou, pelo menos, a perceção do desenvolvimento de competências ao nível de uma consciência patrimonial; objetivo que não é exequível apenas com um trabalho de poucas sessões. Como se referiu anteriormente, a consciência patrimonial está diretamente relacionada com a mudança de comportamentos e atitudes face ao meio, com o enraizamento e mobilização dos conhecimentos sobre o Património aplicados ao nosso quotidiano.

Salienta-se que algumas sessões desenvolveram-se no mesmo dia, pois entendeu-se como oportuno manter uma certa coerência e sequencialidade nas atividades. Por outro lado, a transversalidade da temática obrigou ao estabelecimento de um plano que fosse contemplando as várias áreas curriculares (o que podia acontecer no mesmo dia, ou não).

Também importa referir que, devido ao desafio lançado para o concurso do *Kamishibai plurilingue*<sup>4</sup>, foi tida em conta a coordenação de esforços que envolveram a necessária

---

<sup>4</sup>A realização do *Kamishibai plurilingue* foi levada a efeito para dar resposta ao desafio lançado pela Universidade de Aveiro no sentido de participarmos num concurso internacional. A sua execução foi concretizada pela diáde envolvida no estágio.

transversalidade curricular. Uma vez que várias atividades exigiram a execução plástica, a par da elaboração textual, recorreu-se a várias estratégias na utilização dos recursos, o que implicou a reorganização permanente do trabalho e dinâmica das turmas, nomeadamente o trabalho em pares e em grupo mais alargado.

O desenvolvimento do Projeto de intervenção ambicionou sensibilizar os alunos para os vários exemplos patrimoniais que envolvem a escola, promover uma reinterpretação desses exemplos e estimular uma representação gráfica derivada de um olhar pessoal, novo e próprio. O objetivo principal apontou para o reconhecimento desse Património como parte integrante do meio como um fator de identidade da comunidade, que lhes permitisse identificar e apontar – ‘Ao pé da minha escola fica tal edifício ou construção...’.

Assim, este Projeto procurou, também, estabelecer a observação consciente do Património, uma possibilidade entre o estar atento ou ignorar, proteger ou negligenciar, divulgar ou omitir, mas sempre com o fator conhecimento como descodificador e mobilizador para essa atitude refletida e intencional, agora e no futuro destes alunos, num passo pequeno, mas seguro, para o exercício da cidadania consciente e crítica.

Assim, numa primeira fase, pretendeu-se conduzir os alunos à descoberta do património próximo; identificar, inventariar, criar um roteiro e reconhecer esse roteiro como plausível de ser realizado noutros contextos como o familiar e, quem sabe, transformar alguns destes alunos em cicerones desse roteiro.

As sessões desenvolvidas tiveram subjacentes os vários objetivos pedagógico-didáticos gerais do Projeto, que serão aqui apresentados na descrição das sessões.

## **6. Intervenção pedagógica ao nível do património**

### **6.1. Período de observação**

A fase inicial refere-se ao período de observação do contexto socioeducativo, em que o objetivo era aprofundar os conhecimentos sobre o Agrupamento, a escola e a turma; identificar a problemática presente e analisar a produção científica com vista a definir um tema de investigação e a construir um Plano de Intervenção. Deste modo, nesta primeira fase, recolheram-se dados para a caracterização do contexto educativo.

O diagnóstico das aprendizagens dos alunos foi feito a partir da construção e preenchimento de grelhas individuais de observação. Estas grelhas foram elaboradas de acordo com as competências essenciais de cada área, competências sociais e do bem-estar físico e emocional

patenteado pelos alunos. Os dados obtidos foram fundamentais para a obtenção de informação sobre a forma como os alunos olhavam para a escola e como se sentiam em relação ao desenvolvimento de competências em cada uma das áreas disciplinares.

Mas, recordando o objetivo de trabalhar de forma interdisciplinar o tema do Património, também foi necessário registar os interesses das áreas disciplinares dos alunos, até porque o foco principal do Projeto foi o de desenvolver competências e fomentar aprendizagens. Como ponto de partida para conhecer os interesses e relacionamento dos alunos com a escola e as áreas disciplinares procedeu-se ao registo dos interesses alunos, por área disciplinar.

Uma das leituras que mais se evidenciou foi o facto de a maior parte dos alunos responder que a área disciplinar favorita era a de Estudo do Meio. Este indicador poderia facilitar, à partida, o desenvolvimento do Projeto, já que o estudo do Património faz parte das Metas curriculares do 1.º CEB. Para Maria Freitas e Graça Carvalho (2010, p. 31), a área disciplinar de Estudo do Meio

Tem, como nenhuma outra das disciplinas dos primeiros quatro anos de escolaridade, responsabilidade na construção dos quatro “pilares” da educação enunciados no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI [...]: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; aprender a ser.

As autoras mostram, então, que o Estudo do Meio pode ser considerado como eixo estruturante do currículo do 1.º ciclo devido às suas potencialidades.

A leitura e a análise dos registos coincidiram com conversas informais desenvolvidas com os alunos fora da sala de aula. Ao mesmo tempo ia refletiu-se sobre a importância da interdisciplinaridade do Estudo do Meio.

Maria do Céu Roldão (1995, p. 41) já havia referido que o Estudo do Meio, comparativamente às restantes áreas curriculares, “oferece uma variedade de conteúdos objetivos, suscetíveis de se organizarem em temas aglutinadores de outras áreas programáticas”. Deste modo, os temas estudados em Estudo do Meio podem constituir-se também em áreas integradoras, permitindo e favorecendo a articulação de diferentes saberes provenientes de várias áreas, não apenas o Português e a Matemática, mas convidando também a integração, por exemplo das áreas das expressões.

Assim o período de observação caracterizou-se pela observação propriamente dita, pela recolha de informação e investigação dos pressupostos curriculares orientadores da ação docente. Como afirma Albano Estrela (2001, p. 61), a “observação de situações educativas continua a ser um dos pilares da formação de professores, no entanto, as perspetivas atuais da sua utilização implicam uma rutura metodológica”. Essa rutura, talvez se prenda com a dificuldade que o professor



estagiário sente na adequação de estratégias à prática, sentindo, por vezes, um desfasamento entre a teoria e prática com a qual são confrontados.

Na realidade, este período de observação foi uma oportunidade que o professor estagiário teve para conhecer o campo de ação e os seus atores, para preparar e fundamentar instrumentos didáticos adequados a situações pedagógicas previsíveis e inusitadas que teve pela frente e sempre com o propósito de melhorar a sua ação pedagógica.

Em função do objetivo de melhoria da prática docente, o professor deve delinear as estratégias adequadas ao desenvolvimento de uma ação pedagógica e didática facilitadora do processo de ensino e aprendizagem começando, desde logo, pela observação da relação pedagógica estabelecida, observação essa que pode começar pela não participação.

Louis Cohen, Lawrence Manion e Keith Morrison (2007) sugerem que a melhor forma de ser um observador não participante implica que este se posicione ao fundo da sala e que registe tudo o que acontece naquele momento. De todo o modo, ressalve-se que também é difícil para os alunos observados prestar informações precisas e agir sempre da mesma maneira em função dos interesses do observador (Robson, 2005).

Os investigadores Isabel Alarcão e José Tavares (2010) sublinham que observar é um dos principais objetivos da supervisão dado que ao observarmos temos como objetivo melhorar o ensino e a aprendizagem e, deste modo, não perder de vista o foco principal da ação educativa. Também se acrescenta que a observação direta sofre da maleita da subjetividade, da própria ideia prévia que o investigador tem sobre a realidade que estuda e dos fins que o seu trabalho pretende atingir.

Foi a partir deste exercício de reflexão que se estabeleceram as linhas orientadoras da prática e a integração dos objetivos do Projeto tendo em conta a sua articulação com os objetivos de aprendizagem dos alunos, e os critérios curriculares oficiais com o objetivo final de desenvolver uma consciência patrimonial.

## **6.2. Questões e objetivos da investigação**

Realizada esta reflexão, com impacto na aprendizagem do professor estagiário sobre o que pretendia e era exigido para a concretização do Projeto, emergiram algumas interrogações: ‘Como desenvolver o Projeto nesta turma?’; ‘Como trabalhar o tema do Patrimônio?’ Para responder a estas questões de fundo foram formuladas ainda outras questões de base durante este processo de aprendizagem (dos alunos e do professor estagiário): ‘Que conhecimentos têm

estes alunos sobre o Património?'; 'Quais as melhores estratégias para a construção de competências ao nível da consciência patrimonial?'

A resposta à primeira questão assumiu-se como crucial para poder avançar com as estratégias adequadas e desenvolver instrumentos que permitissem a implementação deste Projeto sobre o Património. A ideia de base do Projeto era a de que o Património poderia ser um elemento mobilizador para outras aprendizagens integrando várias áreas disciplinares. Contudo, no decurso das orientações e reflexões realizadas em conjunto com o orientador de estágio, alterou-se essa perceção e chegou-se à ideia de que o Património é algo mais do que um agente, ou um simples mobilizador, mas antes um eixo à volta do qual tudo pode ser inserido.

Recorde-se que o Património integra “todos os bens que, sendo testemunhos [...] portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização” (Art. 2.º da Lei de Bases do Património Cultural Português, 2001). Partindo desta orientação legal, assumiram-se as potencialidades e as problematizações que o tema do Património tem vindo a colocar aos investigadores que se traduzem na necessidade do desenvolvimento de capacidades nos alunos e de operar transformações ao nível do comportamento e das atitudes perante o Património. Como reforçaram Pedro Manique e Cândida Proença (1994, p. 54).

O Património é um problema que invade a escola e requer dela uma resposta adequada, um tratamento pedagógico e didático que motive os alunos para as realidades patrimoniais e que desenvolva neles capacidades de investigação e de «leitura» histórica do património, bem como atitudes de cidadania que se traduzam na defesa e preservação do que constitui parte integrante e significativa do percurso temporal da sociedade em que se inserem”.

Contudo, parece que o Património, mais do que “um problema que invade a escola”, pode ser um contributo, um instrumento de problematizações que induzem o desenvolvimento de competências dos alunos, ao nível da atitude e do comprometimento com a preservação do Património.

Este Projeto teve como móbil principal a promoção do desenvolvimento de competências nos alunos, ao nível da educação patrimonial, pois, como já foi avançado anteriormente, num mundo em constante mudança em que até o próprio conceito de Património vai evoluindo e ganhando novos significados e novas abrangências, sente-se a necessidade de delinear estratégias que permitam, também, mudanças nos próprios alunos; mudanças alicerçadas na construção e desenvolvimento de conhecimento e de consciência sobre o Património.

Com vista à construção de aprendizagens sobre o Património, entendeu-se que os alunos devem lançar mão do que lhes é mais próximo, seguindo algumas sugestões acordadas com o meu

orientador e apresentadas pelas investigações mencionadas anteriormente – Barca (2007), Solé (2009; 2015) e Pinto (2011) – com o objetivo de criar atitudes de valorização e de preservação aliadas à crítica e ao questionamento permanentes sobre as opções concretizadas sobre o Património que nos rodeia. Ou seja, este Projeto também teve como objetivo dar alguns passos na formação de cidadãos que opinem de forma crítica e fundamentada sobre o que acontece ao nosso Património. Para isso, começou-se por desenvolver estratégias que permitissem reforçar a mensagem de que a opinião conta e é importante.

De facto, o ponto de vista dos alunos é realmente importante e deve ser tido em conta. Devemos promover o confronto ideias, partilhar pensamentos e procurar conhecer a complexidade das relações humanas, ecológicas, políticas e económicas, para descobrir novas formas de pensar e de agir (Zhao, 2009, p. 14).

Desta forma, as questões fundamentais a que este Projeto de intervenção tentou responder prenderam-se exatamente com os conhecimentos dos alunos sobre o Património. Importava partir desses conhecimentos e assim, desenvolver uma consciência patrimonial, ou seja, à luz das investigações de Jarn Rüsen (2006), Isabel Barca (2007), Maria Glória Solé (2009), e Helena Pinto (2011), procurar a aplicação quotidiana dos conhecimentos que os alunos têm acerca do Património, as representações que dele fazem e a mobilização dessas representações.

Sinteticamente, pode assumir-se que os desafios principais a que este Projeto procurou dar resposta foram a avaliação dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o Património, que estratégias podiam ser mobilizadas para construir novos conhecimentos, conseguir chegar a uma consciência patrimonial nestes alunos e quais as aprendizagens realizadas durante o processo, num contexto interdisciplinar.

## **7.Métodos e Técnicas de recolha de dados, análise e interpretação de dados**

Apresentam-se, de seguida, os métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados nas diferentes fases em que foram utilizados.

A recolha de dados na investigação em Ciências Sociais envolve, segundo Helena Pinto (2012, p. 171), várias técnicas: o inquérito, por entrevista (inquérito oral) ou por questionário (inquérito escrito); a observação direta participante ou não participante e a análise documental. No entanto, é comum a utilização/combinação de diferentes técnicas numa só investigação.

### 7.1. Questionários

O questionário pode apresentar alguns problemas relacionados com o facto de o inquirido poder ser influenciado a querer dar uma boa imagem de si respondendo àquilo que o investigador quer saber. Por isso, o cuidado na sua elaboração deve ser o maior possível (Pinto, 2012).

Por outro lado, o facto de o questionário ser escrito pode levar a que o aluno não mobilize os seus conhecimentos. O investigador deve ter em atenção as dificuldades reveladas na expressão escrita, proporcionando a possibilidade de resposta sob a forma de expressão oral.

Assim, para além dos registos orais e de observação, foi elaborado um instrumento que permitiu traçar um quadro de referência dos conhecimentos que os alunos tinham sobre Património, um questionário (ver anexo 24) com algumas questões sobre:

- a) Que conceito ou definição os alunos tinham de Património?
- b) Que exemplos de Património me podiam dar?
- c) Que exemplos de Património de Aveiro me sabiam dar?
- d) Que exemplos de Património à volta da escola me podiam apontar?

O objetivo principal deste questionário foi o de procurar saber exatamente em que ponto estavam os alunos em relação ao Património na fase inicial do desenvolvimento do Projeto e assim, poder traçar linhas orientadoras para o desenvolvimento do mesmo.

Efetivamente, este questionário haveria de resultar num instrumento poderoso não só para conhecer o ponto de partida, mas também para avaliar o em termos de avaliação do Projeto no ponto de chegada. No final, os alunos responderam a um questionário semelhante que permitiu estabelecer uma avaliação não só da ‘construção de conhecimentos’ e das aprendizagens, mas também das metodologias e estratégias desenvolvidas ao longo do percurso.

### 7.2. Desenhos

Além do questionário, foi pedido aos alunos que desenhassem uma representação daquilo que sabiam sobre o Património. O objetivo passou por tentar obter dados sobre a representação imagética que os alunos faziam do Património.

Pode dizer-se que há uma parte de real naquilo que o aluno desenha, ou seja, ele utiliza o desenho para representar a sua ideia da realidade (Ferreira, 2010). Neste caso, o que foi pedido, nesta fase inicial, foi a transposição para o papel de uma imagem do real relacionada com o Património.

Para Alberto Carneiro (2001, p. 34), o desenho é:

provavelmente a forma de expressão que sintetiza melhor a nossa relação com o mundo. Ele permite-nos, com a elaboração mental, o desenvolvimento de ideias e a descoberta do que ainda desconhecemos de nós mesmos.

Assim, esta iniciativa teve como objetivo obter, através do desenho, conhecimentos sobre o Património que os alunos talvez não conseguissem exprimir verbalmente.

### **7.3. Recolha documental**

Para saber da evolução do percurso escolar dos alunos, bem como das suas preferências e dificuldades em cada uma das áreas disciplinares procedeu-se à consulta dos documentos disponíveis, como os registos individuais e avaliações dos anos anteriores, para verificar quais as suas preferências e os seus pontos a desenvolver.

A consulta das fichas de avaliação do 1.º período letivo e a observação direta, nos espaços em que decorriam as atividades letivas, foram a base dos registos individuais realizados. A avaliação diagnóstica da turma ficou completa pelos dados recolhidos nas diversas conversas informais mantidas com a professora cooperante.

### **7.4. Os registos diários e de reflexão do professor estagiário**

Durante o meu percurso de formação de professor fui realizando registos internos acerca da forma como decorreram as aulas. Estes registos estruturaram-se como autênticas entradas de um ‘diário de bordo’ e caracterizaram-se, naturalmente, pela visão pessoal que lhe atribuí, já que se tratou de registar a forma como decorreram as aulas de cujas planificações fui o responsável. Por outro lado, esses registos serviram de base às reflexões que fui elaborando, tendo em conta os objetivos que tinha planificado para as aulas e a resposta dada pelos alunos às propostas didáticas. Desta forma, os registos diários também se caracterizaram por serem a demonstração de uma escrita ativa, já que decorreram da minha ação docente e do impacto dessa ação sobre os meus alunos resultando num esforço de reflexão com vista à melhoria da ação futura.

Assim, estes registos não se evidenciaram como meras descrições, mas como instrumentos valiosos de reflexão e avaliação da ação do professor estagiário, possibilitando a planificação de estratégias de intervenção didática capazes de dar resposta às necessidades de construção de aprendizagens e desenvolvimento de competências, não apenas dos alunos, mas também do professor em formação. Registei, também, todas as iniciativas relacionadas com a educação patrimonial.

## 8. Plano de Ação

Como já foi referido, depois de analisados os dados recolhidos concernentes aos conhecimentos dos alunos sobre o Património, entendi delinear um plano de ação que procurasse promover aprendizagens sobre o Património, mas que também pudesse ajudar a desenvolver competências na expressão desses conhecimentos. Assim, foi traçado um plano com linhas gerais, apresentado no quadro *infra*, contemplando a articulação entre as várias áreas curriculares.

**Quadro 1 – Plano de ação interdisciplinar**

Português	Matemática	Estudo do Meio
<b>A escrita</b> “Ação sobre o contexto dos escritos — para facultar o contacto com textos social e culturalmente relevantes e o acesso às suas múltiplas funções” (Barbeiro & Pereira, 2007, p.7) Produzir textos escritos descritivos do património “À volta da minha Escola”; <b>A oralidade</b> Ampliação da área vocabular relacionada com o Património.	<b>Geometria e medida</b> Desenvolvimento de conhecimentos e competências de orientação espacial.	Alargamento de conhecimentos sobre a amplitude e incidência do Património.
Expressão plástica	Expressão musical	Flexibilidade Curricular
Desenho, pintura, recorte e recurso a técnicas variadas que permitam a expressividade plástica e a representação de exemplos de Património edificado.	Entoação de canções e declamação de poemas de autores da região.	Alargamento de conhecimentos sobre a amplitude e incidência do Património, cruzando várias áreas disciplinares e expressivas.

Como já foi mencionado anteriormente, este plano foi concretizado objetivando o desenvolvimento de competências de forma transversal a todas as áreas curriculares.

Como refere Helena Pinto (2015), um trabalho que tenha por objetivo o desenvolvimento de uma consciência patrimonial, tendo por base o contacto com fontes primárias, como o Património local, “não se pode confinar a uma sessão, deve ser um processo contínuo” (Helena Pinto, 2015, p. 69). Optou-se, assim, por um Projeto com um número alargado de sessões.

### Sessões de desenvolvimento do Projeto no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Apresenta-se agora a descrição das sessões de desenvolvimento do Projeto ‘Património à volta da minha escola’. Este Projeto foi aplicado em dois semestres em contextos diferentes. No primeiro semestre o plano foi desenvolvido com os alunos de uma turma do 3.º ano do 1.º CEB e, no

segundo semestre, a turma em que ocorreu a intervenção pedagógica participou com um grupo de alunos do 6.º ano do 2.º CEB.

### 1.ª Sessão – 24 de outubro de 2018

#### Quadro 2 – Resumo da 1.ª Sessão

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Estudo de Meio	Realização de um puzzle do concelho de Aveiro	<p>Gerais: Integrar dos conteúdos de Estudo do Meio no desenvolvimento do Projeto.</p> <p>Específicos: Desenvolver competências de localização no seu meio envolvente, designadamente através da leitura de mapas.</p>

A primeira sessão teve a duração de 90 minutos e o seu foco principal foi a localização do concelho de Aveiro no mapa. Procurou-se desenvolver competências ao nível da leitura e compreensão de mapas, mediante a consulta de mapas e da construção de um puzzle de um mapa alusivo ao concelho de Aveiro.

#### Figura 6 – Mapa dos distritos de Portugal Continental



Figura 5 - Mapa dos distritos de Portugal Continental. (Fotografia do autor).

Esta atividade procurou ir ao encontro do Programa e Metas curriculares para o 3.º ano que estipulam que os alunos devem “reconhecer locais importantes para a história da família e localizar esses locais em mapas ou plantas” (Ministério da Educação, 2013, p. 112) e “Reconhecer símbolos locais da Freguesia, Concelho e Distrito” (*Ibidem*).

Desta forma, procurou-se construir conhecimentos sobre o concelho. Assim, esta atividade cumpria um duplo objetivo que pretendia concretizar: a aprendizagem exigida pelo programa e, ao mesmo tempo, localizar os alunos no espaço onde o Projeto viria a ser desenvolvido.

Uma vez que esta atividade surgiu na sequência de uma outra sobre a divisão administrativa do território em distritos, procedeu-se a uma abordagem prévia de revisão de conteúdos.

Perguntou-se aos alunos como se chamava o país em que vivíamos; Afonso: “Portugal!”; mostrei um mapa de Portugal, que havia construído com os alunos numa aula anterior (ver figura 6) e perguntei porque estava o mapa de Portugal pintado com várias cores.

Lara: “Porque são os distritos que estão pintados de cores diferentes!”; perguntei a outro aluno: “Luís, diz-me, então Portugal está dividido em espaços mais pequenos que se chamam...”; o aluno respondeu: “Distritos!”. Reforcei positivamente a resposta correta e coloquei nova questão a outro aluno: “Sandra, como se chama o distrito em que estamos neste momento?”; Sandra: “Chama-se Aveiro”. Após novo reforço positivo, solicitei a outra aluna que viesse localizar o distrito de Aveiro no mapa. A aluna localizou sem qualquer problema o distrito de Aveiro.

A aula continuou com a revisão do número de concelhos do distrito de Aveiro e localização do concelho de Aveiro. Com o objetivo de conduzir os alunos a uma reflexão sobre as divisões administrativas ‘Concelho’ e ‘Freguesia’, considerei que poderia optar por uma abordagem mais simples se os alunos refletissem sobre os responsáveis pelos órgãos de gestão dessas divisões administrativas. Assim, perguntei aos alunos se sabiam quem era a pessoa responsável pela resolução dos assuntos/problemas de um concelho: Tomás respondeu “É o Presidente da Câmara!”. Questionei o aluno sobre onde trabalha o Presidente da Câmara, ao que respondeu imediatamente: “Trabalha na Câmara Municipal!”.

Seguidamente, questionei a turma sobre o conhecimento de mais alguma pessoa, para além do Presidente da Câmara, que pudesse ajudar a resolver algum assunto e onde nos podíamos dirigir a essa pessoa. Tomás voltou a tomar a palavra: “Podemos ir ter com o Presidente da Junta que trabalha na Junta da Freguesia!” “Muito bem! Isso quer dizer que, dentro do concelho, existe uma divisão administrativa ainda mais pequena que se chama...” Sara: “A Freguesia!” Reforcei positivamente a participação dos alunos e a resposta dada e perguntei se conseguiam dizer o nome de alguma freguesia do concelho de Aveiro. Os alunos responderam que não. De seguida, de modo a obter uma resposta que permitisse a ‘construção de conhecimento’ a partir dessa mesma resposta, perguntei ao Tomás onde morava; o aluno referiu o local onde habitava e expliquei que a terra onde residia pertencia a uma outra freguesia e que tinha precisamente esse nome. “Então já sabes o nome de uma freguesia...”.

A sessão continuou com a projeção de um mapa alusivo às várias freguesias do concelho de Aveiro, alguns alunos estabeleceram conexões entre o mapa e os locais onde vivem. Também foram projetados os vários símbolos de cada freguesia.

Posteriormente, foram distribuídas imagens com o mapa das freguesias do concelho de Aveiro e



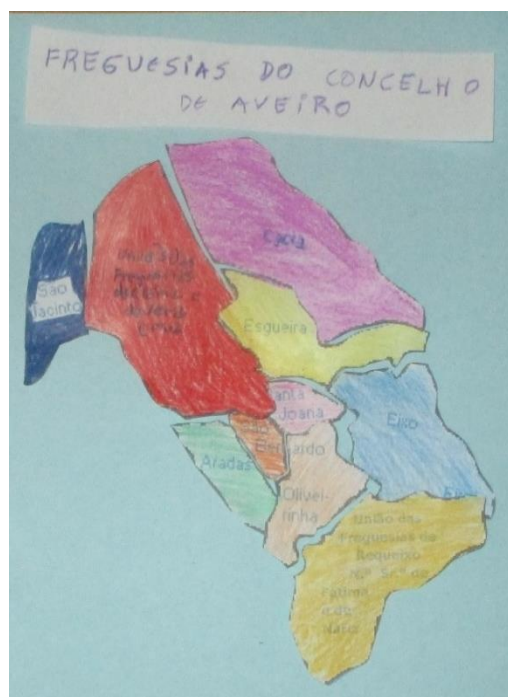
**Figura 7 – Desenho do mapa das freguesias de Aveiro**

Figura 6- Desenho do mapa das freguesias de Aveiro (Foto do autor).

foi pedido aos alunos que as pintassem, cada uma com a sua cor, recortassem cada uma das freguesias e, depois de pintadas, cada um teria de as voltar a colocar no sítio certo, pois este conjunto compunha um puzzle do concelho de Aveiro que podiam montar e desmontar sempre que o entendessem (ver figura 7).

A terminar, sensibilizei os alunos para a importância do conhecimento da freguesia em que a escola se localiza, pois, o nosso trabalho futuro iria debruçar-se sobre algum do Património dessa mesma freguesia.

A planificação desta sessão tinha previsto que os alunos identificassem as freguesias do concelho de Aveiro, sobretudo as freguesias onde moravam e

onde se situava a escola. Esse objetivo foi atingido com sucesso, pois os diálogos estabelecidos inicialmente, as respostas obtidas nos exercícios de consolidação e os resultados da prova de avaliação confirmaram tais aprendizagens.

## 2.ª Sessão – 29 de outubro de 2018

### Quadro 3 – Resumo da 2.ª Sessão

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Português.	Preenchimento do questionário inicial.	Obter informação sobre as competências dos alunos em termos de consciência patrimonial.

Esta sessão teve como objeto o preenchimento de um questionário inicial para recolher informações acerca dos conhecimentos sobre o Património que os alunos tinham no início dos trabalhos.

## 3.ª Sessão – 29 de outubro de 2018

**Quadro 4 – Resumo da 3.ª Sessão**

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Expressão plástica.	Realização de desenhos sobre o Património.	Obter representações gráficas que dessem informação sobre as competências dos alunos em matéria de representação imagética do real.

Nesta sessão foi pedido aos alunos que fizessem um desenho sobre aquilo que achassem que era Património (com a duração de cerca de 30 minutos). Como a maior parte dos alunos não sabia o que era o Património, foi-lhes dada a alternativa de poderem fazer um desenho sobre o que quisessem ou fazer um texto em que descrevessem um exemplo de Património.

Apenas quatro alunos realizaram desenhos enquadrados no Património, os outros pediram para fazer um desenho sobre a sua série predileta de animação ou de televisão.

**4.ª Sessão – 29 de outubro de 2018****Quadro 5 – Resumo da 4.ª Sessão**

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Português	Exploração de um texto descritivo.  Realização de um texto auto descritivo físico.	Promover competências de leitura.  Trabalhar competências de auto-observação.  Desenvolver competências de escrita de um texto descritivo da figura humana.

Com uma duração de 90 minutos, a quarta sessão partiu da investigação sobre a utilização de fontes patrimoniais como recurso didático.

Esta sessão teve o objetivo de desenvolver competências de observação e de descrição da figura humana. Para tal, recorreu-se ao texto “Miguel” (ver anexo 25) do manual adotado pela escola, em que se descreve um menino com recurso a várias metáforas.

Ao trabalhar este texto chamou-se a atenção para alguns aspetos do texto descritivo, neste caso da figura humana, e registou-se que as pessoas não se descrevem apenas pelo aspeto físico, mas também tendo em conta as suas intenções e as suas atitudes, desta forma passamos a conhecê-las melhor.

O desafio seguinte foi o de fazer um texto em que os alunos se descrevessem. Para isso teriam de seguir os moldes do texto lido tomando-o como modelo para o trabalho a executar. Uma das regras era que ficasse bem evidente que os alunos não poderiam escrever o seu nome ou algo que os identificasse. Dessa forma, os colegas teriam de identificar o autor deste autorretrato escrito, recorrendo apenas aos indicadores descritivos.

A pertinência da utilização do texto descritivo foi realizada tendo em conta a conceção apresentada por Isabel Sebastião (2013 p. 202), segundo a qual a descrição é uma das execuções mais frequentes e precoces na vida de qualquer indivíduo:

O exercício da descrição vem, num imediato, do facto de esta ser uma prática social muito frequente na vida de qualquer indivíduo; é talvez das primeiras na vida da criança, quando esta começa a verbalizar a sua percepção do mundo.

Assim, o uso do texto descritivo foi essencial para a concretização do trabalho desenvolvido, sobretudo quando os alunos tiveram de descrever personagens para a história do *Kamishibai plurilingue*.

A descrição, segundo a autora (Sebastião, 2013, p. 203) está ligada à realidade, próxima ou distante, do aluno, como por exemplo quando tem de descrever o ambiente/espço ou qualquer elemento que com ele se relacione:

A descrição de um ambiente, de um espaço ou de uma personagem num romance organiza-se de forma diferente da descrição de um animal, de uma planta numa enciclopédia. Com efeito, as unidades linguísticas que compõem as diferentes descrições estão relacionadas com as finalidades que possuem.

A utilização deste género textual na concretização do Projeto compreendeu o desenvolvimento de competências ao nível da competência da escrita (na descrição de personagens em atividades desenvolvidas mais tarde, no âmbito da realização do *Kamishibai plurilingue*, sobre as quais se fará o registo mais adiante).

Esta atividade foi realizada segundo uma sequência seguindo as várias fases de produção textual. Como postulam Luísa Pereira e Luís Barbeiro (2007) “estas atividades presentes no processo de escrita podem ser agrupadas segundo três componentes: planificação, textualização e revisão” (Pereira & Barbeiro, 2007, p. 17).

Assim, o texto trabalhado na aula (“Miguel”) serviu de modelo para a tarefa a executar:

- a) Planificação: identificação e reconhecimento do texto descritivo. Constatação dos elementos que constituem o texto mentor: um título, um “desenvolvimento” em que se descreve o “Miguel”,

termos em que se faz essa descrição. E, por fim, se existe algum tipo de conclusão do texto. Verificou-se que não.

- b) Textualização: partindo dos elementos referenciados e tidos como modelo, os alunos executaram uma primeira versão do texto auto descritivo (ver anexo 26), a lápis, onde tentaram aplicar os elementos presentes no texto mentor, seguindo ainda as instruções dadas (que consistiam na ausência de elementos que pudessem identificar a autoria do texto).
- c) Revisão: nesta fase, os textos foram revistos, corrigidos em termos ortográficos e de construção de texto, eliminados alguns elementos e sugerido que se acrescentassem outros. Assim, os alunos puderam fazer uma reformulação dos seus textos realizando uma versão nova (ver anexo 49).

Por fim, este texto foi lido em voz alta por mim e os alunos conseguiram identificar os seus autores, o que significa que estiveram atentos aos elementos descritivos presentes nos textos.

Assim, esta atividade revelou ter sido eficaz quanto à consecução dos objetivos propostos na sua planificação, ou seja, os alunos integraram alguns dos elementos necessários à produção de um texto descritivo da figura humana: verosimilhança e utilização de elementos característicos e qualitativos que permitem a identificação da figura humana, como a adjetivação.

## 5.ª Sessão – 29 de outubro de 2018

### Quadro 6 – Resumo da 5.ª Sessão

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Estudo do Meio	Exploração de um texto multimodal descritivo sobre a região de Aveiro.	Fornecer elementos de um texto multimodal com imagens e legendas sobre o Património de Aveiro.

### Descrição da sessão

Esta sessão teve o seu início com a projeção de um roteiro da região de Aveiro, destinado a crianças, ocupando cerca de 45 minutos. Continuou com a exploração das imagens e do texto que descrevia, de forma sumária, alguns dos exemplos de Património da região (Ver anexo 28).

O objetivo desta sessão centrou-se no reconhecimento de vários exemplos de Património da região. Comecei por questionar os alunos indagando se sabiam o que era um roteiro e os alunos responderam que não. Perguntei se sabiam o que era um mapa, ao que responderam que sim.

Juntei outra questão: “Sabem o que os turistas usam para conhecer as cidades?”. A resposta foi: “Usam mapas!”.

Questionei os alunos se sabiam quais os mapas que são usados pelos turistas: “Mas são uns mapas quaisquer? Como se chamam esses mapas?” Como os alunos não apresentaram qualquer resposta, optei por pedir que olhassem para o quadro de projeção e reparassem no mapa turístico de Aveiro<sup>5</sup>, e perguntei: “Já viram algum mapa igual a este?” Os alunos responderam que não. “O que podemos ver neste mapa?”. Resposta da Lara: “Podemos ver as ruas e coisas importantes e interessantes para visitar!”.

Após esta resposta tentei promover a reflexão da seguinte forma: “Então, e este mapa, para que serve?”. A Joana respondeu: “Serve para as pessoas poderem visitar alguns lugares”. Atalhei que este tipo de mapa se chama ‘Roteiro’<sup>6</sup> e agora iria mostrar-lhes um ‘Roteiro’ feito especialmente para crianças, e que queria que me dissessem sobre o que versava.

Os alunos reconheceram o que viram nas imagens, leram que era sobre a Ria de Aveiro e puderam expressar os seus conhecimentos.

Coloquei-lhes algumas questões: ‘O que conhecem da Ria de Aveiro? A Lara respondeu: ‘Conheço os Moliceiros!’ O Tomás acrescentou: ‘Também sei que se tira o sal da Ria.’ Tentei saber se conheciam algumas atividades profissionais ligadas à Ria de Aveiro, alguns alunos lembraram ‘Os homens que trabalhavam no sal’ (como nenhum dos alunos sabia dizer o nome, referi que era o marnoto), também mencionaram ‘Os senhores que andam nos moliceiros com os turistas’ (a que chamou de ‘guias turísticos’).

Esta atividade tinha como objetivo explorar e desenvolver capacidades de interpretação de textos multimodais. Tal objetivo foi concretizado, pois os alunos construíram conhecimento sobre a leitura de um Roteiro e interpretação tendo em conta o texto escrito, imagens e suas legendas. Ao mesmo tempo foram capazes de integrar conhecimentos sobre exemplos de várias tipologias de Património local, sobre o qual, embora conhecessem, não tinham noção do significado patrimonial, como o moliceiro, os ovos-moles e os palheiros da Costa Nova. Desta forma, esta atividade deu cumprimento à integração de conhecimentos prévios e à construção de novos conhecimentos a partir dos mesmos, fazendo um exercício de memória articulando-o com o presente. Por exemplo, os alunos ligaram a Ria de Aveiro a profissões e atividades já extintas e

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://files.cm-aveiro.pt/XPQ5FaAXX37765aGdb9zMjjeZKU.pdf>

<sup>6</sup> Disponível em: <https://auchaneeu.auchan.pt/criancas/a-descoberta-da-ria-de-aveiro/>

outras que resultam da nova dinâmica das atividades económicas relacionadas com aquele Património natural da Região.

#### 6.ª Sessão – 6/11/2018 – Introdução do *Kamishibai plurilingue*

##### Quadro 7 – Resumo da 6.ª Sessão

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Oferta escolar Flexibilidade curricular	Introdução do <i>Kamishibai plurilingue</i> .	Apresentar o <i>Kamishibai plurilingue</i> : O que é, para que serve, como o vamos fazer?

##### Descrição da sessão

Tratando-se da primeira sessão dedicada ao *Kamishibai plurilingue*, apresentou-se o *Kamishibai plurilingue* aos alunos e, na realidade, de entre todos os presentes, entre alunos e professores, eu era o único que sabia o que era um *Kamishibai plurilingue*, pelo que acabou por ser um momento de formação para todos.

Acrescente-se que esta aula foi realizada no contexto da Flexibilidade Curricular. Sendo este tempo dedicado às histórias e aos contos tradicionais e sendo o *Kamishibai plurilingue* um instrumento de transmissão de histórias, não podia haver melhor momento para fazer esta apresentação.

Comecei por perguntar aos alunos se sabiam o que era um *Kamishibai plurilingue*, ao que responderam que desconheciam. Assim, e já prevendo esse tipo de resposta, levei preparado um vídeo sobre o *Kamishibai plurilingue*. Nesse vídeo era explicado o que era um *Kamishibai plurilingue*, para que serve e como era composto. Os alunos puderam compreender que o *Kamishibai plurilingue* é composto pelo *Butai*, que é uma espécie de caixa onde se guardam as pranchas que estão desenhadas com as imagens que compõem a história e, na parte de trás, contém um texto, apenas visível para o contador da história.

Segundo Tara MacGowan (2015), o *Kamishibai plurilingue* teve a sua origem no Japão e traduzido para o Português significa ‘teatro de papel’. Ele teve um papel importante no início do século XX, principalmente na chegada de cultura tradicional às populações mais velhas que não sabiam ler, bem como às crianças que não frequentavam a escola.

Através do vídeo projetado os alunos puderam assistir a uma história com recurso ao *Kamishibai plurilingue* (ver anexo 29).

O objetivo desta sessão foi o de cativar a atenção dos alunos para a realização de um *Kamishibai plurilingue*. Tendo em conta o tema que o Projeto pretendia desenvolver, pedi que se recordassem do tema do Património que tinha sido afluído numa das aulas anteriores. Os alunos lembraram-se. O Afonso recordou-se do Roteiro: “Sim, lembro-me daquele mapa, o professor disse que se chamava ‘Roteiro!’”.

Reforcei essa lembrança assertiva: “Isso mesmo, muito bem! Será que conseguimos fazer um *Kamishibai plurilingue* e contar uma história sobre o Património de Aveiro?”. Os alunos responderam afirmativamente e com entusiasmo. O objeto da história do *Kamishibai plurilingue* seria concretizado nas sessões seguintes.

Os objetivos para esta aula foram alcançados já que os alunos revelaram interesse no *Kamishibai plurilingue* e na possibilidade de fazer um *Kamishibai plurilingue* para a sala abrangendo também a temática do Património.

### 7.ª Sessão – 7/11/2018 – O Património local no Estudo do Meio

#### Quadro 8 – Resumo da 7.ª Sessão

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Estudo do Meio	Tratamento do tema do Património local na disciplina do Estudo do Meio. Mostra de imagens de edifícios e monumentos de Aveiro. Diálogo com os alunos sobre o estilo “Arte Nova” e a sua importância em Aveiro. Proposta de desenho e pintura de monumentos e edifícios de Aveiro.	Identificar figuras da história local presentes na toponímia, estatuária e tradição oral. Conhecer factos e datas importantes para a história local. Localizar vestígios do passado local: construções. Desenvolver a consciência patrimonial dos alunos. Desenvolver a consciência histórica dos alunos.

#### Descrição da sessão

A sessão teve a duração de 90 minutos e foi realizada durante o tempo disciplinar de Estudo do Meio.

Como ponto prévio, importa referir que para a preparação desta aula tive de fazer um reconhecimento no terreno dos monumentos que constituem Património à volta da escola do 1.º

CEB onde estagiei. Esse reconhecimento foi realizado através de um percurso pedestre, no qual fui tirando fotografias, e fazendo os meus próprios desenhos dos edifícios de interesse patrimonial e elaborando um roteiro.

Para aprofundar o meu conhecimento e, assim, preparar melhor o Projeto, foi necessário fazer esse reconhecimento e realizar as minhas próprias pesquisas a fim de datar os mesmos exemplos patrimoniais e catalogá-los quanto ao tipo de construção e estilo arquitetónico, pois o Património à volta da escola revelou-se abundante e diversificado quanto aos estilos e épocas de construção.

Nesta aula de Estudo do Meio comecei por mostrar imagens de edifícios (Ver anexos 30, 31 e 32) e monumentos à volta da escola; imagens essas recolhidas por mim próprio no levantamento anteriormente.

Para a eficácia desta sessão ser conseguida, houve que destacar os elementos principais de cada um destes exemplos patrimoniais. Foi importante este contacto com as imagens por parte dos alunos, pois soltaram exclamações que revelaram alguma proximidade e familiaridade com este Património, o que significa que podiam começar a trabalhar a partir dos seus conhecimentos prévios.

Para realçar as características dos exemplos patrimoniais, perguntei aos alunos se verificavam algumas diferenças entre as várias construções, obtive as seguintes respostas: “Umas casas têm azulejos nas paredes, outras não!”. “Esta casa só está pintada e aquelas têm azulejos.”.

Lancei a questão sobre outros pormenores, como as cores das fachadas, algumas das respostas apontaram para o facto de algumas casas apresentarem uma fachada muito mais garrida e vistosa, “por causa dos azulejos” relativamente a outros exemplos de Património como o Museu de Aveiro/Santa Joana. Assim, destacou-se uma multiplicidade de exemplos de Património à volta da escola.

Ainda questionei os alunos: “Açam que estas construções foram feitas na mesma altura?”. Os alunos responderam que achavam que não, pois entendiam que o Museu de Aveiro/Santa Joana era “muito mais antigo do que as outras casas”. Tal resposta pareceu revelar mais o apelo à memória, despertada por momentos de visita em anos letivos anteriores, do que o reconhecimento de um estilo arquitetónico diferente.

Por via desta dúvida, também lhes pedi que refletissem sobre o Museu de Aveiro/Santa Joana e a Casa Testa & Amadores. “Mas agora reparem! Roberto, estes dois edifícios parecem-te iguais?”; Roberto: “Não, são muito diferentes. Este [Casa Testa & Amadores] tem azulejos nas paredes e o



Museu de Aveiro/Santa Joana, não!”. “Certo, muito bem! Mas consegues dizer se têm alguma coisa em comum?”. Roberto: “Sim, têm ferros nas janelas!”. “Muito bem, os dois edifícios usam o ferro, como material, nas janelas. Mas, Sónia, o ferro usado nas varandas deste edifício, é igual ao do Museu?”. Resposta da Sónia: “Não o ferro deste edifício [Casa Testa & Amadores] está nas varandas e é muito enfeitado (ver anexo 13) e o Museu não tem varandas, o ferro está só a servir de grade nas janelas”.

Pedi que referissem outro edifício que tivesse varandas de ferro, iguais à do edifício ‘Testa & Amadores’. A Sónia respondeu: “Sim, este da sapataria!”.

O Afonso soube dizer o seu nome: “É a Antiga Sapataria Leitão!” (Ver anexo 12).

Um outro aluno avançou que o Coreto também é feito de ferro, ao que respondi afirmativamente e acrescentei que o Coreto do Parque foi construído poucos anos depois destes dois edifícios.

Este diálogo permitiu reforçar o reconhecimento de que existem edifícios em Aveiro onde se pode ver o ferro muito trabalhado, a que se chama ferro forjado, constituindo uma característica muito presente em Aveiro, sobretudo em edifícios do princípio do século XX e enquadrados na Arte Nova.

De seguida, perguntei aos alunos se ainda recordavam do *Kamishibai plurilingue* e do diálogo que travámos logo a seguir à sua apresentação – em que lhes propus que a história do *Kamishibai plurilingue* fosse sobre o Património de Aveiro. “Mas, Aveiro é muito grande! Acham que conseguimos fazer um *Kamishibai plurilingue* com tantos desenhos de Aveiro?” Alguns alunos acharam que sim, outros acharam que não. Como o tempo para fazer o *Kamishibai plurilingue* não era abundante, havia que estreitar geograficamente a ambição. E se fizéssemos um *Kamishibai plurilingue* sobre o Património à volta da nossa escola? Os alunos responderam imediatamente que sim.

Assim nascia – ainda não o sabíamos – o nome do Projeto.

Então, sugeri que comesçassem a executar os desenhos para fazer as pranchas da história. Para isso propus aos alunos que executassem desenhos inspirados nas fotografias que, entretanto, lhes tinha fornecido sobre o Património à volta da escola.

Estes desenhos, como é evidente, não ficaram acabados, algo que já tinha antecipado ao tratar-se de um Projeto de longo prazo e ambicioso envolvendo, em alguns casos, muitos pormenores (ver anexos 33 e 34).

Os objetivos traçados para esta aula foram plenamente conseguidos; os alunos ficaram entusiasmados e mostraram-se motivados nas atividades propostas.

Por outro lado, atingiu-se o objetivo primordial que foi o de tomar contacto e reconhecer o Património edificado à volta da escola cumprindo um dos princípios base da fundamentação teórica: utilização da fonte patrimonial próxima para promover a formação e o desenvolvimento de uma consciência patrimonial, ainda que de forma intermediada pelas imagens fotográficas recolhidas.

Também se constatou que os alunos conheciam os exemplos de Património cujas fotografias lhes mostrei, embora não revelassem atribuir-lhes significado patrimonial. No entanto, puderam eles próprios estabelecer algumas diferenças entre os vários tipos de construção.

### **8.ª Sessão – 7/11/2018 - “Mensagem escondida”**

#### **Quadro 9 – Resumo da 8.ª Sessão**

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Matemática	Realização de um percurso seguindo instruções orais de orientação espacial.	Compreender um texto informativo, instrucional. Seguir instruções orais. Desenvolver a consciência patrimonial dos alunos.

#### **Descrição da sessão**

Esta sessão teve a duração de 90 minutos e foi realizada durante a aula de Matemática.

As atividades desenvolvidas em Matemática relacionadas com o desenvolvimento e execução do Projeto, tiveram o objetivo de promover várias competências contempladas nas Metas Curriculares para o 3.º Ano do 1.º CEB, cruzando e integrando nas atividades a desenvolver os objetivos de concretização interdisciplinar e de transversalidade do Património.

Assim, ao verificar no Programa de Matemática (2013, p.2) que no seu n.º 2 das Finalidades do Ensino da Matemática preconiza-se que na “análise do mundo natural – A Matemática é indispensável a uma compreensão adequada de grande parte dos fenómenos do mundo que nos rodeia” e que, logo no ponto seguinte, se acrescenta “é indispensável ao estudo de diversas áreas da atividade humana” (*Ibidem*), procurei conceber materiais e atividades que permitissem desenvolver capacidades e construir aprendizagens, tendo em conta o contacto com o meio circundante e o tema do Património.

Desta forma, tendo em conta os conteúdos a trabalhar no 3.º ano, vislumbrei que no domínio da Geometria e Medida é pedido que se desenvolvam competências nos seguintes níveis (Ministério da Educação, 2013, p.11):

Localização e orientação no espaço – Segmentos de reta paralelos e perpendiculares em grelhas quadriculadas; -- Direções perpendiculares e quartos de volta; -- Direções horizontais e verticais; -- Coordenadas em grelhas quadriculadas.

Tendo em conta estas linhas orientadoras, de localização e orientação espacial, e fazendo uma articulação das mesmas com o Património que circunda a escola, elaborei um conjunto de materiais que favorecessem tal contexto e tais aprendizagens. Pelo facto de a escola distar apenas alguns metros do Museu de Aveiro/Santa Joana, decidi criar uma atividade que envolvesse esse exemplo de Património próximo.

### **Descrição da sessão**

A atividade designou-se como “Mensagem escondida” e cruzava não apenas a Matemática com o Estudo do Meio (Estudo do Património), mas também com o Português, uma vez que se tratava de seguir um texto instrucional em que os alunos tinham de seguir direções ou orientações espaciais (ver anexos 35 e 36). Os alunos fizeram contagens nas quadrículas do papel e, ao traçar com várias cores o caminho, seguiram até conseguirem fazer a leitura da mensagem final.

Também concebi esta atividade para integrar conhecimentos de Numeração Romana, conteúdo que tinha introduzido poucos dias antes. O objetivo era o de descobrir uma mensagem sobre a figura histórica da Princesa Santa Joana, padroeira da cidade de Aveiro.

Esta tarefa consistiu na leitura, realizada por mim, em voz alta e pausada, das instruções, de modo os alunos pudessem fazer a contagem das quadrículas e as anotações necessárias para a realização da tarefa. De salientar que os alunos não tiveram grandes dificuldades em seguir as instruções, nem foi necessário fazer muitas repetições ou pausas durante a leitura das instruções.

No final desta atividade concluiu-se que todos os alunos da turma conseguiram, cada um a seu ritmo, seguir as instruções que lhe foram dadas e decifrar a ‘mensagem escondida’.

De salientar que esta atividade, embora com conteúdos de Matemática, é ela própria um exemplo da utilização transversal do Património. A saber: Matemática, como já referimos, com o desenvolvimento de competências ao nível da orientação espacial e tradução de numeração romana para numeração árabe; Português, com a exploração e desenvolvimento de competências ao nível da compreensão e cumprimento de um texto instrucional; Estudo do Meio/História no recurso aos conhecimentos de dados históricos sobre a figura da Santa Joana,

para além do exido pelo Programa e Metas Curriculares, emanadas do Ministério da Educação (2013, p. 120), que estipulam que os alunos devem:

Descrever os seus itinerários diários (casa/escola, lojas, tempos livres...).

Representar os seus itinerários (desenhos, pinturas...).

### 9.ª Sessão- 7/11/2018 – O Património na Matemática

#### Quadro 10 – Resumo da 9.ª Sessão

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Matemática	Realização de uma ficha de trabalho com situações problemáticas sobre o Património.	Relacionar o Património com outras áreas curriculares. Desenvolver a consciência patrimonial dos alunos.

#### Descrição da sessão

Ainda em Matemática, há a destacar a realização de situações problemáticas com recurso a exemplos de Património “À volta da nossa escola” (ver Anexo 37).

O objetivo geral desta atividade, no que ao Projeto diz respeito, consistiu na utilização do Património local como um recurso ao dispor dos alunos para o desenvolvimento de competências na Matemática, até porque na própria ficha de trabalho se encontravam imagens de exemplos de Património próximos da Escola.

No final foi importante registar o interesse demonstrado por alguns alunos naquelas imagens reconhecendo-as, pois tinham sido trabalhadas anteriormente, e relacionando-as com o seu dia-a-dia. Essencialmente, viram-nas como algo que pertencia ao seu meio e ao percurso quotidiano feito a caminho da escola, correspondendo exatamente um dos propósitos desta atividade.

### 10.ª Sessão – “Uma casa abrigo” – 19/11/ 2018

#### Quadro 11 – Resumo da 10.ª Sessão

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Português	Exploração do texto “Uma Casa abrigo”.	Relacionar o Património com outras áreas curriculares. Exploração de um texto descritivo.

### Descrição da sessão

Após a descrição da figura humana, realizada numa das sessões anteriores, entendi passar à descrição de edifícios através da exploração do texto “Uma casa abrigo” (Ver anexo 38). O objetivo era que os alunos identificassem os elementos descritivos presentes no texto.

Esta exploração versou apenas a descrição da casa. Objetivando a que os alunos identificassem e registassem elementos descritivos da casa, elaborei uma ficha (ver anexo 39) que os alunos preencheram (ver anexo 40).

Também procurei explorar outros elementos importantes, como a sinonímia e a antonímia, como possibilidades a integrar no desenvolvimento da produção textual. Para esta exploração recorri à conceção de recursos didáticos que permitiram, de forma lúdica a produção textual, com recurso a cartões, nos quais constavam adjetivos que os alunos tiveram de utilizar em frases (ver anexos 41, 42 e 43).

Assim, foram distribuídas folhas de exercícios que permitiram aos alunos empregar sinónimos e antónimos com recurso a exemplos concretos para os alunos, como por exemplo o antónimo de alto, ou estreito. Estes exemplos poderiam ter aplicação nas descrições de exemplos patrimoniais.

A descrição de um exemplar patrimonial não pode deixar margem para dúvidas, deve ser o mais claro possível. Quando pedimos a um aluno que nos descreva, por exemplo, a Casa Major Pessoa, devemos obter uma descrição o mais aproximada possível da realidade. Foi nesse sentido que a exploração foi elaborada e concretizada.

### 11.ª Sessão – 19/11/2018 – O Património próximo da escola

#### Quadro 12 – Resumo da 11.ª Sessão

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Estudo do Meio	Visita breve ao património em volta da escola.	Estabelecer um primeiro contacto com o Património próximo. Identificar alguns exemplos de património próximo. Distinguir algumas características do Património próximo. Desenvolver a consciência patrimonial dos alunos.

### Descrição da sessão

Esta sessão teve a duração de 60 minutos e derivou da anterior dedicada ao *Kamishibai plurilingue*.

Infelizmente, devido às condições climatéricas, não foi possível sair do recinto escolar, pelo que esta saída acabou por ser uma saída condicionada e restringida a uma observação do Património volta da escola um pouco mais ao longe. Mesmo assim, devido à proximidade física do Património, foi possível assinalar e distinguir edifícios, fachadas e alguns aspetos arquitetónicos e decorativos.

Pedi aos alunos que descrevessem os edifícios que estávamos a ver. O Tomás respondeu que a casa do lado direito era a Casa Testa & Amadores e a outra, do lado esquerdo, era a Antiga Sapataria Leitão. Questionei se conseguiam destacar alguns dos materiais dos dois edifícios, ao que a Joana respondeu que estavam cobertos de azulejos coloridos com vários tons de azul e branco.

Voltei a perguntar se conseguiam distinguir mais algum material, excetuando o azulejo. A Madalena respondeu que se podiam ver as varandas de ferro trabalhado que estava pintado de verde.

Pedi que nos voltássemos para outro edifício próximo que os alunos reconheceram e identificaram de imediato. Pedi que dissessem qual o material mais evidente naquele edifício, ao que responderam que era a pedra trabalhada. Perguntei se conheciam o tipo de pedra em causa. O Tomás respondeu que era o calcário e acrescentou que conseguia justificar essa afirmação: porque era uma pedra mais fácil de cortar e trabalhar. Questionei o aluno sobre a fonte da informação que havia prestado ao que respondeu que tinha sido o professor numa aula anterior, quando tinha mostrado as imagens, a referir esse pormenor reconhecendo aquele edifício a partir de uma das imagens então mostradas.

Esta resposta foi reveladora da aprendizagem construída pela atividade realizada anteriormente cujo objeto de estudo, o Património à volta da escola, havia sido tratado com recurso à imagem em fotografia.

Esta ‘saída’, embora condicionada, estava a evidenciar que havia já a ‘construção de conhecimento’ e o desenvolvimento de competências ao nível da consciência patrimonial. Acrescente-se que, para que a esta saída fosse mais produtiva para os alunos, realizei um pequeno guião no qual explanei os objetivos centrais da saída e quais os registos e anotações mais significativas para o trabalho que os alunos deveriam obter (ver anexo 44). Neste guião os alunos puderam registar alguns dos elementos já referidos, como os materiais de construção utilizados: os azulejos, a cor das paredes em alvenaria, a pedra calcária o ferro forjado.

Como os alunos puderam registar informação e utilizá-la na realização dos seus trabalhos, esta saída surtiu o seu efeito, embora curta e condicionada, já que as condições climatéricas não permitiam estar fora da escola. Ainda assim, considera-se que os objetivos foram cumpridos.

### 12.ª Sessão: Texto descritivo: Património “À volta da Escola” – 20/11/2018

#### Quadro 13 – Resumo da 12 sessão

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Português	Produção de textos descritivos.	Reconhecer alguns exemplos de património próximo Identificar algumas características do Património próximo. Produzir um texto descritivo sobre exemplos de Património à volta da escola. Desenvolver a consciência patrimonial dos alunos.

#### Descrição da sessão

Esta sessão teve a duração de noventa minutos.

Para o caso em estudo, o Património “à volta da nossa Escola”, entreguei aos alunos várias imagens (ver anexos 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51 e 52) de exemplos de património edificado e pedi-lhes que produzissem um texto, desenvolvido em grupos de dois alunos, descrevendo as imagens que viam nas fotos. Este trabalho de elaboração de textos descritivos foi desenvolvido no âmbito do *Kamishibai plurilingue* e, embora planificado por mim próprio e desenvolvido nas sessões por mim orientadas, por não serem o fulcro do projeto por mim desenvolvido, foi cedido à colega de estágio.

### 13.ª Sessão – Estudo do Meio – Património de Aveiro - 21/11/2018

#### Quadro 14 – Resumo da 13.ª Sessão

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Estudo do Meio	Visualização de fotografias e desenhos de várias tipologias de património local. Audição da música “O Homem da gaita”, de José Afonso.	Reconhecer várias tipologias de Património local. Identificar vários exemplos de Património próximo. Distinguir algumas características do Património próximo. Desenvolver a consciência patrimonial dos alunos.

#### Descrição da sessão

Esta sessão, com a duração de noventa minutos, começou com a explicitação do que se iria realizar: o trabalho iria incidir inteiramente sobre o Património.

Para começar, perguntei aos alunos se sabiam o que era o Património. Como já sabia dos conhecimentos sobre Património, manifestados através dos questionários e das sessões anteriores, pedi que comesçassem por consultar o dicionário procurando na letra 'P' a palavra Património significado de 'Património'.

Dando o 'palco' aos alunos, pedi à Lara que lesse o significado que tinha encontrado. A aluna leu o significado que encontrou: 'bens que herdámos dos nossos pais ou avós; legítima; propriedade' 'conjunto de bens de reconhecido interesse de uma região ou país'.

Depois desta leitura, questionei os alunos se tinham percebido o que a colega tinha acabado de ler.

O Afonso respondeu: "São as coisas que passam dos pais e dos avós para os filhos".

A Joana acrescentou: "São os terrenos e as casas!".

Desta forma, era evidente que a noção de Património que os alunos retiveram apenas se relacionava com a ideia primordial, mas não a que importava explorar para o Projeto. Assim, para enquadrar e definir o Património, projetei o Artigo n.º 2 da Lei de Bases do Património Cultural (2001, s/p), que estabelece que constituem o "património cultural, todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização".

Desta forma, perguntei aos alunos se entendiam o que estava escrito no quadro, o Tomás respondeu que: "O Património é formado por todas as coisas que são antigas, e não podemos deixar estragar".

"Muito bem! Podes dar algum exemplo?".

O aluno respondeu: "Os castelos, as igrejas antigas, as casas antigas!".

"Isso mesmo!" – Esta resposta do aluno ia ao encontro da definição que queria que interiorizassem e que se articulasse com o passado, a memória e a História.

De seguida, expliquei que não existe apenas o Património constituído pelos edifícios, mas que existem vários tipos de Património. Existe o Património tangível, aquele que se pode 'tocar', a que chamamos Património cultural material, e também existem outros tipos de Património, inclusive



Património próprio de cada lugar – como o pertencente a Aveiro – que tem o seu próprio Património que vai além dos edifícios visualizados à volta da nossa escola.

Perguntei aos alunos se sabiam de algum exemplo, ou tipo de comida, que achassem que fosse próprio da região de Aveiro; os alunos não souberam responder com exemplos concretos. Perguntei se sabiam de algum doce de Aveiro. A resposta a esta questão foi proferida quase em coro: “Os ovos-moles de Aveiro!”. Respondi que estavam certos e que esse doce conventual era um exemplo de Património de Aveiro.

Fiz outra questão relacionada com os ovos-moles: “E, normalmente, como são guardados os ovos-moles?” a Sónia respondeu: “Dentro de uma caixinha de papel ou dentro de uma barrica!”. Perguntei se já repararam nas pinturas dessas barricas, ao que os alunos responderam que têm pintadas o barco moliceiro. Neste momento, o Tomás fez uma reflexão reveladora de um pensamento mais elaborado: “Pois, os ovos-moles são de Aveiro e os moliceiros são da Ria de Aveiro e estão ligados um ao outro.”. O Afonso exclamou, partindo desta afirmação do colega: “Já sei de uma comida de Aveiro! As enguias!”.

Plenamente satisfeito com este percurso realizado pelos alunos que, começaram por não dar mostras de conhecer o Património não edificado de Aveiro, nesta aula, conseguiram apresentar, categoricamente, vários exemplos patrimoniais da região. Assim, apresentei imagens de Ovos-Moles (ver anexo 56) e da Caldeirada de Enguias (ver anexo 57), referindo que são produtos de consumo, mas porque são de grande antiguidade e característicos da região de Aveiro, se consideram Património de Aveiro, contudo, como não se trata de edifícios, não podemos classificá-los de Património edificado, mas sim cultural.

Outro exemplo de Património não edificado, pois não se trata de um edifício, mas de uma embarcação que se desgasta com o tempo, mas que se pode renovar mantendo a tradição na sua construção – é o Moliceiro da Ria de Aveiro (ver anexo 58).

Nesta sessão, também revelei aos alunos outro tipo de Património. Primeiro questionei-os se se lembravam de mais alguma coisa que achassem que se pudesse considerar como Património próprio de Aveiro. Os alunos disseram que não se lembravam de mais nada.

“Então, não se recordam de nada que achem típico de Aveiro?” A resposta continuou negativa. “E se vos perguntar de uma festa de Aveiro, que mais nenhuma terra tenha?”; desta vez, as respostas foram diferentes. Afonso: “A festa das cavacas!” Lara: “O São Gonçalinho!”.

“Muito bem! Esse é um exemplo de um tipo de Património único de Aveiro.”. Pedi aos alunos que refletissem sobre aquele exemplo: “Açam que se trata de um edifício?” Os alunos acharam que não. “Então não se pode classificar como Património edificado! A este tipo de Património chamamos de Património imaterial”.

Continuei esta exploração da seguinte forma: “E como estamos a falar de festas, o que é que existe mais numa festa?” A Joana respondeu: “A música!” Acrescentei que, assim, a música também pertence a esse tipo de Património cultural: “Qual é esse tipo de Património?” Tomás: “Património imaterial!”. Respondi que estava correto e que o Património imaterial se pode traduzir nas canções, porque são algo que não podemos tocar, elas é que nos tocam a nós, dizem-nos algo e têm, por isso, um significado para todos e para cada um de nós.

Aveiro, como berço de José Afonso, tem como Património as canções de José Afonso e o seu legado nos poemas que nos deixou. Assim toquei e cantei a canção “O homem da gaita”, de José Afonso, como exemplo de canção, de intervenção também, cuja letra transmite um sentimento/pensamento mas uma história que os alunos poderiam entender (ver anexo 59).

A par disso, mostrei também imagens de uma placa de rua em homenagem a este cantor e autor aveirense (ver anexo 60).

#### **Figura 8 – Imagem de Aveiro no século XVIII**



*Figura 7 - Aveiro no século XVIII (Fotografia do autor).*

Uma outra estratégia que utilizei foi mostrar aos alunos um quadro em azulejo reproduzindo a cidade de Aveiro no século XVIII (ver Figura 8). Nesta imagem pode ver-se a cidade e as suas muralhas medievais.

Tapei, intencionalmente, a legenda da imagem e fui perguntando aos alunos se conheciam aquela imagem ou se conseguiam identificar a cidade nela reproduzida. As respostas foram as

mais variadas: “Lisboa!”, “Roma!”, “Muralha da China!”. No final, ao verificar que nenhum dos alunos conseguia chegar à resposta correta, retirei o papel que tapava a legenda e pedi a um

aluno que a lesse: “Aveiro no século dezoito!” (aplicação de conhecimentos de Matemática, mais concretamente da Numeração Romana). Desencadeou-se um pequeno debate na sala de aula com alguns alunos a fazerem a reflexão sobre a representação que estavam a observar de Aveiro, com muralhas bem destacadas, e confrontando essa representação com a cidade atual desprovida de muralhas.

Como esta aula era uma aula assistida pelo Professor Orientador da Universidade de Aveiro, pedi-lhe que explicasse aos alunos o que acontecera àquelas muralhas e por onde passavam. Os alunos ficaram a saber que aquelas muralhas passavam a escassos metros da nossa escola – inclusivamente, movidos pela curiosidade, alguns alunos levantaram-se e tentaram, através da janela, vislumbrar o traçado descrito pelo professor – e que foram demolidas no século XIX. No meu ponto de vista, o que se passou foi absolutamente extraordinário, pois refletiu um ponto extremamente importante na concretização dos objetivos deste Projeto, como o desenvolvimento e a manifestação de uma consciência patrimonial, pois os alunos, entoaram de forma espontânea, em coro: “Queremos as muralhas! Queremos as muralhas! Queremos as muralhas!”.

Em consequência desta manifestação, esta sessão não poderia espelhar melhor o que, efetivamente, se pretendia com este Projeto, ficou ali bem patente a presença da consciência histórica e patrimonial.

#### **14.<sup>a</sup> – Criação da personagem principal da história do *Kamishibai plurilingue* – 3/12/2018**

##### **Quadro 15 – Resumo da 14.<sup>a</sup> Sessão**

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Português	Criação da personagem principal da história do <i>Kamishibai plurilingue</i> .	Elaborar de um guião com as características físicas da personagem principal.  Desenvolver competência ao nível da descrição humana.

##### **Descrição da sessão**

Esta sessão decorreu no final da aula de Português e teve a duração de cerca de vinte minutos. Nela foi pedido aos alunos que sugerissem, em grupo, as características físicas daquela que haveria de ser a personagem principal da história do *Kamishibai plurilingue*.

Aproveitando as competências já desenvolvidas no que diz respeito à descrição da figura humana, esta atividade seguia o caminho já trilhado nesse sentido, o de estabelecer os parâmetros e as

características físicas da personagem da história. Esta definição devia partir dos alunos o que acabou por acontecer.

Pedi aos alunos que dissessem se queriam que fosse uma menina ou um menino e houve alguma confusão na sala, pelo que foi estabelecido uma regra democrática que passaria a valer para todas as decisões a tomar sobre o *Kamishibai plurilingue*, ou seja, seriam registadas no quadro as sugestões e seguidas de uma votação. O resultado da votação seria (e foi) aceite por todos.

A votação decorreu da seguinte forma:

Menino – 6 votos; menina – 15 votos. Resultado: a personagem principal seria uma menina.

Nome da menina: Joana – a escolha foi unânime.

Nacionalidade: Inglesa – 3 votos; portuguesa – 4 votos; indiana – 14 votos. Resultado: indiana.

Cor da pele: acastanhada – por unanimidade.

Vestes: Camisola amarela - 19 votos; sári – 2 votos.

Saia colorida: unânime.

No final, obteve-se a personagem que seria uma menina chamada Joana, mas como não era portuguesa, mas indiana, passou a chamar-se Joan. As suas características físicas eram as seguintes: de cor de pele acastanhada, vestia uma camisola amarela e uma saia colorida. Ainda se acrescentaram pormenores como a cor dos olhos que seriam verdes e os cabelos pretos.

Uma das alunas pediu para fazer o desenho da Joan em casa e comprometeu-se a trazê-la no dia seguinte, algo que a turma concordou com a condição de que se devia tirar cópias para depois poderem pintar individualmente (ver anexo 61).

Partindo das características acima referidas, realizámos um texto contendo a descrição da protagonista da história (ver anexo 62).

Desta forma, esta sessão cumpriu em pleno o que tinha planificado para ela já que acabámos a aula não só com o registo das características da personagem como até a possibilidade de um primeiro desenho da mesma que, a ser aceite pela turma, haveria de ficar como figura central e sempre presente na história e em todos os desenhos das pranchas.

Houve tempo para se proceder à continuação da exploração plástica daquelas pranchas que assim foram ganhando definição de forma mais concludente (ver anexos 63 e 64).

#### **15.ª Sessão – Desenvolvimento do *Kamishibai plurilingue* – 05/12/2018**

**Quadro 16 – Resumo da 15.ª Sessão**

Tempo	Área disciplinar	Atividade	Objetivos
30min.	Estudo do Meio	Desenvolvimento das ilustrações das pranchas do <i>Kamishibai plurilingue</i> .	Promover as competências plásticas dos alunos. Desenhar e pintar exemplos de Património próximo da escola. Desenvolver a consciência patrimonial dos alunos.

**Descrição da sessão**

Esta sessão decorreu no final da aula de Estudo do Meio e teve como objetivo principal o desenvolvimento da consciência patrimonial dos alunos através da valorização do Património próximo. Lançando mão das ilustrações das pranchas, foi pedido aos alunos que continuassem a prestar atenção aos detalhes das imagens, olhando a imagem a partir de várias perspetivas. Tentariam olhar como se estivessem junto aos edifícios, de baixo para cima, de um lado para o outro, de modo a encontrarem padrões nos painéis dos azulejos, como, por exemplo, a aplicação de painéis de azulejo em que os elementos florais estivessem presentes, o recorte das decorações da fachada, entre outros aspectos.

Uma chamada de atenção para o facto de uma aluna ter assumido o compromisso de desenhar a Joan. A imagem acabou por ser aceite e ficou a ser a personagem principal de todas as pranchas. Alguns alunos ainda tentaram realizar o desenho da Joan (ver anexo 65), mas a tarefa verificou-se difícil e considerou-se melhor que, de seguida, se fotocopiasse a imagem, para que a Joan ficasse sempre igual em todas as imagens e passou-se à ilustração da protagonista da história do *Kamishibai plurilingue*. Um aluno sugeriu que se fizesse um cartaz para servir de capa ao *Kamishibai plurilingue* e assim se fez. A capa apresenta a Joan com um mapa de Aveiro nas mãos, em frente à Ria e junto de Património de Arte Nova (ver anexo 66).

Os alunos que acabaram as pranchas pintaram a Joan e colaram-na no lugar respetivo da prancha. As pranchas ficaram totalmente pintadas, apenas algumas tiveram de ficar a secar na parede, pois eram decoradas com materiais que envolviam um período de secagem mais longo.

Inicialmente, esta tarefa de prender as pranchas à parede também se revelou algo confusa, pois todos queriam que a sua prancha fosse a primeira a ser colocada na parede, mas chegou-se a um acordo: as pranchas seriam expostas de acordo com a sequência lógica da história e assim ficariam todas expostas, incluindo as que não precisavam de secar. Esta solução agradou a todos e teve o mérito de possibilitar uma outra perspetiva dos trabalhos. Isto fez com que os alunos

percebessem que existiam aspetos (poucos) de pormenor a acrescentar, como uma flor que precisava de ser salientada ou uma varanda cuja janela precisava de ser pintada.

Ficou evidente que o objetivo de educar o olhar através de uma perspetiva diferente fora conseguida deslocando o aluno da posição sentada e debruçada sobre o trabalho, ou para a peça artística da sua própria criação mais representativa da sua interpretação do real, mas agora com os trabalhos na vertical, acima do nível do olhar, tal como se estivessem a olhar para um monumento. Os alunos conseguiram aperceber-se de pormenores que antes lhes tinham ‘escapado’ (ver anexos 67 e 68).

### **16.ª Sessão – Execução de postais de Natal – 07/12/2018**

#### **Quadro 17 – Resumo da 16.ª Sessão**

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Português	Elaboração dos postais de Natal com motivos alusivos ao Património de Aveiro.	Desenvolver as competências plásticas dos alunos. Promover a consciência patrimonial dos alunos. Integrar a transversalidade temática e curricular do Património.

#### **Descrição da sessão**

Nesta sessão (que teve a duração de cerca de 45 minutos) foi pedido aos alunos que executassem postais de Natal para oferecer aos encarregados de educação e à direção da escola. Assim, entendi que podia criar-se uma oportunidade para integrar o tema do Património não só do ponto de vista do currículo como também do ponto de vista do tema.

Perguntei aos alunos se gostariam de realizar os postais de Natal e a resposta foi afirmativa. De seguida questionei se tinham alguma ideia do que iriam colocar nos postais. As respostas surgiram no sentido de desenhar e de escrever frases do tipo “Feliz Natal e um bom Ano novo”, no entanto, sugeri-lhes que tentássemos fugir ao banal e aplicássemos o que tinham aprendido até aquela altura, designadamente sobre o Património; então vários alunos perguntaram se podiam ter imagens do Património nos postais. A minha ideia inicial era exatamente essa e os alunos acabaram por corresponder. Desta maneira escolheram as imagens que depois de impressas e recortadas em forma de pinheiro de Natal ou bola de Natal, colaram nos postais. A acrescentar, alguns ainda escreveram “O Património à volta da nossa escola”.

No final escreveram as mensagens pessoais e assim finalizaram os postais de Natal (ver anexo 69).

Esta foi mais uma atividade, que considerei como importante na implementação e desenvolvimento do Projeto que se destacou por afirmar e concretizar o desenvolvimento de uma consciência patrimonial já que partiu dos alunos a escolha do tema e das ilustrações sobre o Património para a elaboração dos postais de Natal.

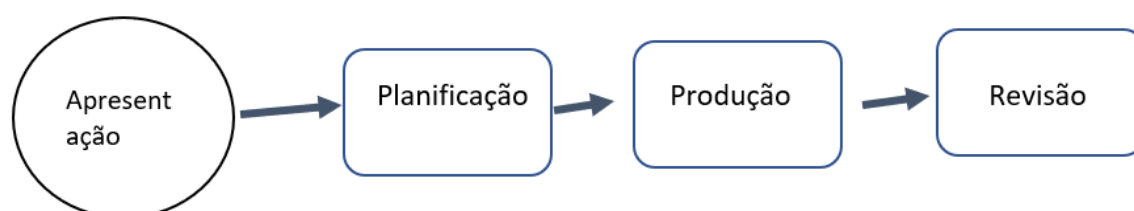
### 17.ª Sessão – Elaboração da história do *Kamishibai plurilingue* – 08/01/2019

#### Quadro 18 – Resumo da 17.ª Sessão

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Português	Produção de textos narrativos/descritivos.	<p>Reconhecer alguns exemplos de património próximo.</p> <p>Identificar algumas características do Património próximo.</p> <p>Produzir um texto narrativo/ descritivo sobre exemplos de Património à volta da escola.</p> <p>Desenvolver a consciência patrimonial dos alunos.</p>

#### Descrição da sessão

Esta sessão teve a duração de noventa minutos. À semelhança das sessões dedicadas à produção textual, esta sessão seguiu o mesmo guião, ou seja, seguiu uma lógica sequencial com as seguintes fases:



#### Apresentação (10 min):

Expus aos alunos o que era pretendido para aquela sessão: um texto em que a personagem principal se integrasse numa imagem de cenário exemplo de Património edificado de Aveiro em que os alunos teriam de imaginar um percurso e uma história que se desenrolasse entre os vários cenários das pranchas.

Assim, os alunos imaginaram uma história em que a Joan andasse por Aveiro à procura de um tesouro.

#### Planificação (15 min):

Nesta fase propusemos aos alunos que refletissem sobre: a apresentação da personagem principal, o tema da história, qual o objetivo principal a atingir e quais os obstáculos a ultrapassar e quais os espaços por onde se movimentaria.

Desta planificação constariam as personagens com que Joan teria de interagir a fim de se saber de que países seriam originários e que língua falariam.

Produção (30 min):

Os alunos produziram uma primeira versão de um texto narrativo/descritivo, seguindo as instruções que lhes foram dadas: a apresentação da personagem principal e a sua descrição breve, qual o objetivo da personagem, por onde teria de seguir e a descrição dos edifícios ou exemplos patrimoniais por onde passaria.

Revisão (25 min):

Verificámos se os textos tinham o título, se as descrições eram coerentes com as imagens e procedeu-se à correção dos erros ortográficos.

A terminar, redigiram o texto final (ver anexo 70) que incluía não só a lógica da narrativa ficcional, mas também um texto que integrava a descrição do Património à volta da escola.

Havia uma outra questão final relacionada com a introdução de palavras de outros idiomas, já que se tratava de um *Kamishibai plurilingue* iminentemente patrimonial, mas com uma referência plurilingue, esta referência foi introduzida com o recurso ao tradutor *online* mas, para o caso do idioma hindi contou-se com a ajuda dos encarregados de educação do aluno indiano, pelo que o discente levou o texto consigo e trouxe-o no dia seguinte com a introdução de alguns termos hindi e sua tradução oral.

### **18.ª Sessão – Conclusão do *Kamishibai plurilingue* – 09/01/2019**

#### **Quadro 19 – Resumo da 18.ª Sessão**

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Expressão plástica	Conclusão do <i>Kamishibai plurilingue</i> . Execução do mural do Património à volta da escola.	Reconhecer alguns exemplos de património próximo. Desenvolver a consciência patrimonial dos alunos.

#### **Descrição da sessão**



Com a duração de cerca de 90 minutos, esta sessão foi inteiramente dedicada ao desenvolvimento das pranchas do *Kamishibai plurilingue*. Os alunos recortaram e colaram os textos impressos nas respetivas pranchas dando coerência à história.

Este processo revelou-se um pouco complexo já que o primeiro texto deveria figurar na última prancha e continuar sequencialmente, facto que nem sempre foi fácil de concretizar. Deste modo, para conseguir a articulação entre os textos e as pranchas foi necessário descolar e colar algumas vezes o texto na prancha correta..

A identificação e o reconhecimento do Património para a elaboração do texto descritivo a apresentar no *Kamishibai plurilingue* foi importante para o desenvolvimento de uma consciência patrimonial. Do mesmo modo, também foi relevante a concretização textual do percurso que a personagem foi fazendo ao longo da história, pois demonstrou que os alunos estavam familiarizados com o mesmo. Alguns expressaram ideias como: “Parece que somos nós que estamos a viver na história!”, demonstrando o envolvimento com a história e a relação que estabeleceram com o Património próximo.

#### 19.ª Sessão – “Joan perdeu-se na Glória e Vera Cruz” – 10/01/2019

##### Quadro 20 – Resumo da 18.ª Sessão

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
HCT – Oferta Escolar	Contagem da história “Joan perdeu-se na Glória e Vera Cruz”, com recurso ao <i>Kamishibai plurilingue</i> .	Reconhecer alguns exemplos de património próximo.  Desenvolver a consciência patrimonial dos alunos.

##### Descrição da sessão

Esta sessão teve a duração de cerca de 20 minutos.

Depois de meses de trabalho acumulados, os alunos revelaram-se ansiosos para verificar o resultado do seu trabalho. Queriam ver como funcionava ao vivo o *Kamishibai plurilingue*, queriam saber como funcionaria a sua história. Até aqui os alunos apenas tinham uma visão parcelar da história já que texto e desenhos tinham sido realizados em paralelo – pois não poderia ter sido de outra forma – e agora poderiam observar como funciona, se funciona o seu trabalho, a sua história.

Com todas as pranchas já terminadas, textos colados na parte de trás das pranchas e com o *Butai* já pintado e terminado, havia apenas que realizar esta última tarefa: contar a história. Esta tarefa

foi realizada em silêncio percebendo-se que a turma estava entusiasmada e no final da história a turma aplaudiu o resultado do seu trabalho (ver figura 9).

**Figura 9 – Kamishibai plurilingue completo**



Figura 8 - Kamishibai pluringue: Joan perdeu-se na Gória e Vera Cruz

No final os alunos foram desafiados a ajudar a Joan a saber em que local estava mostrando apenas a imagem da prancha. Os alunos identificaram cada um dos locais e o Património representado nos trabalhos. Essa identificação foi fácil, o que leva a supor um reconhecimento do Património à volta da sua escola.

## **20.ª Sessão – Visita de estudo ao Património à volta da nossa escola – 10/01/2019**

### **Quadro 21 – Resumo da 20.ª Sessão**

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Estudo do Meio	Visita breve ao património em volta da escola.	Estabelecer contacto com o Património próximo. Identificar alguns exemplos de património próximo. Detetar algumas características do Património próximo. Desenvolver a consciência patrimonial dos alunos.

### **Descrição da sessão**

Esta última visita teve como principal objetivo a avaliação de todo o Projeto através da constatação, *in loco*, da aplicação das aprendizagens e competências que os alunos deveriam ter desenvolvido ao longo deste processo (ver anexos 71, 72 e 73).

As condições atmosféricas eram boas para um dia de visita ao ar livre. Era um dia do princípio de janeiro, algo frio, mas que se adequava bem a uma saída a pé.

O trajeto começou com a saída pelo portão sul da escola, saímos em direção ao Convento das Carmelitas, ou Igreja de São João Evangelista, que os alunos reconheceram, puderam perceber que, numa parte do edifício, funciona ali o Tribunal Administrativo de Aveiro.

Na mesma praça situa-se a casa do Visconde da Granja, um edifício do Século XIX decorado com painéis de azulejo da época da proliferação da Arte Nova. Esses painéis motivaram uma paragem mais demorada, a pedido dos próprios alunos. A Sónia perguntou se a Casa Visconde da Granja era uma casa Arte Nova.

Perguntei-lhe se achava que era uma casa Arte Nova. A aluna disse que achava que sim por causa dos painéis de azulejo. Esta resposta foi elucidativa da relação que a aluna estabeleceu entre a Arte Nova em Aveiro e a utilização do azulejo como material de eleição para a decoração das fachadas. Contudo, expliquei-lhe que embora aquela casa fosse anterior à Arte Nova, os seus proprietários tinham decidido, em 1909, na época de ouro da Arte Nova em Aveiro, embelezar a fachada da casa conferindo-lhe um cariz fortemente azulejar no contexto da Arte Nova.

Seguindo o nosso trajeto passámos pela Casa dos Morgados da Pedricosa, imediatamente reconhecida pelos alunos que puderam verificar o conteúdo do brasão de armas exposto logo acima da porta principal. Os alunos verificaram que esta casa se encontra preservada e que funciona como galeria com diferentes exposições de arte que podem ser visitadas.

Logo a seguir os alunos constatarem que estávamos defronte do Museu de Aveiro/Santa Joana e repararam nas coroas reais que encimam as portas do antigo convento, algo que pedi que reconhecessem: “Assas coroas são todas iguais?”, os alunos responderam que não. “Porque será que não são todas iguais?” As respostas foram variadas: Afonso: “Porque eram de várias princesas”; Luís: “Foram vários artistas que as fizeram, e por isso fizeram-nas diferentes”. Avancei outras propostas: “Primeiro, quantas princesas acham que viveram aqui?”; “Que saibamos isto não era um palácio, o que era este edifício?”. Os alunos responderam que era um convento, então ali viviam freiras. “Então só viveu aqui uma princesa, qual foi?”; o Eduardo respondeu: “Foi a princesa Santa Joana!”.

Por outro lado, o Tomás adiantou que “Aceito que devem ter sido vários artistas a fazer estas coroas, e será que estas coroas demoravam pouco tempo a fazer?”.

A Sofia contrariou esta opinião: “Não, se calhar demoravam muito tempo!”.

Nova questão colocada pelo professor estagiário: “E o convento, acham que se fez de uma vez só?”. Os alunos responderam que não e completaram esta informação dizendo que a princesa tinha escolhido vir para Aveiro porque este convento era o mais pobre de todos os que havia em Portugal. “Então se era o mais pobre, as feiras tinham muito dinheiro para fazer esta construção assim de repente?”.

O Afonso respondeu “Não! Pois não! Demorou muitos séculos.”. Outros alunos acabaram a frase: “Então as coroas são de séculos diferentes!”.

Mais uma vez surgiu outra ideia que pretendia ver debatida nesta minha abordagem, a necessidade de intervenção no Património (em geral) sem lhe alterar a unidade artística e visual, algo que os alunos perceberam não ser o caso deste monumento, pois afirmaram que a parte de trás era nova e a Sónia avançou: “ não tem nada a ver com o resto do convento”. Um outro pormenor interessante foi o facto de terem reparado na placa com o nome da rua adjacente ao convento: Rua do Príncipe Perfeito.

Perguntei-lhes: “Sabem quem era o Príncipe Perfeito?”. O Norberto respondeu que era o Rei D. João II. E que grau de parentesco ligava D. João II à princesa Santa Joana? Norberto respondeu de novo: “Eram irmãos!”.

Percebeu-se que a toponímia não era um fenómeno aleatório ou inocente. Daí seguimos até à vizinha Sé de Aveiro, onde os alunos repararam existir um cruzeiro no interior parecido com o que está localizado fora do edifício. Perguntei-lhes qual seria o motivo justificativo da existência de dois cruzeiros. Alguns alunos responderam que seria, talvez, “para ficar um no caso do outro se estragar”. Respondi que “é isso mesmo, o que está lá fora, é muito mais recente, e foi colocado lá fora para que este não se estragasse com o tempo, pois este já é muito antigo!”.

Perguntei aos alunos se achavam bem que se protegesse aquele Património, ao que os alunos responderam que “sim, achamos muito bem, pois se se estragar, se se fizer outro novo já não tem o mesmo valor!” Esta resposta foi enfatizada pelo Tomás. Demonstrou-se que estes alunos desenvolveram competências de leitura histórica e uma consciência patrimonial, atribuindo um significado de memória e de História ao património edificado do passado. Também foi interessante a tentativa de leitura que os alunos tentaram fazer dos Textos em Latim existentes

dentro da Sé, reconhecendo os carateres relativos à numeração romana, algo que veio comprovar no terreno a dimensão interdisciplinar do Património.

Dentro da nave central da Sé alguns alunos pediram-me que lhes explicasse o que eram as cinzas guardadas na parede, ao que pedi que lessem com atenção o que estava escrito na placa ali fixada. Os alunos puderam constatar que a Sé de Aveiro foi atingida por um incêndio. Perguntei porque achavam que aquelas cinzas estavam ali guardadas. Norberto respondeu que era “para as pessoas se lembrarem e terem mais cuidado para não voltar a acontecer um incêndio na igreja”.

Esta resposta não poderia ter sido mais assertiva e conclusiva, pois resultava da integração da preservação da memória, mesmo que fosse a mais dolorosa, para que no presente não se repitam os erros do passado. No fundo, assumiu-se que o Património é algo que se deve preservar para que todos no presente, e os vindouros, possam usufruir dele.

Saindo da Sé, atravessámos a Avenida de Santa Joana em direção aos edifícios da antiga Sapataria Leitão e do Testa & Amadores. Junto a estas edificações, os alunos puderam tocar nos azulejos e, junto do primeiro, Tomás perguntou o que queriam dizer aqueles painéis de azulejo. Respondi com uma outra questão: “Que edifício é este?”. Roberto respondeu: “É o edifício da Antiga Sapataria Leitão!”. Procurando integrar os conhecimentos de Estudo do Meio sobre as atividades económicas, perguntei qual era a atividade que se praticava. Sónia respondeu que se tratava de um edifício que já fora uma sapataria.

Perguntei de novo: “Não relacionam estes painéis com essa atividade?”. Foi então que perceberam que de um lado estava uma águia e no outro era retratado um leão, cada um com elementos ligados à atividade da sapataria: uma fita de metro e uma forma de sapato. Ainda assim não perceberam o significado das rodas dentadas do painel do meio. “O que vos parecem estas rodas?”. Sara: “Parecem rodas de motores!”. Professor: “Muito bem, mas motores de que máquina, de um carro?”. Os alunos perceberam que se tratava de rodas dentadas de máquinas industriais, portanto fizeram a ligação da industrialização de Portugal com a indústria do calçado.

Lancei outra questão: “Algum de vocês consegue identificar o estilo decorativo deste edifício?”. Houve muitos braços no ar, sinal de que queriam responder e, aleatoriamente, escolhi a Sónia, que respondeu: “Este é o edifício da Antiga Sapataria Leitão e tem Arte Nova!”. Perguntei se estavam todos de acordo e responderam que sim e porque é que achavam que era de Arte Nova, ao que o aluno Tomás me respondeu que “Tem Arte Nova por causa dos azulejos! E tem os animais pintados que são motivos da natureza que a Arte Nova utiliza!”. Reconheci a certeza da

resposta, reforcei-a e salientei esta parte da resposta que destacava o emprego dos motivos naturais na Arte Nova.

Atravessando a Rua de Eça de Queirós (nome que o Afonso relacionou com o autor que viveu parte da infância na região de Aveiro) fica logo o edifício Testa & Amadores, onde enfatizaram as flores dos azulejos e também a data dos mesmos. Próximo deste edifício os alunos verificaram a ornamentação das varandas: “As varandas são muito bonitas! São em ferro! Professor, é a este tipo de ferro que se chama ferro forjado?”. Expliquei que o ferro forjado se chama assim por causa de ser trabalhado na forja recorrendo ao forno com brasas de onde o ferro quente era retirado e logo batido em cima de um instrumento de apoio chamado bigorna. Também houve alunos que sugeriram atravessar a rua, para poderem observar melhor as varandas, pois “estavam muito altas e não se podiam ver”, tal não se tornou possível, já que se trata de uma rua muito movimentada, mas lancei-lhes o desafio de, logo que pudessem, as observassem, mais ao longe, de preferência na companhia dos pais/encarregados de educação.

Caminhando mais alguns metros chegámos ao Parque Infante D. Pedro e ao seu Coreto de ferro forjado. Observaram-se as Igrejas de Santo António e de São Francisco. Os alunos puderam confirmar que se tratava de duas igrejas distintas e não apenas de uma pelo facto de terem fachadas distintas e de se perceber que cada uma tem o seu telhado e fachada, o que logo mostra trata-se de duas construções de épocas diferentes. No regresso à escola analisou-se a fachada da Antiga Garagem de Aveiro na qual os alunos puderam apreciar a riqueza do detalhe da pedra calcária trabalhada.

Assim terminou o percurso que visava reconhecer o Património à volta da nossa escola. No final deste “roteiro do Património à volta da escola” registei que os alunos reconheceram todos os edifícios trabalhados na sala de aula, nomearam-nos e identificaram os edifícios com estilo Arte Nova.

Já na sala de aula, questionei os alunos que mostraram muito agrado para com a iniciativa da visita. Perguntei-lhes se se lembravam da visita que a Joan realizou àqueles locais, os alunos recordavam-se. Sugeri-lhes que fizéssemos um roteiro, uma espécie de mapa, contendo desenhos dos locais que visitámos. Os alunos aderiram a este desafio e começaram a desenhar e a colorir os seus desenhos que colámos em cartão e expusemos na sala. Esta exposição revelou uma sequência espacial dos trabalhos, em forma de mapa, contemplando exemplos de Património próximo da escola. Assim, os desenhos aplicados em cartão, com cerca de um metro quadrado,

foram colocados na parede transformando-se num mural de belo efeito, pelo que a sala ficou ornamentada com o mural do Património à volta da nossa escola (ver anexo 74).

### 21.ª Sessão – Preenchimento do questionário sobre o Património 15/01/2019

#### Quadro 22- Resumo da 21 Sessão

Área disciplinar	Atividade	Objetivos
Português.	Preenchimento do questionário final.	Obter respostas que dessem informação sobre as competências dos alunos em termos de consciência patrimonial. Fazer o balanço e avaliação do Projeto.

#### Descrição da Sessão

Alguns dias depois de ter encerrado as atividades do Projeto, no que dizia respeito ao primeiro semestre, distribui um inquérito final (Ver anexo 75) aos alunos solicitando o seguinte:

- ✓ Que registassem o que achavam que era o Património depois de concretizado o Projeto.
- ✓ Dos exemplos de Património edificado que ficaram a conhecer melhor, à volta da escola, exemplificando três referências.
- ✓ Que referissem o nome do estilo decorativo e arquitetónico predominantemente representativo de Aveiro.
- ✓ Que registassem o nome do prato regional mais conhecido de Aveiro, bem como o nome do doce típico de Aveiro, se os consideravam Património e porquê.
- ✓ Que distinguissem entre José Afonso e Eça de Queirós; qual deles nasceu em Aveiro e o motivo pelo qual ficou conhecido.

Sendo este um questionário mais complexo do que o anterior, naturalmente, foi atribuído mais tempo de resposta aos alunos.

Quando recolhi todos os questionários fiquei com a sensação de que o meu trajeto com aqueles alunos estava temporalmente terminado, havia que passar à análise dos dados para perceber se a ideia que tinha aquando da última visita ao Património à volta da escola estava correta. Esse caminho de análise estava pronto a ser feito.

## 9. Síntese do desenvolvimento do Projeto com a turma do 3.º Ano do 1.º CEB

Com esta turma do 3.º ano do 1.º CEB, depois do período de observação e de tomar conhecimento das dinâmicas da turma e da sala, comecei por procurar saber quais eram os seus conhecimentos sobre Património, para poder iniciar o Projeto de investigação. Esta abordagem servia para dar resposta à minha primeira questão problema: “Quais os conhecimentos que estes alunos têm do Património?”. Nesse sentido, pedi-lhes que respondessem a um pequeno questionário e elaborassem desenhos sobre Património conhecido.

Como as respostas que recebi apontavam para lacunas na expressão de conhecimentos sobre Património, ou uma incipiente consciência patrimonial, entendi levar a cabo algumas atividades que foram transversais a todas as áreas curriculares como o desenvolvimento de atividades que permitissem aos alunos a produção textual de textos descritivos da figura humana e de edifícios. Esses textos serviram de base às descrições do Património à volta da escola e da personagem principal da história do *Kamishibai plurilingue* “A Joan perdeu-se na Glória e na Vera Cruz”.

Também foram realizadas atividades em Matemática alusivas ao património: atividades de orientação espacial e a resolução de situações problemáticas.

No Estudo do Meio foram lecionadas várias tipologias de Património local como o edificado e o não edificado, com incidência no gastronómico (focando os ovos-moles de Aveiro ou a caldeirada de enguias) e imaterial como a festa de S. Gonçalinho e as canções de José Afonso.

Por outro lado, a expressão plástica marcou presença forte como área curricular de intervenção e desenvolvimento de uma consciência patrimonial por parte dos alunos. Essa presença verificou-se na elaboração das pranchas do *Kamishibai plurilingue* e do Mural do Património à volta da escola.

A meio e no final deste Projeto os alunos puderam contactar com o Património à volta da escola promovida pelas visitas de estudo realizadas.

No primeiro grupo de alunos, recorreu-se a estratégias que passaram pela intervenção de forma interdisciplinar, integrando e articulando os vários preceitos curriculares com a intenção do Projeto – desenvolvimento de uma consciência patrimonial – com a aplicação e desenvolvimento de competências. Estas competências foram desenvolvidas ao nível da escrita, da leitura, da expressão plástica, dos conhecimentos e competências nas áreas do Português, do Estudo do Meio e da Matemática, integrando a disciplina criada ao abrigo da Flexibilidade Curricular (Histórias e Contos Tradicionais), traduzidas em atividades como o mural do ‘Património à volta da minha escola’, a execução do *Kamishibai plurilingue* patrimonial ‘Joan perdeu-se na Glória e Vera Cruz’.



Conclui-se que estas opções didáticas se revelaram como oportunidades de desenvolvimento de competências ao nível de uma reflexão e intervenção sobre o domínio do Património.

### **10. Desenvolvimento do Projeto no 2.º CEB**

O Projeto sobre o Património à volta da escola do 2.º Ciclo do Ensino Básico realizou-se no âmbito da flexibilidade curricular e Domínio da Autonomia Curricular (DAC) em Português.

Estas sessões decorreram com a periodicidade de 50 minutos semanais e iniciaram-se na última semana do 2.º período. Como havia pouco tempo para desenvolver o Projeto fui lançando de imediato as ‘mãos ao trabalho’.

A Flexibilidade Curricular/DAC desenvolve-se dentro do quadro da autonomia que é dada às escolas para que desenvolvam projetos orientados por diversas temáticas. Outra das orientações é a de que devem ser os alunos a tomar todas as decisões relativas ao rumo que o Projeto deve tomar, ou seja, a autonomia não é apenas aplicada à escola mas concretiza-se no trabalho dos alunos, procurando corresponder a uma verdadeira aprendizagem de dentro para fora e com significado para os alunos.

Neste sentido, percebi que poderia desenvolver o Projeto com estes alunos, ainda que seguindo estas orientações e não sabendo muito bem, de antemão, o que os alunos poderiam querer fazer para desenvolver o Projeto. Como para o DAC de Português um dos temas a propor era o da Arte e Estética, apresentei à turma desenvolver o Projeto que tinha em mente, o Património à volta da escola.

Como também já fiz referência noutro ponto deste trabalho, eu não conhecia muito bem o Património existente à volta da escola, pelo que tive de fazer um levantamento do património existente e passível de ser abordado/trabalhado.

Como o tempo disponível era escasso, pois apenas teria cerca de seis horas letivas para desenvolver o Projeto, entendi que não poderia ser muito ambicioso nos objetivos que devia traçar para esta segunda etapa do trabalho. Assim, depois de ter feito um pequeno percurso pedestre à volta da escola, compreendi que o Património mais próximo se encontrava marcado pela estética da Arte Nova, com dois edifícios com características deste estilo arquitetónico/decorativo. Percebi que uma das casas em causa encontrava-se habitada e em relativo bom estado de conservação, mas uma outra, pelo contrário, encontra-se muito degradada e à venda.

Partindo destes exemplos patrimoniais à volta da escola, entendi que podia traçar um plano realista que possibilitasse o desenvolvimento das competências dos alunos que quisessem trabalhar neste Projeto. Aliás, este é outro aspeto a ter em conta em DAC é o facto de que os alunos apenas trabalham o tema que preferem e em grupos que podem já estar previamente organizados.

Assim, passo a descrever as sessões de trabalho concernentes ao desenvolvimento do Projeto 'O Património à volta da escola' no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

## **11. Sessões de desenvolvimento do Projeto no 2.º Ciclo do Ensino Básico**

### **1.ª Sessão – Apresentação do Projeto – 1/04/2019**

Nesta primeira sessão apresentei aos alunos a intenção inerente ao Projeto sobre o Património, em especial sobre o Património Arte Nova, e para isso tínhamos de conhecer exemplos com características de Arte Nova próximos da escola e, assim, construir conhecimento sobre o património à volta da escola, com o objetivo de fazer a sua divulgação dentro da comunidade escolar.

Para concretizar melhor este Projeto, perante os alunos, de modo explícito, expus uma planificação do que poderia ser desenvolvido (ver anexo 76).

Para minha surpresa, muitos alunos quiseram aderir ao Projeto. Infelizmente, como a turma é relativamente pequena, apenas um grupo poderia trabalhar no Projeto e, mesmo assim, com a anuência da professora titular, o grupo ficou com mais um elemento do que o que inicialmente era possível: 5 elementos.

A primeira atividade que foi realizada foi a entrega de um pequeno questionário inicial em que, à semelhança do que tinha sido desenvolvido no primeiro ciclo, os alunos respondessem a questões que me dessem informações sobre competências e consciência patrimonial, sobretudo no que diz respeito ao nível do Património mais próximo da escola (ver anexo 77).

Assim esse questionário pretendia obter dos alunos elementos como:

1. O que é o Património para o aluno.
2. Exemplos de Património.
3. Se conhecia algum tipo de Património próximo da escola.
4. Se sabia o que é a Arte Nova.
5. Se sim, que desse um exemplo.

As respostas foram muito vagas, os alunos demonstraram não conhecer uma definição de Património, não responderam a algumas perguntas e nem conseguiram responder relativamente à Arte Nova. As respostas obtidas no questionário inicial foram as seguintes:

1. “O Património é a cultura de cada país.”; “Acho que é o que é das pessoas.”; “Não sei.”; “Não sei.”; “Acho que não sei.”.
2. “Azulejos portugueses, “Calçada portuguesa”.
3. Sem resposta.
4. Sem resposta.
5. Sem resposta.

Perante as respostas percebi que existiam algumas lacunas relacionadas com o Património, ou seja, acreditavam que conheciam alguma coisa sobre Património mas não traduziram isso numa verdadeira consciência patrimonial. A primeira resposta indicava que a aluna estabelecia uma relação entre Património e cultura, mas não conseguiu dizer o que era a cultura, pelo que esta resposta terá resultado mais fruto de uma memorização mecanizada do que algo com significado pessoal para a aluna. Outra resposta pode associar-se à noção de herança ou de propriedade individual, portanto, sem relevância para o significado coletivo e identitário que pretendia obter.

Outras respostas iam mais no sentido de apresentação de exemplos patrimoniais do que uma definição de Património, mas era uma pista que indicava haver um conhecimento, mais ou menos ténue, do que era o Património para aqueles alunos, ou seja, conseguiram estabelecer uma relação entre Património e a produção artística presente nos materiais de construção que conheciam.

Relativamente à Arte Nova, os alunos demonstraram desconhecer este estilo.

Ficou definido que na primeira sessão depois das férias da Páscoa seria concretizada uma visita de estudo/saída de campo aos edifícios com características Arte Nova.

## **2.ª Sessão - Visualização de imagens de edifícios Arte Nova– 29/04/2019**

Nesta sessão perguntei aos alunos do grupo de trabalho o que era para eles o Património. Percebi pelas suas respostas que iam no sentido do questionário inicial entregue na sessão anterior: “é a cultura de cada país”.

“E o que é a cultura?”, os alunos não conseguiram dar uma resposta concreta: “é uma coisa que... faz com que nós aprendamos coisas!”. “Sim. Mas que coisa é essa, o que aprendem e como aprendem?”.

Mais uma vez as respostas foram evasivas e pouco esclarecedoras. Tais respostas fizeram-me pensar que talvez os alunos pudessem não saber concretamente o que era o Património, o que por si só pode significar ausência ou insuficiente consciência Patrimonial e, associado a isso, uma carência de consciência histórica.

Nesse sentido, fui mostrando imagens (as mesmas que utilizei na turma do 1.º CEB) perguntando-lhes se reconheciam os edifícios que nela estavam representados. Os alunos do grupo reconheceram todos aqueles edifícios indicando que já tinham visitado o Museu de Aveiro/Santa Joana.

“Então, se já conhecem, já sabem o que é o Património. Podem nomear outros exemplos?”.

Foi então que me apontaram exemplos concretos como A calçada portuguesa, os palheiros da Costa Nova, os moliceiros e a antiga estação de comboios de Aveiro.

Assim, categorizei os seus conhecimentos desta forma:

**Quadro 23 – Categorias dos conhecimentos de Património do grupo de alunos do 2.º CEB**

Categorias	Indicadores	Ocorrências	Respostas
Sem resposta	Não responde	3	-----
Resposta vaga	Resposta inconclusiva sobre a definição de Património	2	“O Património é a cultura de cada país”. “Acho que é o que é das pessoas”.

Após esta categorização realizou-se uma visita aos edifícios à volta da escola contendo características do estilo Arte Nova. Para tal entreguei aos alunos os pedidos de autorização de saída, para que fossem assinados pelos respetivos encarregados de educação e entregues na sessão seguinte (ver anexo 78).

**3.ª Sessão – Visita a edifícios Arte Nova próximos da Escola – 6/05/2019**

Para a preparação desta saída elaborei um plano de visita de estudo (ver anexo 79) contemplando, para além do percurso pedestre, propostas de leitura do Património a visitar. Essas sugestões passavam pela caracterização dos edifícios, pelos materiais de construção e de revestimento, bem como pelos pormenores decorativos das fachadas, portões e varandas. Entretanto seriam feitos registos fotográficos no momento da visita.

Este guião contemplava também a sugestão, por parte dos alunos, de trabalhos de melhoria da apresentação e aproveitamento daqueles exemplares com elementos de Arte Nova.

No final desta visita, o plano de saída tinha sido preenchido com os dados dos alunos que revelaram o seguinte:

Os alunos registaram os materiais de revestimento das fachadas e as suas cores e destacaram que o azulejo ocupava um papel importante na decoração destas casas, pela sua composição estética e pelo típico garrido das cores (ver anexo 80). Também registaram a presença do ferro nas varandas e nos portões bem como o trabalho floral do ferro forjado. O calcário e o granito foram reconhecidos e registados nos seus apontamentos como materiais de construção e revestimento.

Pelo facto de a segunda casa (casa amarela – ver anexo 81) estar em mau estado de conservação, mereceu uma preocupação maior e, acrescentando a isso o facto de se encontrar à venda, perguntaram-me se sabia o que podia ser feito para evitar a sua degradação/destruição.

Esta questão revelou-se para mim como de grande importância, pois demonstrou o despertar da consciência patrimonial, de proximidade e, talvez, identificação com aquele exemplo patrimonial em concreto e o estilo Arte Nova em geral, pois representa um pensamento que ultrapassa o momento em si e projeta a preocupação dos alunos quanto ao futuro do edifício que reconheceram como Património a preservar.

Quando regressámos à escola estava na hora de terminar a aula, pois apenas havia 50 minutos para a aula/visita. Tratou-se de uma iniciativa frutuosa e agradável, deu a sensação de que foi extremamente rápida implicando rever as imagens na próxima sessão e perceber o que se poderia fazer em relação a este Património.

#### **4.ª Sessão – Expressão plástica sobre a Arte Nova – 13/05/2019**

Nesta sessão revimos as fotografias que haviam sido tiradas durante a visita de estudo da aula passada e analisámos os dados registados pelos alunos no guião de visita. Os alunos repararam que todos os seus registos coincidiam no destaque dado aos seguintes aspetos:

- a) Presença dos azulejos como elementos decorativos.
- b) Painéis de azulejos decorativos com motivos florais.
- c) Presença do granito como pedra decorativa, pouco trabalhada, na casa em melhor estado de conservação.
- d) Presença da pedra calcária, mais trabalhada, na casa em pior estado de conservação.
- e) Presença do ferro forjado com motivos florais, sobretudo na casa em pior estado de conservação.

- f) Forte presença dos motivos florais como elementos decorativos e fator distintivo de expressão da Arte Nova.
- g) Identificação da data de construção na casa em melhor estado de conservação – 1908 – o que a permite situar temporalmente no período dominante da Arte Nova na região de Aveiro (início do século XX).

Juntando estes elementos assinalados pelos alunos, adiantei que estávamos em presença de dois exemplos de edifícios que demonstram a influência do estilo Arte Nova, estilo que se caracteriza pelas características que eles tinham destacado nos dois exemplares visitados.

No fundo, o trabalho do professor estagiário, neste caso preciso, foi o de conduzir os alunos a percorrer um caminho de desenvolvimento das suas próprias competências, pelas observações e questões levantadas cruzando os seus registos e constatando dados por cruzamento da informação. Os alunos formularam as suas próprias questões e ideias, conceberam um plano de execução em função daquilo que tinham observado e de acordo com as suas próprias prioridades.

Por via dos dados recolhidos e em função das informações que lhes forneci, os alunos sugeriram a execução de um painel ao estilo da Arte Nova em cartão ou cartolina, uma proposta de recuperação da casa amarela (em pior estado de conservação) e a redação de uma carta dirigida à Presidente da Junta de Freguesia para saber se aquelas casas têm projetado um plano de classificação e restauro.

De modo a variar os materiais de trabalho e uma vez que o azulejo era um elemento decorativo importante nas casas que fomos visitar e que lhes fornecia as características da Arte Nova, perguntaram-me sobre a possibilidade de executar um painel em azulejo, com motivos florais ao estilo da Arte Nova. Respondi-lhes que iria tentar fornecer-lhes azulejos, para concretizar esse intento.

Assim, em virtude destas sugestões, os alunos iniciaram o desenho em papel de um painel de motivos florais ao estilo da Arte Nova (ver anexo 82). Um outro aluno manifestou interesse em fazer uma proposta de recuperação da casa amarela sob a forma de um desenho em computador. O desenho avançou nesta sessão e a redação da carta também (ver anexo 83).

### **5.ª Sessão – Pintura de painel de estilo Arte Nova – 20/05/2019**

Para esta sessão consegui obter os azulejos que os alunos me tinham pedido. Dessa forma, puderam dar início à atividade que tanto tinham ansiado. Assim, depois de terminado o desenho

em papel vegetal, o mesmo foi passado, por decalque, para o azulejo em chacota e, em seguida, reforçado a lápis (ver anexo 84).

No final deste processo, os alunos começaram a pintura dos azulejos (ver figura 10).

**Figura 10 – Pintura do painel de azulejos**

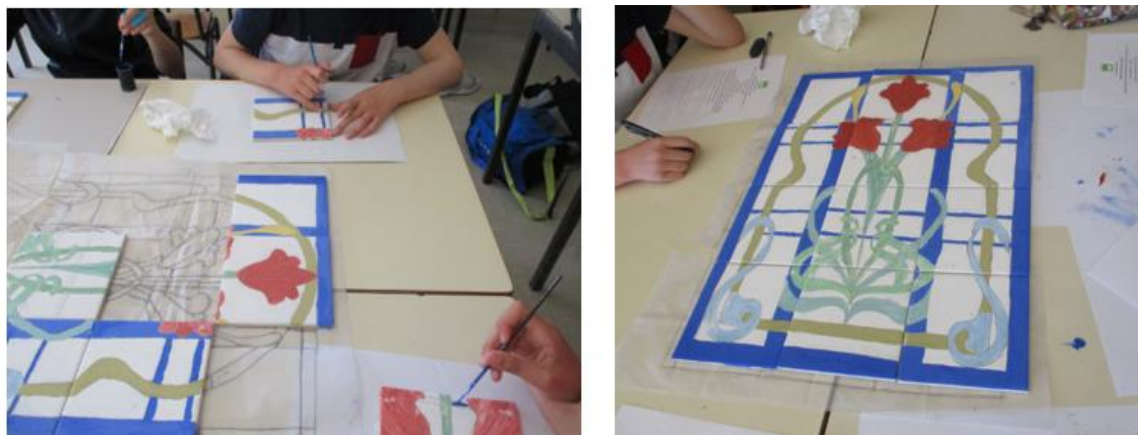


Figura 9 - Pintura do painel de azulejos.

#### **6.ª Sessão – Conclusão da pintura do painel de azulejos– 27/05/2019**

Nestes 50 minutos os alunos dedicaram-se a terminar a pintura do painel de azulejos para, depois de seco, se levar à mufla da sala de Educação Visual e Tecnológica para que os azulejos fiquem cozidos.

#### **7.ª Sessão – Preenchimento do questionário final – 3/06/2019**

Com a colaboração do professor de Educação Visual e Tecnológica, os azulejos foram retirados da mufla (ver anexo 87) e os alunos levaram-nos para a sala onde foram colados numa tábua de contraplacado marítimo para que não se partissem e também para que o trabalho fosse exposto na sessão de apresentação dos trabalhos de DAC (ver figura 11).

**Figura 11 – Colagem do Painel de azulejos**

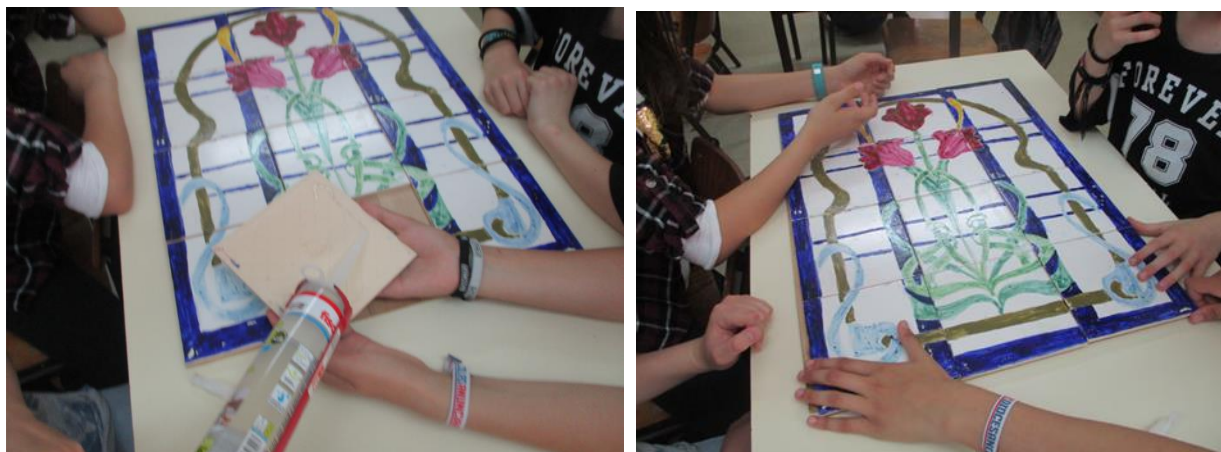


Figura 10 - Colagem do Painel de azulejos

Um aluno ainda apresentou a sua proposta de recuperação da casa amarela (ver anexo 90).

De seguida os alunos preencheram os questionários finais (ver anexo 91).

### **8.ª Sessão – Aula de História e Geografia de Portugal sobre o Património**

Esta última sessão decorreu no seguimento cumprimento do Programa e das Aprendizagens de História e Geografia de Portugal para o 6.º Ano do 2.º CEB. Esta sessão teve a duração de cerca de 50 minutos e decorreu no dia 7 de junho de 2019.

A aula começou com a leitura da Aprendizagem Essencial e a formulação das seguintes questões, direcionadas aos alunos, um a um para não causar momentos de dispersão na turma:

“O que é, para ti, o Património?”. As respostas dos alunos foram registadas no quadro apenas para nos orientar na aula, para saber se estavam em consonância com a definição de Património proposta pela Aprendizagem Essencial.

Seguiu-se a visualização do vídeo da Escola Virtual da página 204 do manual adotado. Para abordar este vídeo coloquei várias questões aos alunos: “Agora já sabem dizer o que é o património?”.

Registo das respostas no quadro, em paralelo com as afirmações anteriores.

“Que grandes grupos de Património existem?”. Os alunos responderam que existem os grupos do Património Cultural e o do Património Natural. Registo no Caderno destes dois grandes grupos de Património. Solicitei aos alunos que referissem e registassem exemplos de Património para cada um dos grupos. “Para além destes dois grupos, podemos encontrar dois outros grupos de Património, que grupos são esses?”. Os alunos responderam que existe o Património material e o Património Imaterial. “Qual será a diferença entre Património Material e património Imaterial?”.

A turma foi sempre muito participativa e conseguiu distinguir, de forma genérica, essa diferença adiantando que o Património material era aquele que nós podemos tocar e, ao contrário, o imaterial é aquele que nós não conseguimos tocar. Ao longo desta troca de ideias os alunos foram dando exemplos de Património material e imaterial. “No vídeo refere-se que é importante preservar o Património. O que quer dizer “preservar?”. Os alunos consideraram que é importante não deixar que as coisas desapareçam pois isso seria muito prejudicial para todos nós.”. Foram registadas as opiniões dos alunos.

Por fim, preparei a apresentação de um *PowerPoint* sobre o Património local no qual me baseei para ir colocando questões aos alunos sobre se conheciam aquele património de Aveiro. Muitos



alunos responderam afirmativamente, sobretudo no que se refere aos elementos naturais tais como a Ria de Aveiro e as Dunas de São Jacinto que, embora não estando nas imagens, os alunos conseguiram associar a Aveiro e à Ria.

Ainda tivemos tempo para abordar a Arte Nova e, como havia sido com esta turma que havia trabalhado em DAC o Projeto sobre a Arte Nova, os alunos daquele grupo foram sempre muito participativos e assertivos. Tive mesmo de lhes pedir que não intervissem mais, pois estavam a monopolizar a aula neste capítulo e era interessante saber outras opiniões. No geral foi uma aula sobre o Património muito satisfatória, pois serviu para aquilatar das competências dos alunos ao nível das aprendizagens realizadas em DAC e para poder conhecer o panorama geral desta turma relativamente aos seus conhecimentos e representações sobre o Património.

### **Conclusões da implementação do Projeto com o grupo de alunos do 2.º CEB**

Relativamente ao grupo de alunos do 2.º CEB, a reflexão a fazer é a de que, apesar de não haver no horário muito tempo disponível, nem no número de aulas até ao fim do ano letivo, para trabalhar o Projeto, a Flexibilidade Curricular emergiu como uma janela de oportunidade importante para o desenvolvimento do Projeto.

No final deste segundo semestre foi curioso verificar que o trajeto que os alunos realizaram foi sensivelmente o mesmo que os alunos do 3.º ano haviam realizado. Começaram por não saber expressar uma definição de Património. As suas definições eram muito vagas o que transmitiu a ideia de uma consciência patrimonial latente que, necessariamente, carecia de ser trabalhada. Uma conversa com os alunos que reforçou a ideia transmitida pelo questionário inicial. Os alunos mostravam não ter bem presente o que era o Património, não o conseguiam definir e não sabiam dar exemplos de Património.

Relativamente à Arte Nova, também não revelavam conhecer a sua presença na cidade ou mesmo próximo da sua escola. Após o referido diálogo o passo seguinte consistiu na realização da visita a dois exemplos de edifícios com evidências de Arte Nova que se situam próximos da escola. A realização dessa visita revelou-se fundamental para a criação de uma ligação afetiva com o Património local, pois os alunos demonstraram ficar sensibilizados para com as características desse tipo de Arte revelando interesse na forma como os materiais eram empregados nas construções, bem como na condição de preservação desses edifícios. O seu interesse foi para além do que era pedido, pois realizaram propostas de recuperação desses mesmos edifícios e encetaram esforços junto do poder autárquico para saber das condições de propriedade e classificação dos imóveis.

Ficaram agradavelmente surpreendidos por receberem uma resposta em tempo útil por parte da Presidente da Junta de Freguesia (ver figura 12).

**Figura 12 – Mensagem eletrónica enviada pela Presidente da Junta de Freguesia**

A terça, 4/06/2019, 10:35, Junta de Freguesia <[redacted]@gmail.com> escreveu:  
 Muito bom dia Sr. Professor e respectivos Alunos  
 Vimos por este meio acusar a recepção do vosso mail e agradecer o vosso interesse.pelo Património  
 Não temos conhecimento de qualquer um dos imóveis estar classificado.  
 Muito obrigada.  
 Disponham.

*Figura 11 - - Mensagem eletrónica enviada pela Presidente da Junta de Freguesia*

Tal facto não os sossegou e, apesar de estarmos no final de um ano letivo muito exaustivo para todos, ainda conseguiram levar a cabo a realização de um painel em azulejo com desenhos inspirados na Arte Nova, escolhendo a pintura em azulejo por se tratar de um material que verificaram estar presente nas duas edificações como expressão pona identidade patrimonial de Aveiro.

Esta ‘construção de conhecimento’ levou ao desenvolvimento de uma consciência patrimonial que também se traduziu na busca autónoma de vários exemplares de Arte Nova em Aveiro e no registo voluntário concretizado através de desenhos desses exemplos Arte Nova. Os alunos demonstram querer fazer parte deste Projeto e defender uma causa na qual acreditam.

Assim, no final da aplicação deste Projeto no 2.º CEB a sensação que fica é a de que os alunos envolvidos criaram e desenvolveram laços de afetividade que contribuíram para o desenvolvimento de capacidades como a intervenção crítica sobre a realidade patrimonial que os envolve. Essas competências ficaram evidentes quando, na última aula de HGP, entrevistaram com entusiasmo sempre que questionados. Aliás, as suas intervenções foram tão entusiastas que forçado a pedir-lhes que deixassem os seus colegas, que não tinham participado no Projeto, exprimir as suas ideias sobre Património.

Por outro lado, no final das sessões os alunos envolvidos no Projeto expuseram os trabalhos realizados e um texto (ver texto infra), de elaboração própria, que resume o seu percurso e as suas aprendizagens construídas com a execução do Projeto ‘Património à volta da minha escola’. Como este texto foi inteiramente realizado sem a participação do professor estagiário, expõe-se aqui o mesmo de forma quase integral (apenas foram suprimidos os nomes dos alunos

participantes no Projeto). Também a escolha do *layout* foi feita inteiramente dos alunos. O desenho de fundo representa um dos edifícios visitados pelo grupo de alunos (foi retirado da *Internet* pelos mesmos).

## Arte Nova em Aveiro

### Breve descrição do trabalho efetuado

#### Porquê Arte Nova?

Com o tema “Arte, Cultura e Ciência” iniciámos o nosso DAC. Pensámos em recolher informação sobre algo característico da nossa cidade e lembrámo-nos do Museu Arte Nova em Aveiro. Questionámo-nos sobre o que era a Arte Nova e se haveria algum registo em Esgueira. Concluímos que seria um bom subtema para o nosso grupo.

#### O que sabíamos sobre Arte Nova?

No início deste projeto... quase nada! Por isso tivemos que partir à descoberta.

#### Qual a nossa metodologia?

Começamos por tentar perceber quais as características da Arte Nova na arquitetura – nisso, para além das nossas pesquisas individuais, tivemos a ajuda do professor Paulo, que partilhou connosco os seus conhecimentos.

Próximo da escola encontrámos dois exemplos de edifícios com características Arte Nova, por isso fomos visitá-los. Admirámo-los na sua singularidade e beleza e concluímos que seria pena que se perdessem e com eles a memória da presença da Arte Nova em Esgueira.

#### O que observámos?

- Uma casa, ainda habitada, revestida a azulejo, com varandas de ferro trabalhado e painéis de azulejo coloridos com flores;
- Outra, desabitada e à venda, muito degradada e também com ferro forjado, trabalhado com motivos de flores nos seus portões. Os painéis de azulejos também têm flores.

#### O que aprendemos?

O estilo Arte Nova é um tipo de arte decorativa, que em Aveiro se destaca dada a existência de muitos edifícios com fachadas bastante decoradas.

A Arte Nova define-se pelo pormenor do trabalho em vários materiais, como: o azulejo colorido com motivos florais, que reveste as fachadas das casas; o ferro trabalhado - que se chama ferro forjado, porque era aquecido na forja e moldado enquanto quente para lhe dar forma - presente nas proteções das varandas ou nos portões.

Embora característico da Arte Nova, o granito aparece pouco ligado ao movimento da Arte Nova Aveirense, provavelmente porque não existe próximo de Aveiro e é uma pedra muito pesada, difícil de transportar e de trabalhar. A rocha que se destaca é o calcário, que existe nas proximidades de Aveiro, em Cantanhede ou Ançã e que é uma rocha macia e fácil de trabalhar pelos pedreiros e artistas. Por esta razão, é fácil observar em Aveiro casas Arte Nova com calcário a decorar as suas fachadas.

Finalmente, enviámos um email à Senhora Presidente da Junta de Freguesia pedindo informação sobre se as casas estão classificadas como património Arte Nova. Recebemos resposta dizendo que não tem conhecimento que qualquer um dos imóveis esteja classificado.

#### O que fizemos para guardar memória deste trabalho?

- um painel de azulejo com motivos florais ao estilo da Arte Nova;
- algumas fotografias das casa.

Assim, este texto espontâneo é revelador da emergência dos conhecimentos construídos e da consciência da importância que o trabalho realizado pelos alunos desempenhou na construção desses conhecimentos. Desta forma, parece evidente que este Projeto cumpriu os objetivos propostos, também no 2.º CEB, principalmente no desenvolvimento de uma consciência patrimonial.

O estudo ora apresentado utilizou uma metodologia de natureza qualitativa e reveste-se de características de uma investigação ação que pressupõe a investigação, atuação e reflexão sobre as ações, permitindo um questionamento constante e a possibilidade de um aperfeiçoamento do próprio processo de ensino e de aprendizagem.

As Metas e Programas de Estudo do Meio do 1.º CEB e História e Geografia de Portugal do 2.º CEB plasmas as aprendizagens essenciais dos alunos ao nível do Património Para além disso, acentuam as possibilidades de utilização dos recursos patrimoniais próximos como fontes de aprendizagens e recursos didáticos que a escola deve aproveitar na promoção de atividades pedagógicas facilitadoras das aprendizagens e desenvolvimento de competências dos alunos.

Assim, as escolas têm uma oportunidade de desenvolver projetos de valorização e divulgação do património próximo, a par do desenvolvimento dos conteúdos curriculares de estudo do Meio e de História e Geografia de Portugal e de integrar as possibilidades que o seu contexto patrimonial local lhes oferece através da recente legislação que enquadra a Flexibilidade Curricular.

O enquadramento legal da Flexibilidade Curricular veio garantir às escolas uma maior autonomia na elaboração os horários e principalmente dos currículos para potenciando a realidade local próxima como fator integrador dessas aprendizagens.

Deste modo, o Projeto de investigação foi desenvolvido em duas escolas da região de Aveiro, uma num contexto mais centralizado, outra num contexto mais periférico, mas ambas localizadas na malha urbana.

A primeira parte do Projeto foi desenvolvida com alunos de uma turma do 3.º ano do 1.º CEB e a segunda parte envolveu um grupo de alunos de uma turma do 6.º ano do 2.º CEB.

Neste capítulo apresentaram-se as sessões que permitiram o desenvolvimento do Projeto procurando dar resposta às questões da investigação. Foram realizadas trinta sessões relativas ao desenvolvimento do Projeto 'Património à volta da minha escola', vinte e duas no 1.º CEB e oito no 2.º CEB.

Em ambas as turmas evidenciaram-se lacunas ao nível da manifestação de conhecimentos e de uma consciência patrimonial, pois dificilmente se tem uma atitude de defesa e proteção de algo que não se conhece. Neste âmbito, pode afirmar-se que, de facto, a consciência patrimonial, tal como a consciência histórica, não se salientaram inicialmente.

Assim, no final, conclui-se que os alunos, de forma genérica, demonstraram desenvolvimento de competências e aprendizagens sobre o Património, revelando consciência patrimonial. Estas conclusões assentam na evidência contrastante das respostas aos questionários inicial e final, bem como nas elaborações de expressão plástica exigidas pelas atividades propostas.

## **CAPÍTULO IV – ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS**

Conhecido que foi o desenvolvimento do Projeto, apresento, de seguida, a análise dos dados recolhidos.

Os dados decorrentes das respostas ao questionário foram analisados segundo procedimentos inspirados na Grounded Theory. Este processo consistiu na elaboração de metodologias de abordagem à educação patrimonial no sentido de desenvolver competências e aprendizagens nos alunos que depois seriam “testadas” no terreno numa visita de estudo realizada no final de todo o processo.

A consequência deste método de recolha e análise de dados é uma teoria de nível substantivo produzida pelo investigador na observância de um determinado problema. O estudo pode ter como objetivo a edificação de uma conjectura, mas esta pode ainda ser testada posteriormente para verificação empírica com dados quantitativos (Creswell, 2007).

Na Grounded Theory constrói-se uma teoria e não uma pura descrição categorizando os dados, ou seja, interpretam-se os dados e relacionam-se os significados de modo a criar um quadro concetual. A categorização é, conforme afirma Laurence Bardin (2009, p. 145), “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia) com os critérios previamente definidos”. Isto quer dizer que as categorias devem ser caracterizadas por: a) exclusão mútua; b) homogeneidade; c) pertinência; d) objetividade e fidelidade; e) produtividade.

A análise de dados tem como objetivo levar a uma maior compreensão e entendimento dos elementos recolhidos. Robert Bogdan e Sari Bicklen (2006, p. 205) referem que envolve o “trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões” e determinações do que o investigador considera importante a reter e a ser reportado. Ainda que as leituras globais sejam realizadas no final do processo, a verdade é que se procedeu a uma primeira reflexão sobre os dados do inquérito inicial para traçar metodologias e estabelecer dados de comparação de validação dos resultados.

### **1. Análise de conteúdo das respostas**

Segundo a opinião de Laurence Bardin (2009, p. 40), a análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, e que tem como intenção “a inferência de

conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente de recepção)”, com recurso expresso a indicadores. Neste contributo, há a assinalar a envolvimento de uma análise por categorias, que tem em conta a “frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem” (Bardin, 2009, p. 38).

Esta metodologia de análise de conteúdos propõe-se a classificar e categorizar qualquer tipo de conteúdo, permitindo reduzir as suas características a elementos-chave comparáveis a uma série de outros elementos permitindo ao investigador uma leitura dos dados de forma mais direta e intuitiva (Janis, 1982, p. 53):

A análise de conteúdo fornece meios precisos para descrever o conteúdo de qualquer tipo de comunicação: jornais, programas de rádio, filmes, conversações quotidianas, associações livres, verbalizadas, etc. As operações da análise de conteúdo consistem em classificar os sinais que ocorrem em uma comunicação segundo um conjunto de categorias apropriadas.

Isto é, a categorização dos sinais recebidos ajuda o investigador a perceber quais são os dados mais relevantes a trabalhar e, com isso, consegue agilizar o seu trabalho. Como refere o autor citado, trata-se de encontrar e agrupar os dados em categorias apropriadas. Mas o que serão as categorias apropriadas?

À semelhança de Laurence Bardin, também Irving Janis (1982) propõe algumas regras que considera fundamentais para uma pesquisa que utilize a análise de conteúdo na criação de categorias. Estas mesmas regras são também válidas, segundo o autor, para a criação de categorias em termos mais gerais, para quaisquer estudos, ainda que não aplicadas à análise de conteúdo:

1.<sup>a</sup>. As regras devem ser claras e objetivas. A definição de fronteiras claras permite um esclarecimento óbvio daquilo que o investigador quer apresentar como resultado.

2.<sup>a</sup>. As categorias precisam ser mutuamente excludentes (exclusividade).

Um conteúdo apenas pode ser inserido numa e apenas numa categoria, sob pena de dificultar a leitura dos dados e a clareza da apresentação dos mesmos.

3.<sup>a</sup>. As categorias não podem ser muito abrangentes.

Os dados categorizados devem ser distintos entre si não podendo ser confundidos e os conteúdos pertencentes a cada categoria devem ser próximos.

4.<sup>a</sup>. Deve haver a possibilidade da criação de uma categoria ‘outro’.



Para o caso de haver dados que simplesmente pareçam ser difíceis de categorizar numa das categorias anteriores, o investigador deve ter presente a possibilidade de encontrar uma categoria diferente de todas as outras.

Jorge Vala (1987) avança que a análise de conteúdo não é um método, mas sim uma técnica de tratamento de informação que permite ao investigador fazer inferências sobre a sua fonte, sobre o contexto em que essa informação foi produzida e, em muitos casos, sobre o destinatário da informação. Por isso para este autor trata-se de uma “desmontagem de um discurso e da produção de um novo discurso” (Vala, 1987, p. 104) que resulta de uma relação bidirecional entre as condições de produção de discurso e de análise.

Para Jorge Vala, o investigador deve, ao analisar qualquer documento ou fonte de informação, formular algumas questões que devem ter em conta o seguinte:

1. Qual a frequência de determinados fenómenos.
2. Quais as características de determinados fenómenos.
3. Qual a relação (ou ausência de relação) entre os fenómenos verificados.

Parece evidente que mesmo numa abordagem qualitativa é necessário atender a aspetos de ordem quantitativa para desenvolver um trabalho de investigação (ver anexo 92).

Assim, para analisar os resultados obtidos neste questionário achei importante fazê-lo de forma quantitativa e de forma qualitativa. A análise quantitativa é expressa no número de ocorrências de cada uma das categorias de resposta. Este misto de análise permite potenciar e aumentar a validade da qualidade das observações (Cresswell, 2008).

Seguindo o procedimento adotado por Glória Solé (2015), o passo seguinte é a apresentação das várias categorias surgidas da leitura das respostas obtidas ao questionário inicial – Q1.

### Categorização das respostas ao Questionário inicial (Q1).

**Pergunta 1: Os alunos apresentam um conceito ou definição de Património?**

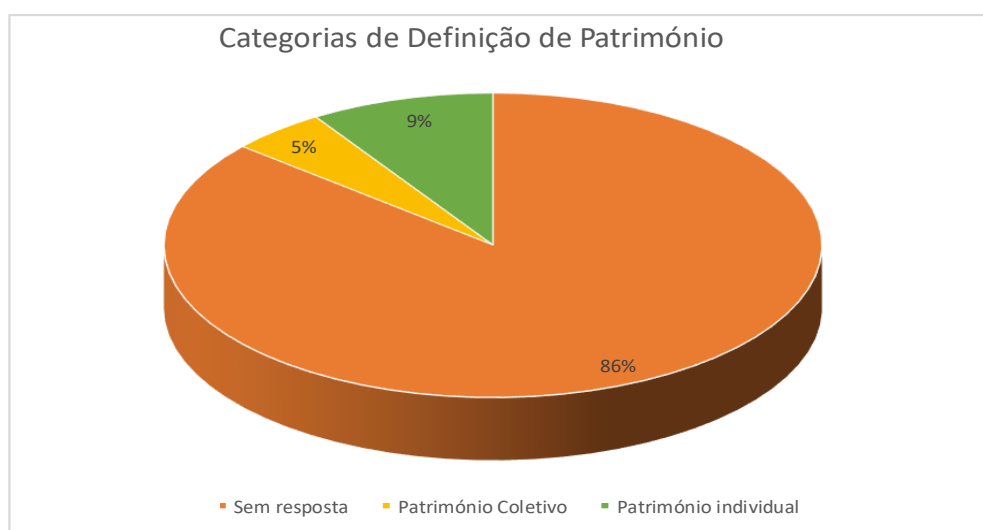
**Quadro 24 – Categoria das respostas Q1 -P1**

Categorias	Indicadores	Ocor- rências	Respostas
Não responde.	Ausência de resposta	18	----
Património coletivo.	Apresentação de uma definição que se coaduna com a noção de Património de âmbito coletivo.	1	Tomás: “Eu acho que Património é um conjunto de instituições”.
Património individual.	Apresentação de uma definição que se relaciona com uma definição de Património de índole individual.	2	Miguel: “Eu acho que é fazer partilhas”; Lara: “Eu acho que o Património quer dizer uma espécie de terreno que é dessa pessoa”.

### Análise quantitativa às respostas da questão 1.

Nesta altura, dos vinte e um alunos da turma, três alunos deram uma definição de Património representando 14% dos alunos desta turma. Os restantes dezoito responderam que não sabiam o que era o Património” expressando uma maioria expressiva de 86%.

**Gráfico 1 – Categorias de definição de Património no Q1**



### Análise Qualitativa

As respostas que apresentavam uma definição de “Património” foram as seguintes:

“Eu acho que é fazer partilhas”; “Eu acho que o Património quer dizer uma espécie de terreno que é dessa pessoa” e “Eu acho que Património é um conjunto de instituições”.

Destas respostas pude concluir que, das duas primeiras, os alunos tinham uma noção de Património como algo que se situa no âmbito da pertença pessoal, sendo que a primeira integra a

noção de herança, de algo que foi transmitido por outrem e que é necessário “fazer uma partilha”, confirmando a pertença a terceiros. Já a terceira resposta remete para a noção de carácter institucional do Património, algo relacionado com o serviço público e a resposta ao coletivo. Nesta altura a noção de Património, pelo menos naqueles dois alunos, está muito centrada na propriedade privada e no Património pessoal.

### Questão 2: Que exemplos de Património me sabiam dar?

#### Quadro 25 – Categoria das respostas Q1 -P2

Categorias	Indicadores	Ocor- rências	Respostas
Não responde	Ausência de resposta	17	----
Património monumental	O aluno conseguiu estabelecer uma relação entre monumento e Património.	1	Tomás: “A igreja da Misericórdia”.
Desconhecimento de exemplos concretos de Património.	O aluno apresenta exemplos que não se adequam à definição de património monumental.	3	Miguel: “Eu acho que conheço a escola secundária”, Lara: “É a escola principal” e Afonso: “A esquadra da polícia”.

#### Análise quantitativa

Também esta questão revela que os alunos apresentam algumas lacunas no que diz respeito à expressão Património. Apenas quatro apresentam exemplos de Património.

#### Análise Qualitativa

As respostas afirmativas a esta questão foram as seguintes:

“A igreja da Misericórdia”; “Eu acho que conheço a escola secundária”, “É a escola principal” e “A esquadra da polícia”.

Como se pode verificar, na altura da realização deste primeiro questionário, quatro alunos apresentaram exemplos de Património, mais um do que os que sabiam dar uma definição de Património, o que me faz supor que tendo uma ideia do que seja, não o conseguiu exprimir, por escrito. Por outro lado, para conseguir obter consistência na avaliação dos dados, questioneei o que queriam dizer exatamente com o que tinham acabado de escrever e as respostas foram no sentido da atribuição de significado de serviços de administração pública ligados à segurança e à educação.

**Questão 3: Que exemplos de Património de Aveiro, à volta da escola, me podiam dar?****Quadro 26 – Categoria das respostas Q1 -P3**

Categorias	Indicadores	Ocor- rências	Respostas
Não responde.	Ausência de resposta.	17	-----
Conhecimento de Património local.	O aluno conseguiu estabelecer uma relação entre monumento e Património.	3	Tomás: “Conheço a antiga sapataria Leitão”. Miguel: “O Museu de Santa Joana”. Lara: “Sim, o edifício Testa e Amadores”.
Desadequação ao conceito de Património local.	O aluno apresenta um exemplo que não se relacionam com Património local.	1	Afonso: “Os Correios”.

**Análise Quantitativa**

No final deste primeiro questionário quatro dos vinte e um alunos da turma conseguiram dar exemplos de Património próximo (aproximadamente 25%).

**Análise qualitativa**

As respostas a esta questão foram as seguintes: “Conheço a antiga sapataria Leitão”; “O Museu de Santa Joana”; “Sim, o edifício Testa e Amadores”; “Os Correios”.

Como se pode perceber no que diz respeito ao Património próximo, há alunos que conseguem apresentar exemplos de Património edificado próximo da escola e que têm uma noção do que é um determinado tipo de Património e atribuem-lhe significado.

Por outro lado, houve um aluno que apresentou um exemplo de Património local que demonstra um certo equívoco com a noção local de prestação de serviços públicos.

**Questão 4: Os alunos apresentam algum exemplo de Arte Nova?****Quadro 27 – Categoria das respostas Q1 -P4**

Categorias	Indicadores	Ocor- rências	Respostas
Sem resposta.	Ausência de resposta.	19	-----
Conhecimento da Arte Nova.	O aluno relaciona a fonte patrimonial com o estilo Arte Nova.	2	Tomás: “A Antiga Sapataria Leitão”. Miguel: “A Casa Testa e Amadores.”

**Análise quantitativa**

Dos alunos da turma apenas dois responderam dando exemplos sobre Arte Nova.

**Análise qualitativa**

As respostas dadas foram assertivas revelando que estes dois alunos têm conhecimento do que é a Arte Nova, conseguem identificar exemplos e relacioná-los com uma noção de Património.

## 2. Os desenhos

Segundo Jacqueline Goodnow (1992, p. 10), “os desenhos podem-nos dar informações não só sobre as crianças, mas também sobre a natureza do seu pensamento e na resolução de problemas”.

Visando materializar o conhecimento e a representação que os alunos tinham, pedi-lhes que fizessem um desenho sobre o que consideravam ser o Património. O facto de fazerem desenhos talvez os ajudasse a sentir que não estavam a dar uma resposta errada ou certa, mas apenas a objetivar a noção que tinham de património. Contudo, os desenhos foram realizados apenas pelos mesmos alunos que tinham dado uma definição de Património, o que reforçou a minha ideia de que a maior parte dos alunos não conseguia mobilizar possíveis conhecimentos sobre o Património pela concretização gráfica.

Os trabalhos realizados representavam a estátua de Santa Joana, uma arcada de buganvílias do Parque da cidade, o Museu de Aveiro/Santa Joana e a Casa Testa & Amadores (Ver anexos 92, 93, 94 e 95).

A categorização desses trabalhos foi feita da seguinte forma:

### Quadro 28 – Categorização dos desenhos

Categorias	Indicadores	Ocor- rências	Desenhos
Não realização.	Não realizou qualquer desenho sobre o Património.	17	-----
Património edificado monumental.	Realização de um desenho de um monumento ou edifício classificado como monumento.	2	Tomás: Casa Testa & Amadores. Miguel: Museu De Santa Joana.
Património natural.	Realização de um desenho de um local “natural”.	1	Lara: Arcada de buganvílias do Parque da Cidade.
Património artístico.	Execução de um desenho de uma estátua.	1	Sónia: Estátua de Santa Joana.

### Análise

A partir destes trabalhos pode inferir-se que estes quatro alunos manifestam conhecimentos patrimoniais diferenciados, mas que, ainda assim, têm presente alguns aspetos materiais do Património próximo de si revelando consciência do Património edificado, noção de património natural e ainda estabelecem uma relação entre a arte e o Património.

Realizada esta leitura e análise dos dados, cheguei à conclusão de que, no geral, os alunos desta turma partiam com competências ao nível da consciência patrimonial pouco desenvolvidas. Contudo, alguns demonstraram conhecimentos sobre o Património local.

Como tinha questionado inicialmente quais seriam os conhecimentos que os alunos tinham sobre o Património, esta primeira questão estava agora respondida. Aavia qual o patamar de conhecimentos que tinham e, por isso, algumas competências que os alunos teriam de desenvolver.

Desta forma, preparei um plano de ação que teria de envolver os alunos, mobilizá-los para que as suas aprendizagens sobre o Património lhes permitissem desenvolver uma consciência patrimonial e, em concomitância, as suas competências nas diversas áreas curriculares.

Por tudo isto, o meu pensamento inicial só poderia ter encontro com a prática, já que considerava que o Património poderia ser um eixo mobilizador de desenvolvimento de competências, pelo próprio conhecimento e consciência do Património, mas também pelo desenvolvimento integrado e interdisciplinar das competências dos alunos podendo dar início ao desenvolvimento do Projeto no 1.ºCEB e, no final, proceder à recolha de dados que permitissem estabelecer a comparação entre o ponto de partida e o ponto de chegada.

### **3. Recolha e tratamento dos dados do questionário final**

Para aquilatar do desenvolvimento das competências dos alunos ao nível da consciência patrimonial, depois de desenvolvidas todas as atividades respeitantes ao desenvolvimento do Projeto no Primeiro Ciclo do Ensino Básico, foi realizada uma recolha de dados que permitisse perceber se houve desenvolvimento de competências ao nível do Património. Desta forma, para manter a coerência na metodologia de recolha de dados, foi elaborado um questionário final com questões semelhantes às colocadas aos alunos no início do processo.

Optou-se por realizar este último questionário algum tempo depois para que os alunos respondessem às questões sem terem a ‘rede’ da memória recentemente formada pelos conhecimentos entretanto construídos.

Assim, foi distribuído um questionário final – Q2 – (ver anexo 94) já no mês de janeiro de 2019.

Tratou-se de um questionário com questões de possibilidade de resposta aberta para permitir aos alunos respostas amplas:

1. Que registassem o que achavam que era o Património.
2. Que dessem o nome de três exemplos de Património.

3. Que referissem o nome do estilo artístico e arquitetónico muito presente em Aveiro.
4. Que mencionassem exemplos de Património em Aveiro.

### Categorização das respostas ao Questionário final (Q2)

#### Questão 1: O que é o Património?

#### Quadro 29 – Categoria das respostas Q2 - P1

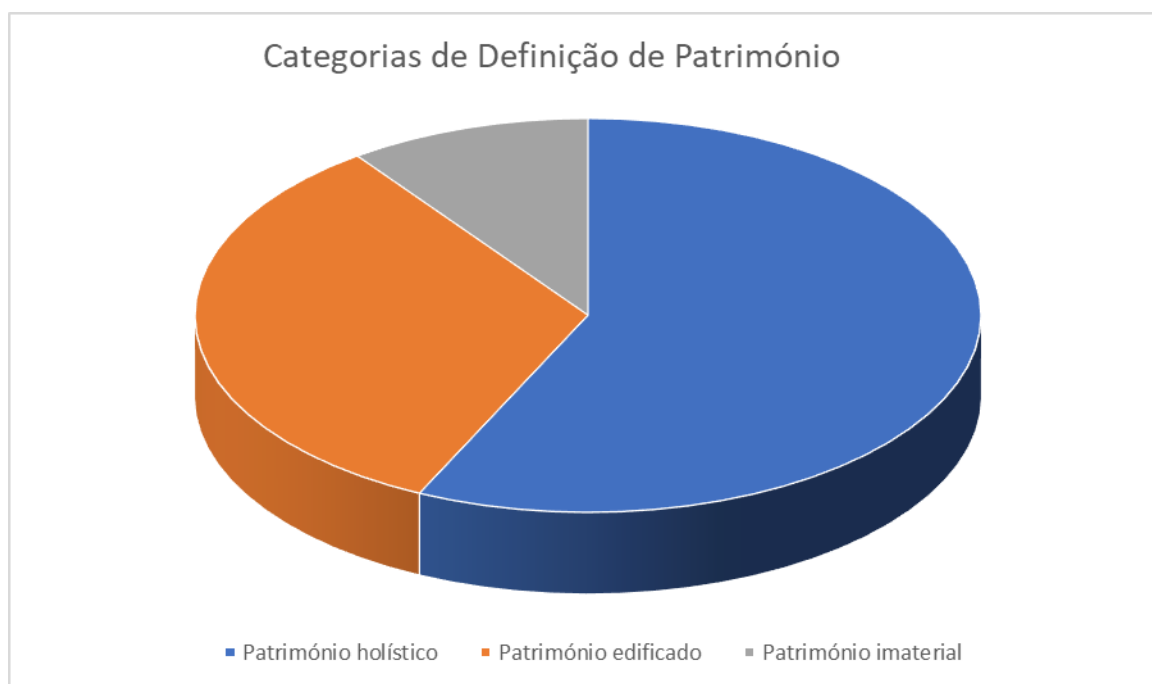
Categorias	Indicadores	Ocor- rências	Respostas
Património holístico.	Integra as várias tipologias de Património.	12	<p>Tomás: “O Património são as coisas que nos rodeiam como a Ria, os monumentos e as paisagens naturais.”</p> <p>Sónia: “É o conjunto dos edifícios, das tradições e dos parques das cidades”.</p> <p>Miguel: “É o conjunto de tudo o que nos rodeia como as casas e os monumentos antigos, a Ria de Aveiro e os Moliceiros”.</p> <p>Afonso: “O Património é o conjunto das coisas como os monumentos, a comida e os doces e também a natureza”.</p> <p>Lara: “O Património é a comida como a caldeirada de enguias e as canções, são as festas tradicionais e as casas de Arte Nova”.</p> <p>Paulo: “É a cultura, são as casas, as festas e as tradições. Também podem ser a Ria e os Moliceiros”.</p> <p>Luís: “O Património é o conjunto dos bens que são de todos, como os Parques das cidades, as coisas naturais como a Ria e os edifícios”.</p> <p>Carlos: “O Património é o conjunto das coisas como os monumentos, a Ria de Aveiro e os Moliceiros”.</p> <p>Aurélio: “O Património é a comida como a caldeirada de enguias e as canções, são as festas tradicionais e as casas de Arte Nova”.</p> <p>Mário: “O Património são as coisas que nos rodeiam como a Ria, os monumentos e as coisas naturais”.</p> <p>Joana: “Património são coisas da natureza e tudo o que as pessoas fizeram há muitos anos como as casas de Arte Nova e o Museu de Aveiro/Santa Joana. Também podem ser os ovos-moles e as canções do José Afonso”.</p> <p>Ivan: “É o conjunto dos edifícios, das festas, doces e comida e dos parques das cidades”.</p> <p>Márcia: “O Património são as casas e os castelos que as cidades têm”.</p> <p>Carla: “O Património é o conjunto de todas as casas construídas há muito tempo”.</p> <p>Daniela: “É as casas de Arte Nova e as casas muito antigas”.</p> <p>Alexandra: “O Património é todas as casas que as pessoas construíram há muitos anos e que agora não se devem deixar destruir”.</p> <p>Roberto: “São os castelos, as casas e as construções antigas”.</p>
Património edificado.	Define o Património como o conjunto dos edifícios.	7	

			Milena: “É o conjunto das igrejas antigas e das casas que podemos visitar”. Catarina: “É os monumentos e as casas antigas”.
Património imaterial	Definição de património como exemplo intangível.	2	Norberto: “O Património são as canções e as festas da cidade”. Jacinta: “É a festa do São Gonçálinho e as canções do José Afonso”.

### Análise quantitativa

Neste último questionário 21 alunos (ou seja, o número total de alunos da turma) conseguiram registar uma definição de Património, como se pode verificar pela leitura do gráfico abaixo. Tal número de respostas significa uma subida de 86% em relação ao número das respostas registado no questionário inicial.

**Gráfico 2 – Categorias de definição de Património no Q2**



### Análise qualitativa

Pelas respostas dadas pelos alunos foi possível categorizar as mesmas em três grupos distintos: um grupo de respostas que indicavam que os alunos desenvolveram um conceito holístico, ou seja, interiorizaram que o Património pode corresponder a um conjunto de elementos que integram várias tipologias patrimoniais como os exemplos culturais e naturais, para além do



tangível e do imaterial. Outro grupo de alunos apresentou respostas que se referiam ao conjunto do Património edificado. O terceiro grupo evidenciou conhecer exemplos de Património imaterial.

### 1. Exemplos de Património.

**Quadro 30 – Categoria das respostas Q2 – P2**

Categorias	Indicadores	Ocorrências	Respostas
Património holístico.	Várias tipologias de Património.	4	Tomás: “As casas de Arte Nova, a caldeirada de enguias, as festas”. Afonso: “Os monumentos, as festas e a comida”. Lara: “As casas antigas, os ovos-moles e as canções do José Afonso”. Sónia: “A Ria de Aveiro, as casas muito antigas e a comida tradicional”.
Património edificado.	Exemplos de Património edificado.	17	Miguel: “As casas antigas, a sapataria leitão, o museu de Santa Joana”. Catarina: “As casas de Arte Nova, o coreto, o museu”. Márcia: “A Antiga Garagem, a Sé, a sapataria Leitão”. Carla: “O Museu de Santa Joana, os castelos antigos, as casas de Arte Nova”. “A casa dos Morgados da Pedricosa, a Sé Catedral e os monumentos antigos”. Ivan: “A casa dos Morgados da Pedricosa, a Sé Catedral e os monumentos antigos”. Mário: “As casas antigas, Museu de Santa Joana, e os monumentos antigos”. Alexandra: “Os monumentos antigos a antiga Garagem de Aveiro, a Igreja de São Francisco e de Santo António”. Paulo: “A antiga Garagem, a Sé, a sapataria Leitão”. Luís: “As casas antigas, a sapataria leitão, o museu de Santa Joana”. Alexandra: “A casa dos Morgados da Pedricosa, a Sé Catedral e a Igreja de São Francisco e de Santo António”. “A Antiga Sapataria Leitão, as muralhas destruídas e a Sé de Aveiro”. Roberto: “A Casa Testa e Amadores, a casa dos Morgados da Pedricosa e o Museu de Santa Joana”. Catarina: “A Igreja das carmelitas, a Igreja da Misericórdia e a Casa dos Morgados da Pedricosa”. Norberto: “As Igrejas de Santo António e de São Francisco e o Coreto do parque”. Jacinta: “O Coreto do parque, a antiga Garagem e a Antiga Sapataria Leitão”.
Património artístico.	Apresenta exemplos de obras de arte como Património.	1	Joana: “As estátuas, as obras de Arte e as casas antigas de Aveiro e de outras cidades”.

### **Análise quantitativa**

Todos os alunos responderam a esta segunda questão, sendo que quatro apresentaram uma exemplificação holística de Património e dezasseis apresentaram exemplos de natureza edificada de Património. Um aluno apresentou exemplos de Património artístico.

### **Análise qualitativa**

As categorias ligadas a esta questão refletem que os alunos apresentam competências ao nível da integração de dois tipos de Património: um de carácter holístico, já que apresentam exemplos que integram tipos de Património cultural, natural material e imaterial (estas representações manifestam que os alunos que responderam dentro desta tipologia de Património, integraram uma noção abrangente do património, para além do edificado). Por outro lado, a maior parte das respostas aponta para uma representação de Património como um resultado da construção humana.

De referir que as respostas revelam conhecimento e valorização do Património local, na sua maioria, mas também é interessante que uma aluna tenha atribuído valor patrimonial às obras de arte, saindo, assim, do âmbito do Património edificado e do Património local analisado.

### **Questão 3: Qual o nome do estilo decorativo muito presente em Aveiro?**

**Quadro 31 – Categoria das respostas Q2 – P3**

<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Ocor- rências</b>	<b>Respostas</b>
Resposta correta.	O aluno respondeu corretamente.	21	“É o estilo Arte Nova”.

### **Análise quantitativa**

Todos os alunos demonstraram que sabiam qual o estilo decorativo mais presente em Aveiro.

### **Análise qualitativa**

Nesta fase todos os alunos responderam assertivamente à questão, ou seja, era esperado que os alunos reconhecessem que o estilo Arte Nova é um tipo de arte decorativa muito presente em Aveiro. Nesse sentido, os alunos demonstraram ter desenvolvido a consciência da presença da Arte Nova em Aveiro, identificaram-na como estilo identitário e típico da cidade.

**Questão 4: Características da Arte Nova em Aveiro.****Quadro 32 – Categorização das respostas Q2 – P4**

<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Ocor- rências</b>	<b>Respostas</b>
Azulejo.	Apresenta o azulejo como manifestação da Arte Nova.	9	Tomás: “Nos azulejos das casas Arte Nova”. Afonso: “Nas casas com azulejos bonitos”. Joana: “Nos azulejos da casa Testa e Amadores”. Lara: “Os azulejos da Arte Nova que são muito bonitos”. Roberto: “Na parede de azulejos da antiga Sapataria Leitão”. Milena: “Nos azulejos com muitas flores”. Norberto: “Naqueles azulejos muito bonitos, com flores da Casa Testa e Amadores”. Márcia: “Os azulejos daquelas casas Arte Nova são muito bonitos e têm muitas flores”. Joana: “Os azulejos da Casa Testa e Amadores que têm flores e os azulejos da antiga Sapataria Leitão têm umas imagens muito bonitas”.
Ferro forjado.	Apresenta o ferro forjado como manifestação Arte Nova.	9	Alexandra: “O Coreto de ferro do Parque é de Arte Nova”. Mário: “O Ferro trabalhado do Coreto”. Ivan: “O Coreto é todo feito de ferro e é de Arte Nova”. Paulo: “O ferro do Coreto é muito trabalhado e é uma apresentação Arte Nova”. Luís: “O Coreto de ferro”. Lara: “No coreto de ferro do Parque”. Jacinta: “O ferro trabalhado do Coreto”. Roberto: “As varandas de ferro das casas e do coreto”. Carla: “As varandas de ferro da Casa Testa e Amadores são de Arte Nova”.
A pedra de calcário.	Apresenta a pedra de calcário trabalhada como manifestação Arte Nova.	3	Tomás: “A fachada da Antiga Garagem de Aveiro é toda feita de pedra e é Arte Nova muito bonita”. Afonso: “A Antiga Garagem é feita de pedra muito bonita e é Arte Nova”. Miguel: “A Antiga Garagem de Aveiro tem uma fachada de pedra muito bonita e é muito trabalhada e é de Arte Nova”.

**Análise quantitativa**

Todos os alunos apresentaram exemplos de manifestações da Arte Nova na cidade.

**Análise qualitativa**

Os alunos revelaram ter ‘construído conhecimentos’ sobre as várias manifestações materiais da Arte Nova em Aveiro, com especial enfoque na decoração da arte produzida ao nível da fachada

dos edifícios que foram estudados indo perfeitamente ao encontro daquilo que lhes foi proposto observar: a Arte Nova como estilo artístico muito presente nas fachadas de alguns edifícios de Aveiro. Demonstraram estar conscientes dos principais materiais de concretização e materialização da Arte Nova em Aveiro com especial relevo e observação para os pormenores dos azulejos, do ferro forjado e da pedra calcária enquanto materiais usados, por excelência, nos exemplos patrimoniais observados e estudados.

#### Questão 5: Património de Aveiro.

#### Quadro 33 – Categoria das respostas Q2 – P5

Categorias	Indicadores	Ocor- rências	Respostas
Património holístico.	Várias tipologias de Património.	10	<p>“As casas de Arte Nova, a caldeirada de enguias, as festas”.</p> <p>“Os monumentos, as festas e a comida”.</p> <p>“As casas antigas, os ovos-moles e as canções do José Afonso”.</p> <p>“A Ria de Aveiro, as casas muito antigas e a comida tradicional”.</p> <p>“A festa do São Gonçálinho, os ovos-moles e as cavacas”.</p> <p>“As casas de Arte Nova, as cavacas e a Ria de Aveiro”.</p> <p>“A Ria de Aveiro, os Moliceiros e a Sapataria Leitão”.</p> <p>“As cavacas, as canções do José Afonso e as Casas de Arte Nova”.</p> <p>“O Museu de Aveiro, a Arte Nova e a caldeirada de enguias”.</p> <p>“O Coreto, o Parque de Aveiro e o Museu de Santa Joana”.</p>
Património edificado.	Exemplos de Património edificado.	11	<p>“As casas de Arte Nova, o coreto, o museu”.</p> <p>“A Antiga Garagem, a Sé, a sapataria Leitão”.</p> <p>“O Museu de Santa Joana, os castelos antigos, as casas de Arte Nova”.</p> <p>“A casa dos Morgados da Pedricosa, a Sé Catedral e os monumentos antigos”.</p> <p>“A casa dos Morgados da Pedricosa, a Sé Catedral e os monumentos antigos”.</p> <p>“As casas antigas, Museu de Santa Joana, e os monumentos antigos”.</p> <p>“Os monumentos antigos a Antiga Garagem de Aveiro, a Igreja de São Francisco e de Santo António”.</p> <p>“A antiga Garagem, a Sé, a sapataria Leitão”.</p> <p>“A casa dos Morgados da Pedricosa, a Sé Catedral e as Igrejas de São Francisco e de Santo António”.</p> <p>“A Antiga Sapataria Leitão, as muralhas destruídas e a Sé de Aveiro”.</p> <p>“A Casa Testa e Amadores, A casa dos Morgados da Pedricosa e o Museu de Santa Joana”.</p> <p>“A Igreja das carmelitas, a Igreja da Misericórdia e a Casa dos Morgados da Pedricosa”.</p>

**Análise quantitativa**

Todos os alunos apresentaram respostas reveladoras do desenvolvimento de competências ao nível da consciência patrimonial diretamente relacionado com o património de Aveiro.

**Análise qualitativa**

Sensivelmente metade dos alunos conseguiu atribuir significado patrimonial de várias tipologias a exemplos de Património aveirense, não se fixando apenas no Património monumental ou edificado, apresentando exemplos de Património cultural e até algum tipo de Património imaterial como as canções de José Afonso.

Desta forma, pode afirmar-se que cerca de metade dos alunos da turma desenvolveu uma consciência do património de Aveiro sob o ponto de vista da sua imaterialidade. Este facto permite concluir que estes alunos não se detiveram apenas ao Património edificado como representação da importância do Património de Aveiro valorizando e apresentando uma visão mais profunda do património, refletindo sobre o seu conceito, não respondendo com o óbvio, mas buscando e encontrando outros exemplos patrimoniais.

**4. Recolha de dados da visita ao Património à volta da escola**

Uma outra fonte de recolha de dados foi a obtenção das respostas orais registadas à medida que se ia realizando a visita ao Património à volta da Escola. Alguns dos registos recolhidos apresentaram-se no sentido de concordar com aquilo que tinham desenhado anteriormente, ou na descoberta de detalhes que não estavam à espera, como o nome do autor nos painéis de azulejo ou data dos mesmos.

Neste aspeto salienta-se que todos os alunos reconheceram os exemplos de Património que presenciaram/testemunharam, o que revelou que naquele momento os alunos reconheciam e identificavam aquela edificação como algo pertencente ao Património próximo, o que pressupõe a emergência efetiva de uma consciência patrimonial, uma vez que não lhes bastava saber da existência do património ou do exemplar do património, mas antes mobilizar esse conhecimento para, no local, o reconhecer e sentir como Património.

O facto de os alunos pedirem para se afastar um pouco mais para poderem observar melhor as varandas de ferro e o trabalho pormenorizados das mesmas, de fazerem um decalque das flores representadas nos azulejos, transpondo-as para uma folha de papel, reflete mais do que um interesse simples, mas uma atitude de observação e valorização, para guardar para a posteridade, em mão própria, o pormenor da fachada do edifício que acabou de se observado.

Desta forma, foi concretizado o projeto sobre o Património no Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

## 5. Recolha e tratamento de dados na turma do 2.º Ciclo do Ensino Básico

### 5.1. O questionário inicial (2.º CEB) – Q 3

À semelhança do que havia desenvolvido na turma do 3.º ano do 1.º CEB, seguiu-se a mesma metodologia de recolha de dados junto da turma do 6.º ano do 2.º CEB. Assim, foi apresentado um questionário inicial – Q3 – (ver anexo 96) que possibilitasse aferir quanto aos ‘conhecimentos’ dos alunos nesta altura do desenvolvimento do projeto. Este questionário pretendia que os alunos respondessem sobre:

1. O que é o Património.
2. Que desse exemplos de Património.
3. Se conhecia algum tipo de Património próximo da escola.
4. Se sabia o que é a Arte Nova?
5. Se sim, que desse um exemplo de Arte Nova.

#### Pergunta 1: O que é para ti o Património?

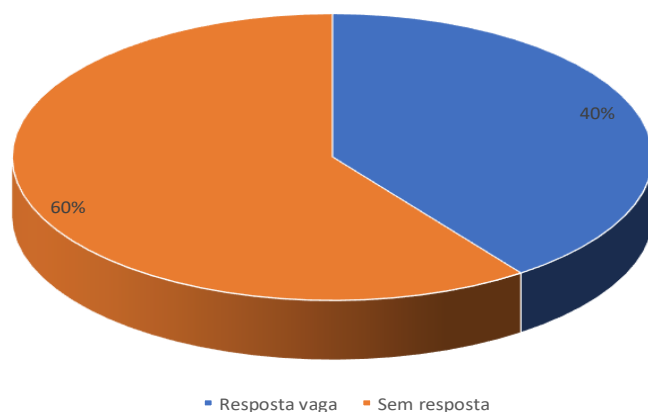
#### Quadro 34 – Categoria das respostas Q3 – P1

Categorias	Indicadores	Ocorrências	Respostas
Resposta vaga.	Resposta generalista, pouco concreta.	2	“É a cultura de cada país”. “Acho que é o que é das coisas”.
Sem resposta.	Não apresenta resposta.	3	-----

#### Análise quantitativa

Nesta fase de início de desenvolvimento projeto apenas dois alunos apresentaram uma definição de património.

Categorias de Definição de Património



### Análise qualitativa

A definição de Património sob a forma escrita apresenta-se como uma tarefa algo complexa para os alunos, sendo que apenas dois conseguem avançar com o que consideram ser uma definição de património. Ainda assim, as suas definições são muito vagas não encontrando termos concretos para definir o Património.

### Pergunta 2: Consegues dar exemplos de Património?

Quadro 35 – Categoria das respostas Q3 – P2

Categorias	Indicadores	Ocorrências	Respostas
Património material.	Exemplos de património material.	2	“Azulejos portugueses”. “Calçada portuguesa”.
Sem resposta.	Não apresenta resposta.	3	-----

### Análise quantitativa

Nesta fase de início do projeto, como já se referiu, apenas dois alunos apresentaram exemplos de património.

### Análise qualitativa

Os exemplos de Património expressos vão no sentido de uma consciência patrimonial latente, contudo esse conhecimento está aparentemente ligado a um carácter decorativo e utilitário do Património como sejam os azulejos e a calçada portuguesa. É de salientar que os exemplos de Património apresentados fogem dos lugares comuns do Património que os alunos costumam apresentar saldando-se pelo aspeto artístico ligado à via da utilidade do Património.

### Pergunta 3: Se conhecia algum tipo de Património próximo da escola.

**Quadro 36 – Categoria das respostas Q3 – P3**

Categorias	Indicadores	Ocorrências	Respostas
Sem resposta.	Não apresenta resposta.	5	-----

**Pergunta 4: Se sabia o que é a Arte Nova?**

**Quadro 37 – Categoria das respostas Q3 – P4**

Categorias	Indicadores	Ocorrências	Respostas
Resposta negativa.	Regista “Não” como resposta.	5	Não.

**Pergunta 5: Se sim, que desse um exemplo que conhecesse.**

**Quadro 38 – Categoria das respostas Q3 – P4**

Categorias	Indicadores	Ocorrências	Respostas
Sem resposta.	Não apresenta resposta.	5	-----

### **Análise**

Esta análise contempla os dados obtidos e expressos nos quadros acima expostos. Trata-se de questões cuja resposta é fechada e o seu indicador é comum: ausência de resposta. Como se percebe pelas respostas, estes alunos não conseguiram definir o que era o Património ou dar um exemplo do mesmo não relacionando o termo Património com o significante. Desta forma pode inferir-se que o Património é algo que não faz parte das suas preocupações do dia-a-dia.

### **5.2. O questionário final – Q 4**

No final das atividades desenvolvidas recolhi os dados relativos aos conhecimento e aprendizagens que os alunos desenvolveram mediante a elaboração de um questionário final – Q4 – (ver anexo 107).

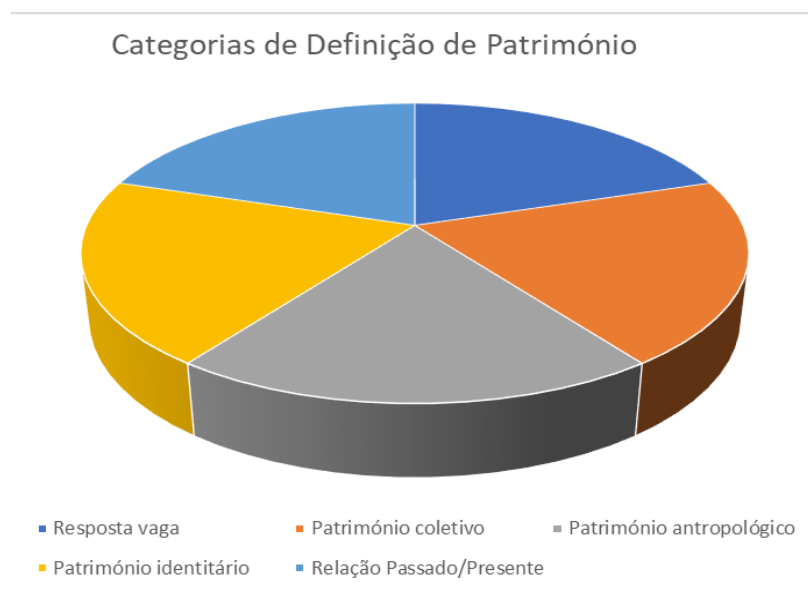
As respostas que obtive permitiram-me que as categorizasse da seguinte forma:

**Pergunta 1: Apresenta uma definição de Património**



**Quadro 39 – Categoria das respostas Q4 – P1**

Categorias	Indicadores	Ocor- rências	Respostas
Resposta vaga.	Assunção de uma resposta de carácter geral, sem concretizar.	1	Ana: “O Património é aquilo que cada terra tem de especial”.
Património coletivo.	Respostas em que os alunos valorizam as fontes patrimoniais como resultado do coletivo.	1	Eduardo: “Para mim o Património é o que pertence a todos nós”.
Património antropológico.	Respostas em que os alunos valorizam as fontes patrimoniais como cultura.	1	Patrícia: “O Património é a cultura de cada país e de cada terra”.
Património identitário.	Respostas em que os alunos valorizam o Património como fator distintivo de um local.	1	Paula: “O Património é aquilo que torna uma terra especial”.
Relação passado/ Presente.	Respostas em que os alunos assumem as fontes patrimoniais como fontes de evidência do passado histórico, sustentadas por si só.	1	Sara: “O Património são as coisas antigas que nos ligam ao passado”.

**Análise**

Todos os alunos apresentaram uma definição de Património, algo que se verifica ser uma evolução desde o questionário inicial. As suas respostas denotam o desenvolvimento de competências no âmbito do Património, nomeadamente ao responderem relacionando o

Património com a identificação coletiva como produto da sociedade e, assim, apresentarem uma noção antropológica do património. Por outro lado, também deve assinalar-se a relação do Património com a identidade coletiva, dando-lhe uma particularidade e “tornando-o especial”. Não menos importante, o estabelecimento de uma relação entre o passado e o presente com referências de ligação ao passado.

### Pergunta 2: Apresenta exemplos de Património

#### Quadro 40 – Categoria das respostas Q4 – P2

Categorias	Indicadores	Ocorrências	Respostas
Património edificado.	Apresentação de um exemplo de um edifício ou construção.	2	Ana: “Castelos”. Patrícia: “Casas antigas”.
Várias tipologias de Património.	Respostas em que os alunos valorizam vários tipos de Património que não apenas o edificado.	3	Paula: “Azulejos, moliceiros. Ovos-moles de Aveiro”. Sara: “A calçada portuguesa, os ovos-moles, os moliceiros e as casas”. Eduardo: “A música, azulejos, edifícios, comida, objetos para fazer várias coisas como por exemplo para a agricultura, lugares paisagísticos, veículos como o ‘Vouguinha’”.

### Análise

Os alunos apresentaram vários exemplos de Património. Mais do que isso, a maior parte revelou reconhecer vários tipos de Património manifestando exemplos de Património cultural e natural; postura que revela aprendizagem específica já que os alunos apresentam uma noção mais abrangente de Património indo além do Património edificado.

### Pergunta 3: Apresenta exemplos de Património próximo da escola?

#### Quadro 41 – Categoria das respostas Q4 – P3

Categorias	Indicadores	Ocorrências	Respostas
Exemplos visitados.	Apenas apresentam os exemplos que foram visitados.	2	“As casas que fomos visitar ao pé da escola”.
Outros exemplos.	Respostas em que os alunos reconhecem como Património outros exemplos para além dos que visitámos.	3	“O Pelourinho, as casas que visitámos, a Igreja...” “Os moliceiros da Ria, o pelourinho, as casas que fomos visitar, a Junta de Freguesia”. “As casas que fomos visitar, o Pelourinho, os moliceiros e a igreja...”.

### Análise

Estas respostas evidenciam que os alunos reconhecem vários exemplos de Património próximo da escola, mas a maior parte não se confinou apenas a esses exemplos, registando outros que não foram visitados, o que por si só já denota preocupação e consciência da existência de Património para além do que foi visitado.

#### Pergunta 4: Apresenta exemplos de Património Arte Nova?

##### Quadro 42 – Categoria das respostas Q4 – P4

Categorias	Indicadores	Ocor- rências	Respostas
Edifícios Arte Nova.	Respostas de reconhecimento geral de um exemplo Arte Nova.	2	“As casas que fomos visitar ao pé da escola”. “As casas Arte Nova ao pé da escola”.
Parte de construções Arte Nova.	Respostas em que os alunos valorizam como Arte Nova vários pormenores de um edifício.	3	“Os azulejos das casas que visitámos”. “Os azulejos que decoram as casas que fomos visitar, têm motivos florais e são de Arte Nova”. “As flores dos azulejos e do portão das casas que fomos visitar”.

### Análise

Destaco em algumas das respostas o facto de os alunos tomarem como exemplo de Património Arte Nova não o conjunto do edifício em si, mas uma parte do mesmo, ou seja, a identificação de uma particularidade dos edifícios, nomeadamente na dimensão da azulejaria, como sendo Arte Nova refletindo o impacto da singularidade de algumas características específicas junto dos alunos.

#### Pergunta 5: Apresenta propostas para preservar e divulgar o Património local?

##### Quadro 43 – Categoria das respostas Q4 – P5

Categorias	Indicadores	Ocor- rências	Respostas
------------	-------------	------------------	-----------

Consciência Patrimonial.	Apresentam propostas concretas para valorizar, recuperar e divulgar o Património local.	3	“Reconstruir as casas que estão a ficar destruídas”. “Podíamos fazer um Museu de Arte Nova em que as pessoas pudessem pintar azulejos de Arte Nova”. “Podíamos fazer cartazes e placas a anunciar as casas de Arte Nova”.
Consciência matricial.	O Património tem valor numa perspetiva economicista associada ao valor do imóvel integrado no património arquitetónico, devendo por essa razão ser preservado.	1	“Se as casas forem recuperadas ficam mais caras e quem as vender pode ter mais lucro com o restauro”.
Consciência de interesse turístico do Património.	Respostas que apresentam ideias de valor histórico do monumento, como veículo de atração turística.	1	“Se recuperássemos estes edifícios e se estivessem assinalados, os turistas podiam vir visitar mais a localidade”.

### Análise

Esta questão prendia-se, fundamentalmente, com a confirmação do desenvolvimento de uma consciência patrimonial por parte destes alunos. Verificou-se que existiu o desenvolvimento dessa consciência patrimonial, pois os alunos apresentaram propostas para a preservação e divulgação do Património numa clara participação e relacionamento entre a aprendizagem realizada e a necessária prática do seu dia-a-dia relativamente ao Património.

### Síntese dos resultados

Finda a análise dos dados recolhidos, importa fazer uma breve síntese dos mesmos, tendo em conta a categoria relativa ao Património em que foram apresentados. Verificou-se que os alunos desenvolveram e/ou aprofundaram conhecimentos, capacidades e atitudes que vão ao encontro daquelas que temos vindo a mencionar ao longo deste Relatório como sendo características de um cidadão competente e consciente do Património (ver Capítulo I).

Em relação aos conhecimentos, foram assinaláveis as aprendizagens realizadas pelos alunos de ambos os grupos pertencentes aos dois ciclos de ensino. Estas aprendizagens são exigidas pelos documentos curriculares oficiais como o conhecimento do meio local e das suas edificações com significado histórico, Património cultural imaterial (bem como o natural) e que contribuem para a formação de uma identidade própria, foram evidenciadas nas respostas aos inquéritos, nas próprias avaliações sumativas e estenderam-se às representações gráficas, mais ou menos elaboradas, que conseguiram concretizar não só nas atividades relativas ao *Kamishibai plurilingue*, como também na realização do Mural do Património à volta da escola.

Os alunos apresentaram noções de Património – embora anteriormente tenham revelado incapacidade na apresentação dessas noções –evidenciando a aquisição e a materialização de uma consciência patrimonial, tal como a sua verbalização reforçada pela apresentação de exemplos de Património que se estendem ao Património local.

Este desenvolvimento de competências verificou-se mediante o recurso a estratégias que atravessaram todas as áreas curriculares, do Português à Matemática, com aplicação de várias técnicas da envolvente plástica que se traduziram em trabalhos que se socorreram da plasticidade do pensamento patrimonial culminando na concretização de exemplos patrimoniais materializados em trabalhos de expressão plástica.

Para além das tarefas levadas a cabo no âmbito do Português, da Matemática e das expressões, ficou evidente que o Estudo do Meio foi a área disciplinar por excelência de afirmação dessa construção de aprendizagens dos alunos da turma do 3.º ano do 1.º CEB.

Já quanto ao grupo dos alunos do 2.º CEB, a Flexibilidade Curricular demonstrou ser um cadinho de oportunidade à disposição do docente na concretização, com sucesso, do projeto.

A despeito das várias possibilidades em termos de ‘construção de conhecimento’ e desenvolvimento de capacidades dos alunos, o desenvolvimento de uma consciência patrimonial não poderia ficar completamente estabelecido nesta fase da vida escolar e social dos alunos, sem a verificação *in loco* do Património. Ou seja, os resultados obtidos nas sessões atrás descritas dificilmente seriam os mesmos, ou verificáveis, sem a confirmação da identificação e reconhecimento do Património à volta da escola como sendo um fator distintivo e identitário da comunidade em que a escola está inserida. Desta forma, a última e mais importante análise a realizar a partir dos resultados obtidos, pese embora os vários condicionalismos temporais e contextuais constata que foram realmente desenvolvidas ou aprofundadas competências com o projeto.

Como se foi assinalando ao longo do trabalho, sendo este um projeto com a ambição de mudar comportamentos no respeitante também à ‘educação do olhar’ – na expressão recorrentemente utilizada por António Vítor N. de Carvalho –, de estar mais atento ao que rodeia os alunos, de conseguir incitar ao reconhecimento do património existente, à reflexão sobre a importância do mesmo, ao questionamento de algumas decisões políticas sobre o Património, considera-se que esses objetivos foram amplamente alcançados.

Desta maneira, importa salientar que o Património enquanto alvo de aprendizagens foi visto, refletido, descrito, desenhado, e representado segundo uma apropriação única por parte de cada aluno. Independentemente do tipo/forma de apropriação, combate-se a preocupante indiferença até aqui dominante.

### **Considerações finais**

No momento de finalizar este trabalho gostaria de tecer algumas considerações, em tom conclusivo e muito em forma de balanço/revisão de todo o processo que conduziu aos resultados inscritos neste Relatório. Esta ponderação é fundamental para rememorar o intento do Projeto, avaliar as respostas às questões de investigação inicialmente colocadas e perceber se os objetivos propostos foram atingidos. Aproveita-se o ensejo para avançar com uma reflexão em torno das virtudes, potencialidades e eventuais limitações do Projeto “Património à volta da minha escola”.

Num mundo tendencialmente ‘globalizante’, as realidades locais encontram eco nas vontades individuais e coletivas que emanam da memória e da valorização do passado, facto que se reflete na preservação daquilo que se considera como memória e Património que, no fundo, conferem sentido ao nosso presente. Como enfatiza Maria Glória Solé (2015, p. 147), esse “património permite-nos indagar e conhecer o passado, mas este não deve ser compreendido como uma mera recordação do mesmo, faz parte do nosso presente e da nossa identidade”. Ou seja, o Património é um legado encarado como catalisador de vontades, de ações, de manifestações de ideias coletivas e individuais que se perfilam como raízes que consubstanciam a identidade.

Por seu lado, a identidade é forjada na memória de um passado que cabe ao presente manter vivo para o futuro; e quando se alude ao futuro tem de se falar nas gerações mais novas e na sua formação multidimensional enquanto seres humanos.

Assim, surge a escola como espaço privilegiado de discussão e de ‘construção de aprendizagens’, que possibilita o desenvolvimento de consciências esclarecidas e conduz à formação de cidadãos interessados e empenhados também na defesa das suas raízes. São precisamente as raízes a entrelaçar o sentimento de pertença de um indivíduo a um determinado meio. Nesta relação o indivíduo interioriza, codifica e valoriza, de forma simbólica, os elementos disponibilizados pelo meio transformando-os em Património.

Conclui-se, então, que o Património está intrinsecamente ligado à memória e à identidade. Efetivamente, o Projeto aqui apresentado alicerçou-se nesta correlação. Como ponto de partida para a concretização do mesmo impôs-se o estudo das Metas e Programas Curriculares e Aprendizagens Essenciais que demandam a exploração do meio envolvente com o objetivo de valorizar as raízes culturais e as manifestações patrimoniais. Percebi que poderia radicar aqui o

mote para um Projeto viável que visasse o desenvolvimento da consciência patrimonial e histórica dos alunos.

O Projeto começou por fixar-se nesta questão: O que sabem os alunos sobre o Património? A par desta interrogação abracei outras duas questões também necessárias: como desenvolver as competências dos alunos ao nível da consciência do Património e, por fim, em que medida o projeto contribuiu para o desenvolvimento dessas competências.

Quanto aos conhecimentos dos alunos sobre o Património, constatou-se que os mesmos, no início deste projeto, tinham uma ideia muito vaga – ou até equívoca – acerca do Património. Demonstraram uma consciência patrimonial escassa e pouco desenvolvimento da consciência histórica. Este facto prova-se pelas respostas apuradas nos questionários iniciais e a produção de desenhos solicitada aos alunos. A concretização do Projeto efetivou-se através de um processo baseado na investigação e no questionamento constantes. Investigação quer ao nível do levantamento e conhecimento do Património circundante, quer ao nível da produção científica que sustentasse as ações didáticas que melhor se adequassem ao processo de formação da consciência patrimonial.

Este foi um processo que exigiu a investigação e a reflexão indispensáveis à delineação de estratégias promotoras de aprendizagens conducentes ao desenvolvimento de competências de caráter interdisciplinar, mas sempre com o foco principal na formação/desenvolvimento de uma consciência patrimonial permitindo, simultaneamente, dar resposta à minha segunda questão: “Que estratégias utilizar com vista à integração curricular do tema do Património com vista ao desenvolvimento da consciência patrimonial?”.

As estratégias adotadas deram corpo ao Projeto “Património à volta da minha escola” e integraram diversas metodologias transversais aos saberes das várias áreas curriculares, articulando-se com a Flexibilidade Curricular. Nesse sentido, foi possível a concretização de atividades múltiplas como:

- Observação mediatizada de imagens de exemplos de Património local, desenho e pintura desses mesmos exemplos de Património local, traduzidos em roteiro no mural do Património à volta da escola e na história ‘Joan perdeu-se na Glória e Vera Cruz’, no seio da turma do 1.º CEB, e no painel de azulejo inspirado no estilo Arte Nova desenvolvido com os alunos do 2.º CEB.
- Realização de um Roteiro pedestre respeitante ao Património à volta da escola, assumindo a fonte patrimonial como farol e inspiração para todo o percurso didático.



– Audição de canções de José Afonso e identificação da toponímia da cidade relativa a José Afonso e a Eça de Queirós, enfatizando a importância da imaterialidade cultural do Património local.

– Observação de imagens de Património não edificado como ou “Ovos-moles”, “Caldeirada de enguias”, Moliceiros e uma visita à Festa de S. Gonçálio.

De salientar que não coloco, neste momento e a esta distância, nenhuma hierarquia em relação a qualquer uma das atividades realizadas, já que todas elas concorreram para o desenvolvimento de competências e capacidades nos alunos com os quais tive o privilégio de trabalhar. Quero com isto afirmar que os alunos podem ter dedicado mais espaço e mais tempo do seu horário a uma determinada atividade ou tarefa, mas todas tiveram como pano de fundo, a não ser perdido ou concedido, o Património local como elemento crucial para o desenvolvimento de uma consciência patrimonial.

Assim, sem perder de vista as exigências curriculares dos documentos oficiais, destaco que este Projeto cumpriu o seu desígnio maior de contribuir para o desenvolvimento de uma consciência patrimonial, não abrindo mão do contacto com as várias manifestações do Património local, desígnio esse facilitado com base na ideia trazida a debate sobre as aprendizagens significativas recorrentemente sublinhadas neste trabalho.

Certo que neste passo do trajeto se poderiam apontar outros caminhos e outras estratégias, pois muitas vezes é no epílogo que conseguimos perceber que se poderia ter feito de outra maneira; talvez melhor se o tempo disponível o permitisse! Mas melhor para quê e para quem?

Sem dúvida que para os alunos; eles foram e são o sentido da minha atuação enquanto docente.

Por exemplo, talvez uma estratégia inversa relativamente à visita de estudo ao Património local com os alunos do 1.º CEB, pois dessa forma talvez tivessem uma ideia inicial mais bem formada e mais pormenorizada do Património local e, assim, talvez pudessem ter um leque mais variado de referências visuais para desenhar ou descrever na produção escrita. Qualquer Projeto educativo é fruto de escolhas, e como tal sempre sujeito a novos caminhos. De todo o modo, assumo as opções tomadas.

No final das sessões em que o Projeto foi desenvolvido, havia que responder a uma outra questão levantada aquando da elaboração deste projeto: “Quais os contributos deste projeto para o desenvolvimento das competências ao nível da formação de uma consciência patrimonial?”. Foi através de questionários finais, dos trabalhos escritos, das iniciativas no domínio da expressão

plástica e dos diálogos estabelecidos dentro e fora da sala de aula que ficou demonstrada a passagem dos 20% iniciais para 100% dos alunos do 1.º CEB que conseguiram apresentar uma definição de Património no final do Projeto. A mesma evolução verificou-se também junto dos alunos do 2.º CEB. Assim, estes dados estatísticos, mas sobretudo a qualidade das respostas dos alunos integrados neste projeto, permitem afirmar, de forma inequívoca, que este Projeto contribuiu para o desenvolvimento de competências nos seguintes níveis: 1) Consciência e educação patrimonial; 2) Consciência e educação histórica; 3) Aprendizagens curriculares integradas.

1) Consciência e educação patrimonial – ao identificar, reconhecer e valorizar, dando opiniões e fazendo propostas de recuperação e divulgação do Património (próximo da sua escola ou não).

A mobilização dos conhecimentos sobre o Património ficou bem patente, não só durante o desenvolvimento do Projeto, através dos trabalhos de expressão plástica e escrita, mas também nos comentários e demonstração de afeto, e de nostalgia, de uma memória e de um passado que não viveram mas que sentiram como seu, sentimentos traduzidos na sensação de perda irreparável do património coletivo – das muralhas de Aveiro, na turma do 1.º CEB ou da Catedral de Notre Dame, em Paris, na turma do 2.º CEB –; mas também no final com a manifestação do dever de preservação, sentindo e assumindo os trabalhos saídos das suas mãos, dos seus esforços, das suas reflexões e das suas formas de sentir, como um cadinho do Património existente à volta da sua escola.

2) Consciência e educação histórica – ao propor e sugerir medidas para a preservação e divulgação do Património local.

A consciência histórica faz com que os sujeitos tentem encontrar o seu equilíbrio na vida quotidiana, entre os seus conhecimentos e a forma como os mobilizam. Assim, a História enquanto ciência ajuda a levantar seres humanos mais livres porque os ajuda a ser mais críticos, mais questionadores e atentos ao mundo que os rodeia.

Constatou-se que, no final do Projeto, estes alunos do 1.º e 2.º Ciclos perceberam que o meio com o qual se relacionam tem um passado e puderam, em consequência dessa perceção, atribuir significado histórico ao conjunto patrimonial à volta da sua escola propondo formas de proteger, de conservar, de divulgar e até, num ou noutro caso, de recuperar Património através da apresentação de propostas de projetos para a recuperação de edificações. Por tudo isto, creio não ser despidendo o trajeto do desenvolvimento de uma verdadeira consciência histórica por via do Projeto sobre o “Património à volta da escola”.

### 3) Ao nível das aprendizagens curriculares integradas.

Já mencionei anteriormente que não considero uma atividade ou uma tarefa mais determinante do que outra no que tocante ao concurso para o desenvolvimento de capacidades, competências, atitudes e valores dos alunos em contextos de formação. Procurei integrar com este Projeto, de uma forma ativa, as várias áreas curriculares, ou disciplinares, para que o desenvolvimento dos alunos fosse sequencial sem perturbar o cumprimento do Programa.

Neste âmbito, a aposta na nova área de Flexibilidade Curricular creio ter sido acertada, pois permitiu trabalhar várias áreas, como as expressões artísticas – não se pode esquecer que a Arte esteve sempre presente na manifestação do Património com o qual os alunos trabalharam; uma arte com ligação estreita à História e à memória.

Esta minha insistência na não hierarquização de tarefas decorre do meu próprio processo de crescimento enquanto docente, pois integrei esta máxima de que o professor tem um papel ativo no permanente questionamento e na provocação da discussão que possa abrir caminho a novas aprendizagens; estas sim, ficam no topo das prioridades de qualquer ação educativa. Senti que ajudei a ‘abrir portas’, a traçar caminhos a construir vias e a largar horizontes. A título estritamente pessoal, esta experiência enriqueceu-me interiormente e reforçou a minha vontade de participar e de atuar civicamente de forma mais incisiva, alimentou a vontade de desenvolver projetos no futuro e de não ter receio do trabalho colaborativo.

Importa, ainda, reforçar a ideia de que o Património se constituiu simultaneamente como um meio e um fim em si mesmo. Um meio, pois foi fonte de inspiração para a execução de recursos didáticos construídos com os alunos. Estes últimos, partindo com alguma indiferença e desconhecimento acerca da realidade patrimonial que os rodeava, desenvolveram competências que hoje me permitem estar certo de que têm capacidades para valorizar e defender esse mesmo Património.

Tal como eu, estes alunos, seguramente na sua maioria, passaram a estar mais atentos a questões de pormenor como uma varanda em ferro trabalhado ou uma pedra de calcário a ladear uma janela, mais ou menos trabalhada, ou o azulejo que dá mais cor uma fachada ajudando a embelezar à cidade. Assim, creio que estes alunos mudaram em algo e que podem vir a refinar a sua visão/leitura face à forma como é tratado e encarado um Património que agora também sentem, certamente, como seu.

Desta forma, o Património constitui-se como uma fonte de aprendizagem. Mas, mais importante, como objeto gerador e alvo de emoções, de criação de laços e fator mobilizador de uma nova atitude de preservação, conservação e valorização. Posso afirmar que a realização deste Projeto teve duas máximas: ‘o Património foi à escola’ e ‘a escola foi ter com o Património’. Esta relação bidirecional foi fundamental para o cumprimento dos objetivos propostos e para a integração e valorização do “Património à volta da escola” por parte dos alunos. Permitiu, também, àqueles anteriormente ‘menos atentos’ ao meio envolvente uma possibilidade nova – a de assumir uma atitude de ‘militância’ em defesa do Património abraçando o princípio de que todos temos responsabilidade ampliada e um lugar nesta ‘luta’ permanente em defesa do nosso passado comum, abrangendo mesmo os mais ‘distraídos’, tal como assinala uma máxima bem conhecida que aqui sublinho cirurgicamente: ‘Não há Santos sem passado, nem pecadores sem futuro’.

É apontando para esse futuro que deixo aqui as minhas últimas impressões já que não é difícil ouvir e ler que é no final de cada empreendimento que se vislumbra onde poderia residir o início. Assim, este trabalho deixa espaço a uma maior concentração e foco no estudo da individualidade patrimonial de Aveiro, sobretudo no que toca ao estudo da Arte Nova. De facto, existe um caminho importante a percorrer nesse aspeto, de modo que se faça uma maior ligação entre o Património, a Arte Nova e o ensino, especialmente na aprendizagem que este género artístico teve e tem na demarcação e caracterização da cidade e na relação que os residentes (muito além dos turistas) têm com a mesma.

Neste sentido, este estudo abre caminho a uma reflexão sobre a relação entre os cidadãos em formação e o papel que o Património local pode/deve ter nesse processo formativo e nesse caminho de futuro.

## Bibliografia

- Aikawa, N. (2004). An Historical Overview of the Preparation of the UNESCO International Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage. In *Museum International: Views and Visions of the Intangible*. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000135868>
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2010). *Supervisão da prática pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Universidade de Coimbra.
- Alves, L. A. M. (2014). *A História local como estratégia para o ensino da História*. Universidade do Porto. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4880.pdf>
- Anico, M. & Peralta, E. (2004). *As políticas culturais autárquicas num contexto de glocalização: processos e dinâmicas do património em Ílhavo e Loures*. Universidade de Lisboa. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/MArtaAnico.pdf>
- Anico, M. (2005). *A pós-modernização da cultura: património e museus na contemporaneidade*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832005000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000100005)
- Appadurai, A. (2002). Cultural Diversity: A Conceptual Platform. Sustainable diversity: the indivisibility of culture and development. Pp. 9-15. In Stenou, K., *UNESCO Universal Declaration on Cultural Diversity - a vision – a conceptual framework – a pool of ideas for implementation – a new paradigm, Cultural Diversity Series*. UNESCO, n.1. Disponível em: [http://www.arjunappadurai.org/articles/Appadurai\\_Cultural\\_Diversity\\_A\\_Conceptual\\_Platform.pdf](http://www.arjunappadurai.org/articles/Appadurai_Cultural_Diversity_A_Conceptual_Platform.pdf)
- Appadurai, A. (2000). Os Novos Territórios da Cultura: Mundialização, Incerteza Cultural e Violência. Pp. 203-206. In (Vários autores). *As Chaves do século XXI*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade.
- Azoulay, A. (2018). Mensagem da UNESCO PARA O Dia Internacional da Língua Materna. UNESCO.
- Barbeiro, L. & Pereira, L. Á. (2007). *Ensino da escrita: Dimensão textual*. Lisboa: Ministério da Educação Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Barca, I. (2001). Educação histórica: uma nova área de investigação. In *Revista da Faculdade de Letras*. V. 3. p. 13- 21. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2305.pdf>

- Barca, I. (2007). Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. Pp.115-126. In *Currículo sem Fronteiras*, v.7, n.1. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss1articles/barca.pdf>
- Barca, I. & Pinto, H. (2013). Uso De Fontes Patrimoniais e Consciência Histórica de Alunos e Professores Portugueses. Pp. 111-128. In *Revista de Educação Histórica*. N.º 2. Disponível em: <https://lapeduh.files.wordpress.com/2014/10/reduh-2-revista-de-educac3a7c3a3o-histc3b3rica.pdf>
- Barca, I. & Pinto, H. (2014). Um percurso na cidade de Guimarães, Património da Humanidade: conceções de alunos e professores. Pp. 5-29. In *Cultura Histórica & Património*. Disponível em: [https://publicacoes.unifalmg.edu.br/revistas/index.php/cultura\\_historica\\_patrimonio/article/view/01\\_art\\_v2n2\\_barca-pinto/203](https://publicacoes.unifalmg.edu.br/revistas/index.php/cultura_historica_patrimonio/article/view/01_art_v2n2_barca-pinto/203)
- Barca, I. et. Al. (2015). *Educação histórica e educação patrimonial - Novos desafios*. Braga: Universidade do Minho.
- Barca, I. & Alves, L. (2016). *Educação Histórica: Perspetivas de Investigação Nacional e Internacional*. Porto: Universidade do Porto.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bartolomé, M. P. (1986). La investigacion cooperativa. Pp. 51-78. In *Educar*. N. 10. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/educar/0211819Xn10/0211819Xn10p51.pdf>
- Bogdan, R. C. & Bicklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (2006). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora
- Bouchenaki, M. (2000). Atuações da UNESCO na conservação e recuperação do património. Pp. 152-158. In *Informe Mundial sobre a Cultura 2000*. São Paulo: UNESCO/Editora Moderna Lda. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000122968>
- Bouchenaki, M. (2003). Introductory lecture: the interdependency of the tangible and intangible cultural heritage. Pp. 27-31. In *Proceedings of the International Scientific Symposium: Place, memory, meaning: preserving intangible values in monuments and sites*. International Council of Museums (ICOMOS) 14th General Assembly and Scientific Symposium, Victoria Falls, Zimbabué. Disponível em: [http://openarchive.icomos.org/468/1/2\\_-\\_Allocution\\_Bouchenaki.pdf](http://openarchive.icomos.org/468/1/2_-_Allocution_Bouchenaki.pdf)
- Canclini, N. G. (2000). Caminhamos para culturas Híbridas? Pp. 207-214. In (vários autores) *As Chaves do século XXI*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade.
- Carneiro, A. (2001). O Desenho, projecto da pessoa. In *Os Desenhos do Desenho, na Novas Perspectivas sobre Ensino Artístico*. Universidade do Porto.

- Carvalho, A. V. N. (2005). Manifestações do sagrado e do profano em Aveiro no início da 1.ª República. In *O estudo da História*. Pp. 19-38 Lisboa: Associação de Professores de História.
- Carvalho, A. V. N. (2017). A indústria da construção naval no concelho de Ílhavo. In *Ílhavo Terra Milenar*. Pp. 387-405. Câmara Municipal de Ílhavo.
- Carvalho, A. V. N. (2019). *Desafios da União Europeia para a educação e formação: da Estratégia de Lisboa à Europa 2020*. (Tese de Doutoramento em Educação). Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/25722/1/Documento.pdf>
- Carvalho, G. S. & Freitas, M. L.V. (2010). *Metodologia do Estudo do Meio*. Luanda: Plural Editores.
- Carvalho, J. (2008). *Custos e Benefícios, à escala local, de uma ocupação dispersa*. Universidade de Aveiro
- Castells, M. (2003). *O Poder da Identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Choay, F. (2005). *Património e Mundialização*. Lisboa: Editora Licorne.
- Choay, F. (2009). *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições Setenta.
- Choay, F. (2011). *As questões do património*. Lisboa: Edições Setenta.
- Cohen, L., Manion, L. & Morrison, K. (2007). *Research Methods in Education*. Londres: Routledge.
- Colardelle, M. (1998). Les acteurs de la constitution du patrimoine: travailleurs, amateurs, professionnels. In J. Le Goff, (Coord.), *Patrimoine et Passions Identitaires. Actes des Entretiens du Patrimoine* (pp. 123-135). Paris: Fayard.
- Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência Para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições Asa.
- Conselho da Europa (2017). *Stratégie pour le patrimoine culturel européen au XXIe siècle*. Estrasburgo: Conselho da Europa. Disponível em: <http://anoeuropeu.patrimoniocultural.gov.pt/wpcontent/uploads/2017/08/Estrat%C3%A9gia-para-o-Patrim%C3%B3nio-Cultural-para-o-s%C3%A9culo-XXI-.pdf>
- Costa, J. (2002). *Ser de Carlão: o espaço de pertença e as representações da identidade como fundamentos da tomada de consciência cultural*. (Dissertação de Mestrado). Braga: Universidade do Minho.
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches*. London: Sage.
- Creswell, J.(2008). *Planning, Conducting, and evaluating quatitative and qualitative research*. 3ª edição. Merril Prentice Hall.
- Duarte, A. (1994). *Educação Patrimonial*. Lisboa: Texto Editora.

- Esteves, A. J. (2009). A Investigação-acção. In Silva, A. S. & Pinto (Orgs.). Pp. 251-278 *Metodologia das ciências sociais*, 15.ª Ed. Porto: edições Afrontamento.
- Estrela, A. (2001). *Investigação em Educação: Métodos e Técnicas*. Educa Editora.
- Félix, N. (1998). *A História na Educação Básica*. Ministério da Educação: Departamento da Educação Básica.
- Ferreira, A. (2010). *Arte, escola e inclusão: Atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Ferreira, A. P. R. (2013). *Património e cidadania: Dos Vestígios Arqueológicos à Ação Pedagógica*. (Tese de Mestrado). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Forneiro, M. L. I. (2008). Observación y evaluación del ambiente de aprendizaje en educación infantil: dimensiones y variables a considerar. P. 49-70. In *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 47. Madrid: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura.
- Giddens, A. (1992). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora.
- Goodnow, J. (1992). *Desenhos das crianças*. Brasília: Salamandra.
- Grou, F. A. & Marcelo, V. C. C. (2018). Benefícios da iluminação natural em ambientes escolares, In *Revista de Iniciação Científica*, Criciúma, Brasil: Universidade de Santa Catarina.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice.
- Janis, I. L. (1982). *Groupthink: Psychological studies of policy decisions and fiascoes* Boston: Houghton Mifflin. Disponível em: [https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fwww.psycsr.org%2Fabout%2Fpubs\\_resources%2Fgroupthink%2520overview.htm](https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fwww.psycsr.org%2Fabout%2Fpubs_resources%2Fgroupthink%2520overview.htm)
- Kemmis, S. & McTaggart, R. (1988). *Cómo planificar la investigación-acción*, Barcelona: Laertes
- Latorre, A. (2003). *La investigación -acción: Conocer y Cambiar la práctica educativa*. Espanha: Graó.
- Le Goff, J. (1990). *História e Memória*. Lisboa: Edições 70.
- Le Goff, J. (2007). *A Europa explicada aos Jovens. A Europa explicada a todos*. Lisboa: Gradiva.
- Maalouf, A. (1998). *As Identidades Assassinas*. Lisboa: Difel.
- McGowan, T. (2015). *Performing Kamishibai plurilingue: An Emerging New Literacy for a Global Audience*. Nova Iorque e Londres: Routledge Press.
- Machado, J. P. (2003). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Manique, A. P. & Proença, M. C. (1994). *Didática da História: Património e História local*. Lisboa: Texto Editora.



- Marques, C. & Martins, F. (2012). Educar para os direitos culturais e linguísticos: Complexidade e desafios. Pp. 42-51. In *Saber e Educar*. n. 17. Disponível em: <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/11>
- Martins, I. P. (2006). Educação em Ciência, Cultura e Desenvolvimento. In M. F. Paixão (Coord.) *Educação em Ciência, Cultura e Cidadania – Encontros em Castelo Branco*. Coimbra, Castelo Branco: Alma Azul.
- Martins, G. O. (2007). *Portugal-Identidade e diferença. Aventuras da Memória*. Lisboa: Gradiva.
- Martins, G. O. (2008). *Património Herança e Memória. A Cultura como criação*. Lisboa: Gradiva.
- Martins, A. I. M. (2011). *A observação no estágio pedagógico de professores*. Lisboa: Universidade Lusófona. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1581/Relat%c3%b3rio%20Est%c3%a1gio%20Ana%20Martins.pdf?sequence=1>
- Martins, S. D. T. (2011). *A memória de um lugar: discursos e práticas identitárias na freguesia do Castelo em Lisboa*. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3674/1/Tese%20Mestrdo%20Sara.pdf>
- Mendes, J. A. (2009). *Estudos do Património Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Moreira, C. (2006). *O entendimento do Património no contexto local*. Pp. 127–140. In Revista *OPPIDUM*, n.1.
- Mota M. (2008). *A identidade cultural local: ancoragem para o consumo massivo da linguagem da xilogravura*. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1619-1.pdf>
- Nogueira, S. A. (2017). *O estatuto do património histórico e cultural na pós-modernidade*. Disponível em: [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/30742/2/Sonia\\_O%20estatuto%20do%20patrim%C3%B4nio%20hist%C3%B3rico%20e%20cultural%20na%20p%C3%B3s-modernidade.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/30742/2/Sonia_O%20estatuto%20do%20patrim%C3%B4nio%20hist%C3%B3rico%20e%20cultural%20na%20p%C3%B3s-modernidade.pdf)
- Nóvoa, A. (2009). *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa. Disponível em: <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2017/04/antc3b3nionc3b3voa-professores-imagens-do-futuro-presente.pdf>
- Organização das Nações Unidas (1992). *Convenção das Nações Unidas sobre a Diversidade Biológica*. Disponível em: <https://news.un.org/pt/tags/convencao-sobre-diversidade-biologica-0>
- Pardal, L. e Correia, E. (1996). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.

- Pelegri, S. C. A. (2006). *Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do património cultural e ambiental*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, n. 51. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=0102-0188&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-0188&lng=en&nrm=iso)
- Peralta, A. & Anico, M. (2006). *Patrimónios e identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Edições Celta.
- Peixoto, P. (2009). *Património e Sociedade*. Centro de Estudos Sociais. Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://home.fat.utl.pt/~jaguiar/documentos/2009/Patrimonio%20e%20sociedade.pdf.pdf>
- Pinto, H. (2011). *Guimarães, Centro Histórico: Património e Educação*. (Dissertação de Mestrado). Braga: Universidade do Minho.
- Pinto, H. (2012). *Educação Histórica e Patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*. (Tese de Doutoramento em Educação). Braga: Universidade do Minho.
- Pinto, H. (2016). Educação Histórica e Patrimonial. Pp. 22-33. In Barca & Alves (Coords.). *Educação histórica: perspectivas de investigação nacional e internacional*. Porto: Universidade do Porto.
- Pinto, A. & Meireles, F. & Cambotas, M. C. (2001). *História da Arte: ocidental e portuguesa, das origens ao final do século XX*. Porto: Porto Editora
- Pollak, M. (1992). Memória e Identidade Social. In *Estudos Históricos*. Pp.200-212, v.5. n.10. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>
- Rèmond-Gouilloud, M. (2000). Prospectiva da noção de Património. Pp. 217-222. In (Vários Autores) *As chaves do Século XXI*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade.
- Rocha, T. S. F. (2012). *Refletindo sobre memória, identidade e património: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA*. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/g24/1340766055\\_ARQUIVO\\_Artigo-Anpuh.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/g24/1340766055_ARQUIVO_Artigo-Anpuh.pdf)
- Rodrigues, D. (2002). Património cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica. Pp. 45–52. In *Revista Online Do Museu de Lanifícios Da Universidade Da Beira Interior*. n.1.
- Rodrigues, L. M. (2003). *A educação patrimonial no Ensino Básico: um estudo com professores da área de Estudo do Meio e das disciplinas de História e Geografia de Portugal e de História*. Covilhã. Universidade da Beira Interior.
- Rodrigues, M. F. (2004). *Aveiro cidade de água sal argila e luz*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro

- Rodrigues, M. F. & Graça, O. (2016). *Pistas para a compreensão das manifestações «arte nova» em Aveiro: cenografia, modernidade e tradição*. Universidade de Aveiro
- Roldão, M. C. (1993). *Gostar da História*. Lisboa: Texto Editora.
- Roldão, M. C. (1995). “Ensinar a quem? O problema da diversidade e o conceito de adequação curricular”. Pp. 2-4. Ensinus, 5.
- Robson, C. (2005). *Real World Research*. Vitória, Australia: Backwell Publishing.
- Rüsen, J. (2006). *Razão Histórica: Teoria da História os Fundamentos da Ciência Histórica*, Brasília: Universidade de Brasília.
- Ruskin, J. (1849). *The seven lamps of architecture*. New York, USA: John Wiley
- Sá-Chaves, I. (2013). Desafios da construção de conhecimento e da formação de investigadores num campo multi-referenciado. P. 13-30. In *Interações*. Universidade de Aveiro.
- Sagart, L. (2000). As Línguas um Património a preservar. Pp. 238-243. In (Vários autores). *As Chaves do século XXI*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade.
- Santacana, J. M. (2015). El Patrimonio, la educación, y el factor emocional. Pp. 17-34. In Solé, G. (2015). *Educação Patrimonial: Contributos para a construção de uma consciência patrimonial*. Braga: Universidade do Minho. Disponível em: [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/40238/4/E-book-Educacao\\_Patrimonial.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/40238/4/E-book-Educacao_Patrimonial.pdf)
- Santos, M. L. (1998). *As Políticas Culturais em Portugal*. Viseu: Observatório das Artes
- Santos, S. (2001). Os Processos da Globalização. In Santos, B. S. (org.) *Globalização: Fatalidade ou Utopia?* Porto: Edições Afrontamento.
- Sebastião, I. (2013). Descrever, definir, ...atos de aprendizagem da produção textual. In: Pereira, L. Á. & Cardoso. *Reflexão sobre a escrita O ensino de diferentes géneros de textos*. Universidade de Aveiro.
- Silva, J. H. P. (1975). *Pretérito Presente*. Edição de autor.
- Silva, F. G. (2009). *A semântica lexical e as relações de sentido: sinonímia, antonímia, hiponímia e hiperonímia*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/03/03.pdf>
- Solé, G. (2009). *A História no 1.º Ciclo do Ensino Básico: a Concepção do Tempo e a Compreensão Histórica das Crianças e os Contextos para o seu Desenvolvimento* (Tese de Doutoramento). Universidade do Minho.
- Solé, G. (2013). A consciência histórica e a significância histórica em alunos portugueses: um estudo de caso longitudinal com alunos portugueses. In *Revista de Educação Histórica*, pp. 90-110.

n.2. Disponível em: <https://lapeduh.files.wordpress.com/2014/10/reduh-2-revista-de-educac3a7c3a3o-histc3b3rica.pdf>

Solé, G. (2017). *Educação histórica e educação patrimonial: desafios da investigação em Portugal*. Universidade do Minho.

Solé, G. & Almeida, É. (2016). *Aprender história através da exploração do património local como recurso didático: uma experiência em educação patrimonial com alunos do 5.º ano de escolaridade*. Universidade do Minho.

Telmo, I. (2000). *O Património e a Escola. Do passado ao futuro*. Lisboa: Texto Editora.

UNESCO (1999). Action Plan. Pp. 27-30. In *A Global Assessment of the 1989 Recommendation on the Safeguarding of Traditional Culture and Folklore: Local Empowerment and International Cooperation*. Washington D.C., USA: Smithsonian Institution. Disponível em: [https://folklife.si.edu/resources/Unesco/finalreport\\_eng.htm](https://folklife.si.edu/resources/Unesco/finalreport_eng.htm)

UNESCO (2002). *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. [Paris?]: UNESCO. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127160>

Vala, J. (1987). A análise de conteúdo. In A. Santos Silva & J. Madureira Pinto (eds.) *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Vieira, C. F. (2011). *Educação e Património Cultural. Roteiros para o Ensino em Estarreja*. (Dissertação de Mestrado). Aveiro: Universidade de Aveiro.

Vieira, F. M. (2015). *Novo roteiro para a Arte Nova em Aveiro e Ílhavo: proposta de uma aplicação mobile*. (Dissertação) Aveiro: Universidade de Aveiro.

Viollet-Le-Duc, E. (2006). *Restauração*. Brasília: Diversos.

Wurm, S. (2000). Que futuro para as línguas ameaçadas? In (Vários Autores) *As chaves do Século XXI*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade.

Zhao, Y. (2009). Needed: Global Villagers. Teaching in the 21st Century, 67, 60-65. [http://www.unc.edu/world/2009Symposium/preprogram%20material/Needed Global%20Villagers.pdf](http://www.unc.edu/world/2009Symposium/preprogram%20material/Needed%20Global%20Villagers.pdf).

#### **Cartas e Convenções consultadas (por ordem cronológica):**

*Carta de Veneza* de 1964.

UNESCO (1971). *Convenção Universal sobre Direitos de Autor*. Paris: UNESCO.

UNESCO (1972). *Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural*. Paris: UNESCO.

ICOMOS (1982). *Conferência Mundial sobre Políticas Culturais*, México: 1982.

UNESCO (1989). *Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular*. Paris: 1989.

Disponível em: [http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao\\_%20sobre\\_a\\_salvaguarda\\_da\\_cultura\\_tradicional.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguarda_da_cultura_tradicional.pdf)

ONU (1992). *Convenção das Nações Unidas sobre a Diversidade Biológica*. Rio de Janeiro: 1992.

Disponível em: <http://www2.icnf.pt/portal/pn/biodiversidade/ei/cbd>

UNESCO (2002). *Final Report – International Round Table: Intangible Cultural Heritage – Working Definitions*. Paris: 2002.

### **Legislação**

Lei do Património Cultural Português (Lei n.º 13/85 de 6 de julho).

Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86, de 14 de outubro).

Decreto-Lei nº 369/90, de 26 de novembro.

Constituição da República Portuguesa de 2 de abril de 1976. Coimbra Editora 1993.

Lei de Bases do Património Cultural (Lei nº 107/2001, de 8 de setembro).

Lei-Quadro dos Museus Portugueses (Lei nº 47/2004, de 19 de agosto).

Lei nº 47/2006, de 28 de agosto.

Programa E Metas Curriculares Do 1.º Ciclo do Ensino Básico. (2006).

Decreto-Lei nº 261/2007, de 17 de julho.

Resolução da Assembleia da República nº 47/2008, de 12 de setembro, publicada no Diário da República nº 11 177, série I.

Despacho 5306/2012, de 18 de abril.

Portaria nº 431-D/2013, publicada no Diário da República nº 124, 2.º Suplemento, série II, de 01/07/2013

Despacho n.º 5908/2017, de 5 de julho

Resolução da Assembleia da República nº 47/2008, de 12 de setembro, publicada no Diário da República nº 11 177, série I.

Despacho 5306/2012, de 18 de abril.

Portaria nº 431-D/2013, publicada no Diário da República nº 124, 2.º Suplemento, série II, de 01/07/2013

Despacho n.º 5908/2017, de 5 de julho

Decreto-Lei 54/2018 de 6 de julho

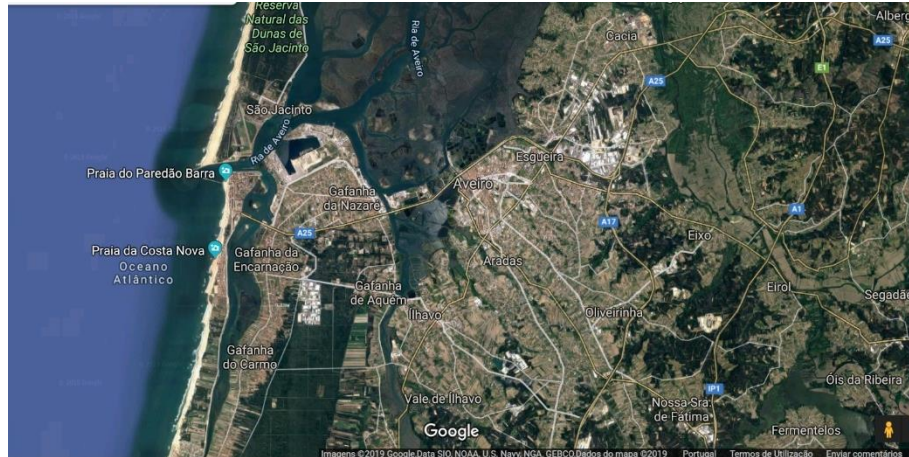
Decreto-lei 55/2018





## Anexos

### Anexo 1. Imagem satélite da região de Aveiro

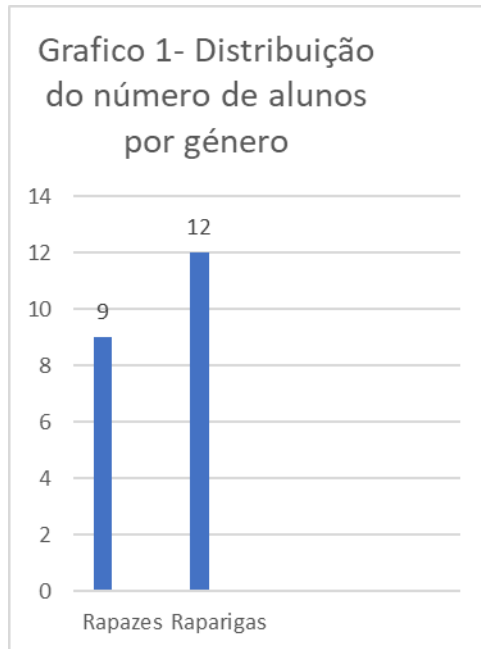
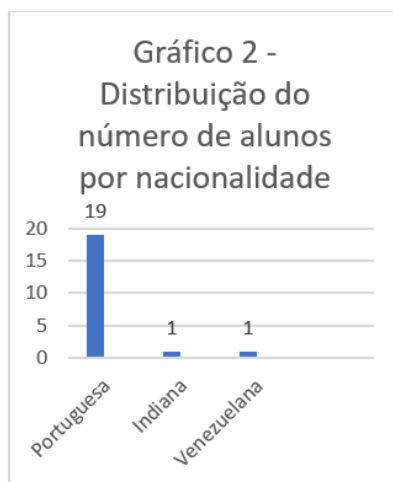


**Figura 1 - Imagem satélite da região de Aveiro. Fonte: <https://www.google.com/maps>**

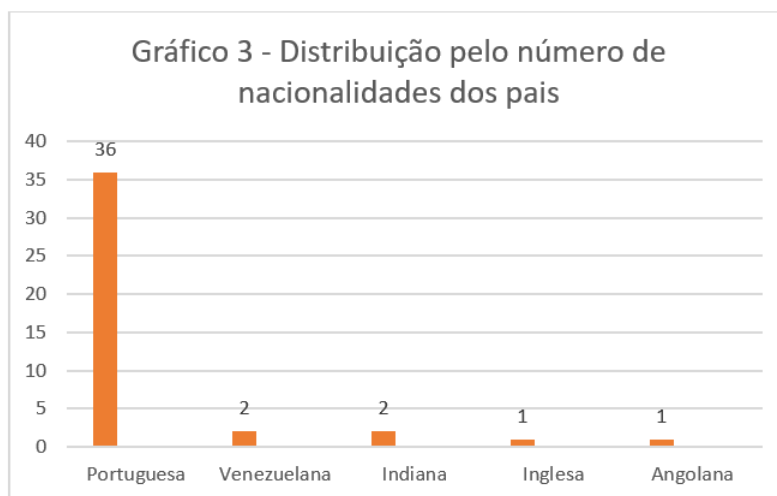
### Anexo 2. Núcleo urbano de Aveiro



**Figura 2 - Núcleo urbano de Aveiro Fonte: <https://www.google.com/maps>**

**Gráfico 1 – Distribuição dos alunos do 3.º ano por género****Gráfico 2 – Distribuição dos alunos do 3.º ano por nacionalidade**



**Gráfico 3 – Distribuição dos pais alunos do 3º ano por nacionalidade****Anexo 3 - Imagem da sala onde estagiei no 1.º CEB****Figura 3 - Vista da sala (quadros branco e interativo).****Anexo 4– Horário da Turma**

Horas	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00	Matemática	HCT	Português	Matemática	Português
9h30					
9h30	Matemática	Inglês	Português	Matemática	Português
10h30					

10h30 11h00	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo
11h00 12h30	Português	Matemática	Estudo do Meio	Inglês	Matemática
12h30 14h00	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
14h00 15h00	Estudo do Meio	Português	Matemática	Português	Expressões
15h00 15h30	Estudo do Meio	Português	HCT	Expressões	Expressões
15h30 16h00	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo
16h00 17h00	AEC	AEC	AEC	AEC	AEC

#### Anexo 5. Fachada do edifício da Antiga Garagem de Aveiro



Figura 5 - Edifício com decoração Arte Nova, de cuja construção original apenas resta a fachada. A fachada principal apresenta-se integralmente revestida a cantaria de pedra calcária. (Foto do autor.)

#### Anexo 6. Parque da Cidade (escadaria central)



Figura 6 - Painéis de Azulejo da escadaria central do Parque da Cidade. (Foto do autor.)

### **Anexo 7. Coreto do Parque da Cidade**



Figura 7 - Coreto em ferro, datado de inícios do século XX, de características do estilo Arte Nova da autoria de Araújo e Silva (Foto do autor).

### **Anexo 8 - Conjunto arquitetónico das Igrejas de Santo António e Igreja de São Francisco**



Figura 8 - O conjunto arquitetónico formado pela igreja do convento de Santo António, pela capela da Ordem Terceira de São Francisco e anexos conventuais do século XVI. (Foto do autor.)

### **Anexo 9. Igreja das Carmelitas**



Figura 9 - Igreja de São João Evangelista, mais conhecida como convento das Carmelitas. Construída em 1704. (Foto do autor.)

**Anexo 10 - Casa dos Morgados da Pedricosa**

Figura 11 - Casa dos Morgados da Pedricosa. Séc. XVIII. (Foto do autor.)

**Anexo 11 - Edifício da Antiga Sapataria Leitão**

Figura 12 - Edifício do século XX com características do estilo Arte Nova. (Foto do autor.)

**Anexo 12 - Edifício Testa & Amadores**

Figura 13 - Edifício do século XX com características do estilo Arte Nova. (Foto do autor.)

### **Anexo 13 - Sé Catedral de Aveiro**



Figura 14 - Sé de Aveiro

### **Anexo 14 - Museu de Aveiro/Santa Joana**



Figura 15 - Antigo Convento de Jesus, é hoje o Museu da Cidade. (Foto do autor.)

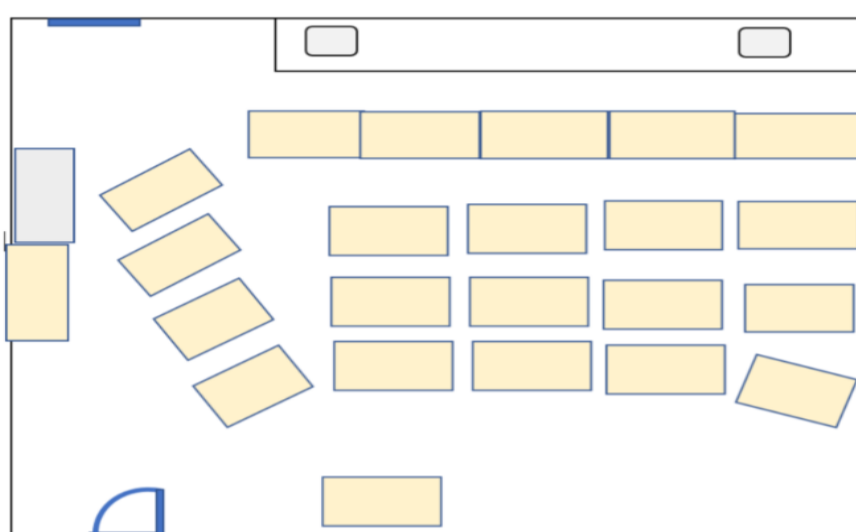
**Anexo 15 – Sala de aula de HGP**

Figura 16 - Planta (não à escala) da sala L14

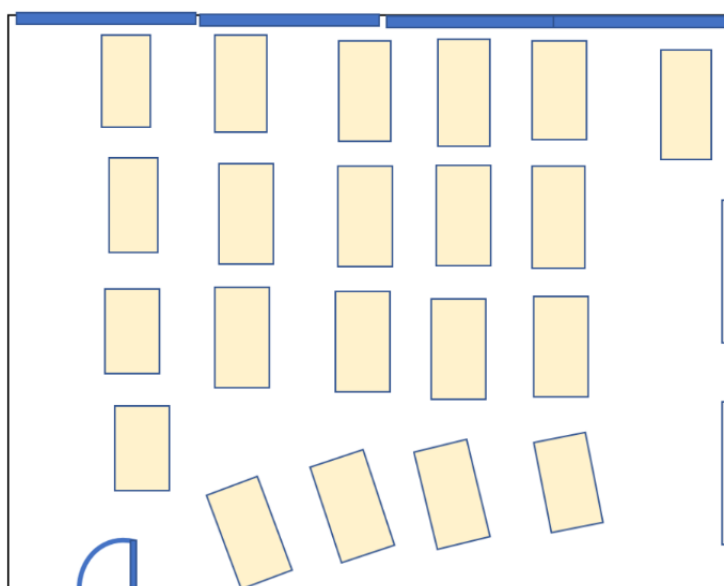
**Anexo 16 – Sala de aula de Português**

Figura 17 - Figura 3 - Planta (não à escala) da sala L15

### Anexo 17. – Sala de aula de DAC de Português

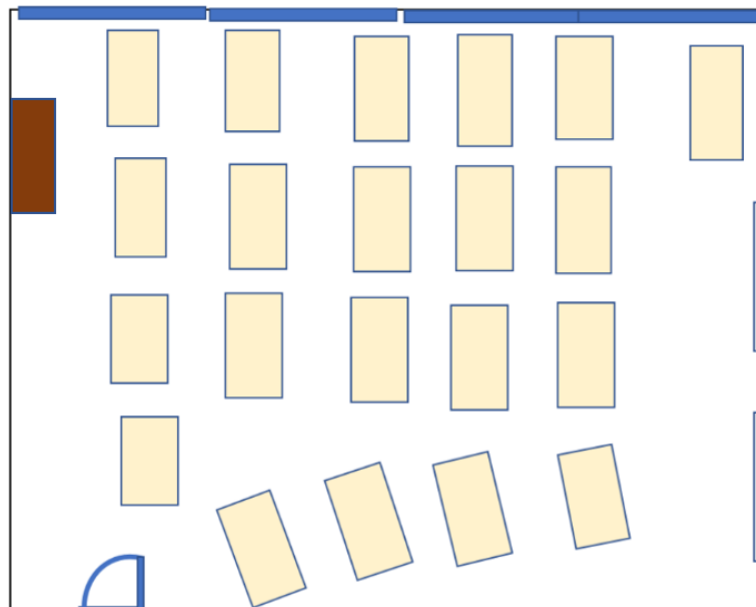


Figura 18 - Figura 4-Planta (não à escala) da sala L7.

### Anexo 18. Antigos Paços do Concelho de Esgueira



**Anexo 19. Igreja Matriz de Esgueira****Anexo 20. n.º 100-102 da Rua José Luciano de Castro – Esgueira**

Casa particular com características do estilo Arte Nova. (Foto do autor.)



**Anexo 21. n.º 138 -140 da Rua José Luciano de Castro – Esgueira**

Casa particular com características do estilo Arte Nova. (Foto do autor.)

**Anexo 22 – Questionário inicial**

**Mestrado em Ensino no 1º CEB e Português e História e Geografia de Portugal no 2º CEB**

**Professor Estagiário: Paulo Tavares | Professora Cooperante:**

**Escola \_\_\_\_\_ | Turma \_\_\_\_\_ | Ano letivo 2018/2019**

**Justificação deste questionário:**

**Este questionário tem como finalidade fazer um diagnóstico dos conhecimentos que os alunos possuem acerca do que é o Património em geral e do património que os rodeia – em particular-, no sentido de sabermos qual o ponto de partida para o nosso Projeto Educativo que se debruça sobre a valorização do património à volta da escola (próximo).**

**Questionário:**

**1. Para ti o que é o Património?**

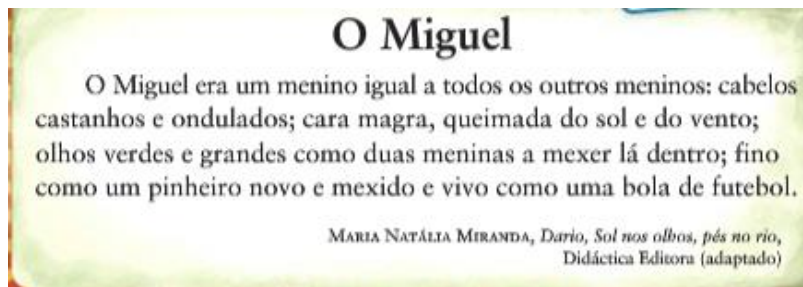
---

2. Sabes identificar, ou dizer, algum do património que conheças próximo da tua escola?
- 

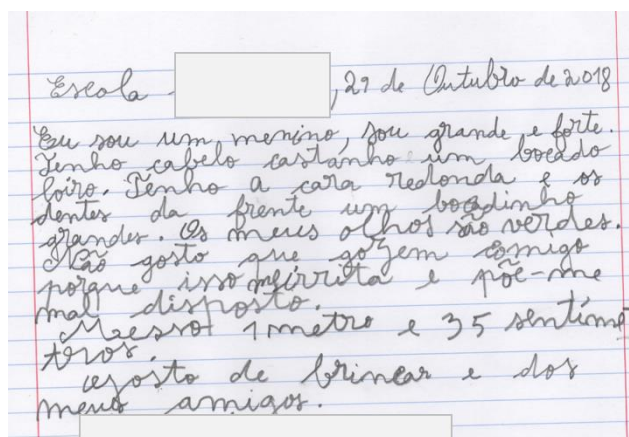
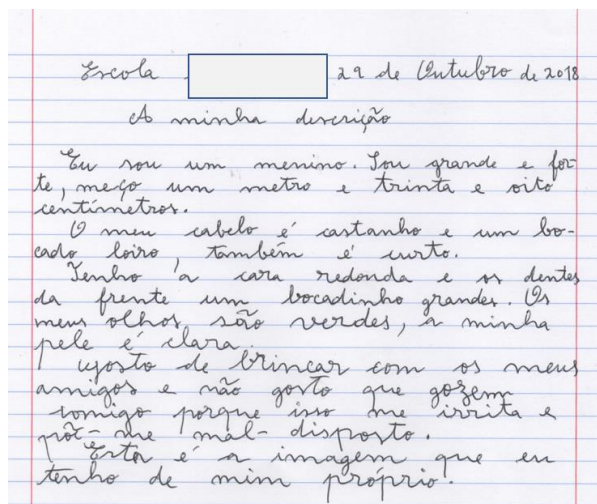
3. Já ouviste falar em “Arte Nova?” SIM ☐ NÃO ☐

4. Conheces algum exemplo de Arte Nova em Aveiro? Se sim, qual?
- 

Agora queríamos que conhecêssemos o espaço por onde passeamos e vivemos, por isso, este questionário e as tuas respostas são importantíssimas para que possamos, em conjunto, saber como podemos trabalhar o Património à volta da tua escola, contigo!

**Anexo 23. Imagem do texto mentor utilizado para trabalhar a descrição da figura humana**

*Texto Miguel, texto mentor para iniciar o texto descritivo da figura humana. Fonte: Marques & Gonçalves (2012). Português 3.º Ano. Lisboa: Santillana Editora. P. 3*

**Anexo 24. Imagem da versão do texto inicial de auto descrição****Anexo 25. Imagem da versão do texto final de auto descrição**

## Anexo 26 – Roteiro Rik & Rok



## Roteiro Rik e Rok sobre a região de Aveiro

**Anexo 27 – Imagem de visualização de vídeo de apresentação do *Kamishibai plurilingue* aos alunos**

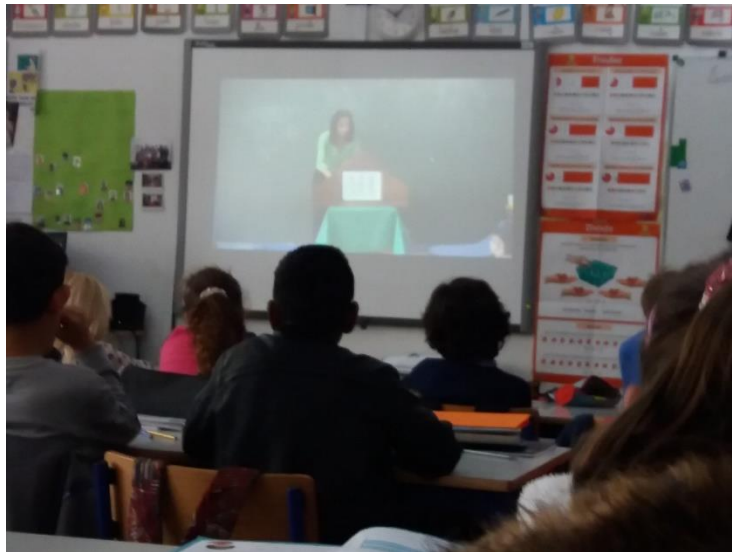


Imagem de vídeo de contagem de história com recurso ao Kamishibai plurilingue.

**Anexo 28 – Imagem de Património à volta da Escola**

Fachada do edifício da Antiga Garagem de Aveiro



**Anexo 29 – Imagem de Património à volta da Escola**



Pormenor de painel de azulejo da Casa Testa & Anadores.

**Anexo 30 – Imagem de Património à volta da Escola**



Brasão que encima o portão do Museu de Santa Joana.

**Anexo 31 – Desenho do Património para a prancha do *Kamishibai* plurilingue**



**Anexo 32 – Desenho do Património para a prancha do *Kamishibai* plurilingue**





**Anexo 33 – Texto instrucional da atividade “Mensagem Escondida”.**

## MENSAGEM ESCONDIDA:

TEMOS UMA MENSAGEM PARA DECIFRAR. PARA ISSO VAMOS TRAÇAR UM PERCURSO NA FOLHA DE PAPEL QUADRICULADO.

VAIS TER DE SEGUIR COM ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES QUE VOU DAR. CADA QUADRADINHO VALE 1 (UM) PASSO. VAIS PRECISAR DE LÁPIS OU CANETAS DE VÁRIAS CORES: AMARELA, VERMELHA, VERDE, AZUL E, AINDA, UMA CANETA DE ESCRITA.

VAIS COMEÇAR O TEU ITINERÁRIO NA MARCA QUE JÁ SE ENCONTRA NA FOLHA. AGORA PRESTA ATENÇÃO!

COM UMA COR AMARELA, SEGUE PARA A DIREITA DA MARCA SETE PASSOS. ESCRIBE NO FINAL DA LINHA E NO ESPAÇO, EM BAIXO, QUE DIZ “MENSAGEM”, AS PALAVRAS “SANTA JOANA”!

POR BAIXO DA ÚLTIMA MARCA AMARELA QUE FIZESTE, TRAÇA PARA BAIXO, A VERMELHO, DOZE PASSOS, E ESCRIBES NO FIM E EM BAIXO “NASCEU EM LISBOA EM”.

AGORA AGARRA NA COR VERDE E DÁ CINCO PASSOS À ESQUERDA, ESCRIBE EM BAIXO E NO FIM A LETRA “M” EM MAIÚSCULAS

VAIS VOLTAR A IR PARA BAIXO, POR ISSO, OUTRA VEZ COM A COR VERMELHA, MARCA SETE PASSOS E REGISTA A LETRA “C”.

COM A COR AMARELA, MARCA DOZE PASSOS PARA A DIREITA E VAIS TER DE ESCRIVER A LETRA “D”.

COM A COR AZUL VAIS SUBIR E MARCAR SEIS PASSOS PARA CIMA, ONDE VAIS ESCRIVER OUTRA LETRA MAIÚSCULA, O “L”.

OUTRA VEZ A AMARELO, DÁ CINCO PASSOS À DIREITA E ESCRIBES OUTRA LETRA, O “I” MAIÚSCULO.

A VERMELHO MARCA DEZ PASSOS PARA BAIXO E REPETES O “I” MAIÚSCULO.

VIRA À DIREITA CINCO PASSOS COM A COR AMARELA E ESCRIBE A INSCRIÇÃO “MORREU EM AVEIRO EM”.

A VERMELHO, MARCA NOVE PASSOS PARA BAIXO E REGISTA A LETRA MAIÚSCULA “M”.

COM A COR VERDE VAIS SEGUIR PARA A TUA ESQUERDA ONZE PASSOS E ESCRIVER A LETRA “C”.

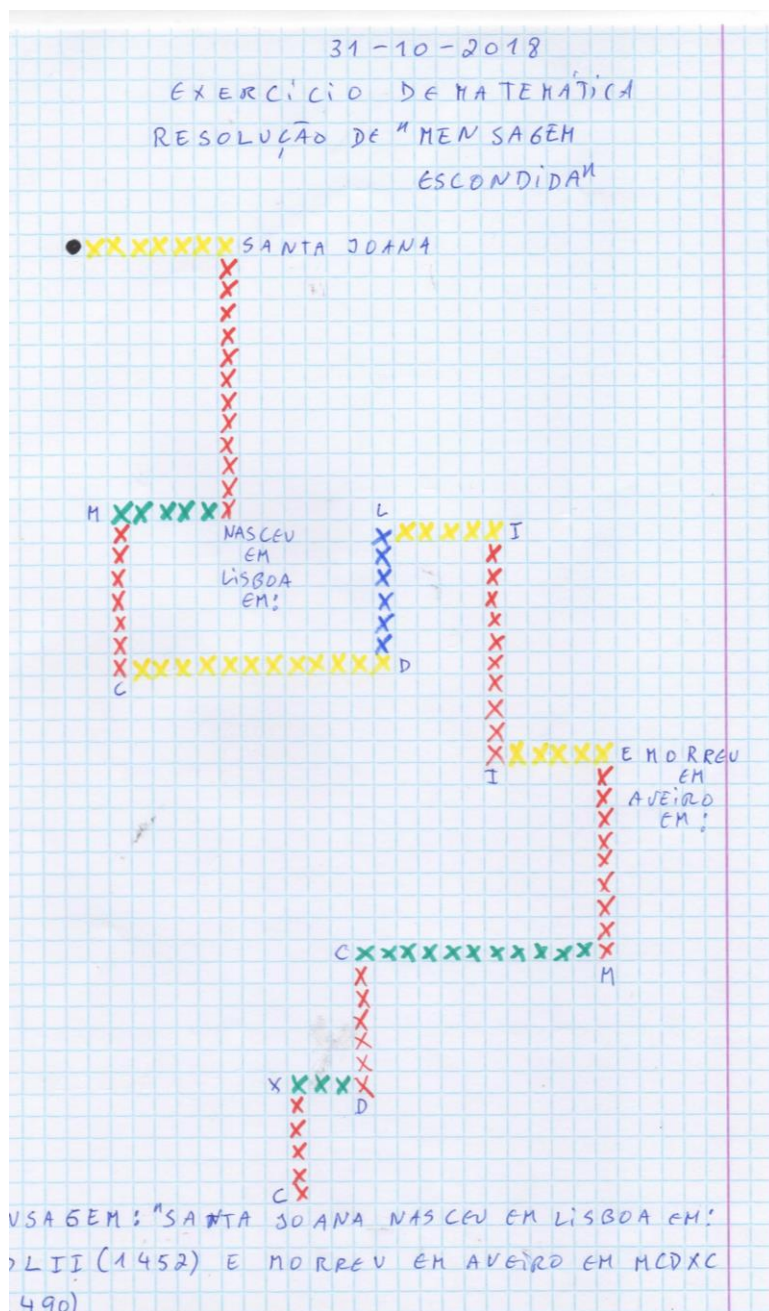
OUTRA VEZ A VERMELHO, O QUE QUER DIZER QUE VAIS DESCER NO PERCURSO, SEIS PASSOS E ESCRIBES LETRA, A LETRA “D”.

DÁ TRÊS PASSOS A VERDE PARA A ESQUERDA E NOVA LETRA VAIS ESCRIVER “X”.

ESTÁS MESMO A DESCOBRIR A MENSAGEM QUE ESTÁ ESCONDIDA, SÓ TENS DE DESCER E MARCAR A VERMELHO CINCO PASSOS, REGISTA A LETRA “C” E DESCOBRE A MENSAGEM QUE ENCONTRASTE!

**Enunciado do exercício "Mensagem escondida"**

### Anexo 34 - resolução da atividade "Mensagem escondida"



Resolução do exercício "Mensagem escondida"

### Anexo 35 – Enunciado da ficha de trabalho de Matemática sobre o Património

#### Matemática

#### Ficha de trabalho

Nome: \_\_\_\_\_ Data: 7/11/2018

Resolve as seguintes situações problemáticas apresentando todos os dados que utilizares.



**Figura 1-Fachada da Antiga sapataria Leitão**



**Figura 2- Fachada do edifício Testa & Amadores**

1. Se a fachada da Antiga Sapataria Leitão tiver 1253 azulejos e a fachada do edifício Testa e Amadores tiver 2479 azulejos, qual das fachadas tem mais azulejos? E quantos azulejos tem a mais essa fachada?



**Figura 3 - Museu de Santa Joana**

2. O Convento de Jesus, hoje Museu de Santa Joana, foi contruído em MCDXXI, e a Igreja de Santo António, em MDCXLV. Qual é o edifício mais antigo? E qual a diferença de idade de construção entre esses edifícios?

## Anexo 36 – Texto descritivo de edifício

### CAPÍTULO 2 **UMA CASA ABRIGO**

A casa era baixa, poderia até dizer-se atarracada. Feita metade em pedra e metade em madeira, tornava-se ainda mais especial porque a fachada lembrava uma cara com janelas no lugar dos olhos e a porta no lugar da boca. Do lado direito da porta havia um badalo de ovelha a fazer as vezes de campainha. Helena foi a primeira a subir os três degrauzinhos que davam acesso ao alpendre e tratou de puxar a corda esfiapada do badalo, na brincadeira. Para seu grande espanto, a porta abriu-se e apareceu um velhote de cabelos brancos e bigode branco que estendeu a mão ao tio Vítor.

— Ora sejam bem-vindos! Sejam bem-vindos!

Mostrava-se realmente contente por os ver ali e, para mostrar esse contentamento, sacudia o braço do tio Vítor para cima e para baixo com tanta força como se lho quisesse arrancar.

— Calma, senhor Abílio! Assim, aleija-me!

O velho largou a mão e desatou a dar-lhe pancadas amigáveis nas costas.

— Eu estava com medo que desistissem de tomar conta da quinta, sabe? Terras ao abandono é o diabo.

Os três primos não conseguiam desfrutar o velho porque ele tinha uma verruga redonda em cima da aba esquerda do nariz. Quanto mais falava mais vermelha se tornava, dando a sensação de que acabaria por se iluminar, como se tivesse uma pequena lâmpada lá dentro.

— No Verão passado houve tantos incêndios aqui à volta! Foi horrível. Eu já lhe conto. Mas entrem, entrem!

Desviou-se e quase empurrou Vítor na frente. Atrás deles entrou Helena, depois os rapazes.

## Anexo 37 – Ficha de exploração do texto “Uma casa abrigo”

1. Como se chamava o dono da casa?

---



---

2. Quantas pessoas foram visitar o dono da casa?

---

3. Como se chamavam as pessoas que o foram visitar?

---



---

4. Como ficou o dono da casa por ver ali aquelas pessoas?

---

5. Descreve a casa usando as expressões utilizadas no texto.

---

---

---

---

---

6. Agora vais pegar no dicionário e vamos pôr mãos à obra, vamos procurar os sinónimos de algumas palavras cujo significado talvez sejam difíceis para ti.

7. Vamos anotá-las e o seu sinónimo:

Alpendre: \_\_\_\_\_,

Atarracada: \_\_\_\_\_,

Badalo: \_\_\_\_\_, Esf

iapada: \_\_\_\_\_,

Desfitar: \_\_\_\_\_.

8. Para fazer a descrição da casa tiveste que te socorrer de algumas palavras que lhe atribuem características ou qualidades, a essas palavras chamamos adjetivos.

8.1 Reescreve o texto seguinte, mas utilizando adjetivos sinónimos dos que se encontram a negrito.

A casa abrigo era uma casa antiga e bonita, a cor da parede da frente estava esbatida, o que lhe dava um ar desolado. Estava alindada com uma parede feita em pedra e madeira resinosa, em frente havia um belo canteiro de rosas de um vermelho vivo. Vivia nela um senhor já velho, de cabelos esbranquiçados, que ficou muito satisfeito por receber visitas.

---

---

---

---

---

---

8.2 – Reescreve o mesmo texto, mas agora, substitui as mesmas palavras por antónimos.

---

---

---

---

---

---

---

**9 Reescreve a seguinte frase: “O senhor Abílio é um homem robusto.”**

**7.1 No Futuro do indicativo.**

---

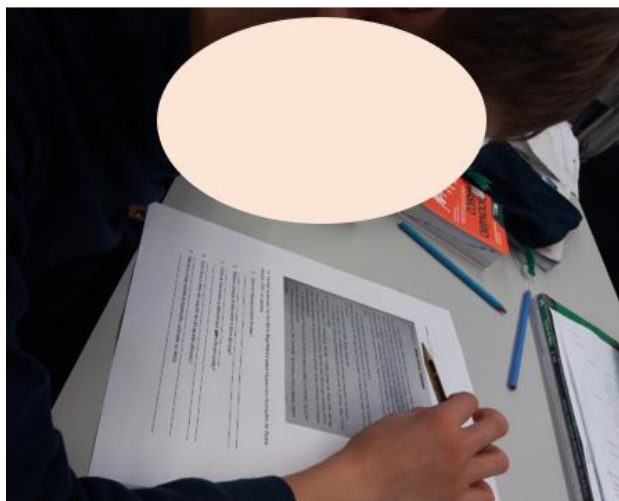
**7.2 No tipo interrogativo.**

---

**7.3 Na forma negativa.**

---

**Anexo 38 – Imagem de aluno a realizar a ficha de exploração do texto “Uma casa abrigo”**



Aluno a preencher a ficha da descrição da "Casa abrigo".

**Anexo 39 - Atividade “Jogo Caça às palavras” com recurso à sinonímia**

**Sinónimos:**

**Diz um sinónimo de “bonita”.**

**Escreve um sinónimo possível de “idoso”.**



Regista um sinónimo para “desolada”.

**Anexo 40 - Atividade “Jogo Caça às palavras” com recurso à antonímia**

**Antónimos:**

Diz um antónimo de “esbelta”.

Escreve um antónimo possível de “contente”.

Regista um antónimo para “desfitar”.

Que era um senhor \_\_\_\_\_ (antónimo de “jovem”), que vivia \_\_\_\_\_ (sinónimo de “solitário”).

1) O Vítor \_\_\_\_\_ (sinónimo de “rogou-lhe”) que se \_\_\_\_\_ (antónimo de “agitasse”) ao cumprimentá-lo.

2) E nessa casa vivia um \_\_\_\_\_ (pessoa que guarda a floresta).

3) Ele ficou muito \_\_\_\_\_ (antónimo de “triste”) por receber aquele \_\_\_\_\_ (sinónimo de “conjunto”) de pessoas.

4) A \_\_\_\_\_ (sinónimo de “habitação”) situava-se no meio do \_\_\_\_\_ (nome comum coletivo relativo a “árvore”).

5) 6) Tão contente que \_\_\_\_\_ (verbo correr na 3ª pessoa do singular, pretérito perfeito – passado -) logo a cumprimentá-los.

6) Sentado num \_\_\_\_\_ (sinónimo de “esquina”) do alpendre da casa, \_\_\_\_\_ (verbo “estar” na 3ª pessoa do singular, passado – a forma que achares que melhor se adequa - pretérito imperfeito), o Sr. Abílio.

**Proposta de ordenação textual:**

5) A casa situava-se no meio do arvoredo.

3) E nessa casa vivia um guarda florestal.

7) Sentado num canto do alpendre da casa, estava o Sr. Abílio.

1) Que era um senhor velho ou idoso, que vivia sozinho ou só.

4) Ele ficou muito contente por receber aquele grupo de pessoas,

6) Tão contente que correu logo a cumprimentá-los.

2) O Vítor pediu-lhe que se acalmasse ao cumprimentá-lo.

**Anexo 41 – Imagem de cartões para atividade sobre sinonímia e antonímia**



Cartões para trabalhar a sinonímia.

**Anexo 42 – Guião de saída dia 19/11/2018**

**Guião de visita de estudo**

Nome \_\_\_\_\_ Data: 19/11/2018

**O que vou ver**

Nome do edifício	Materiais e cores usados	Nº de andares

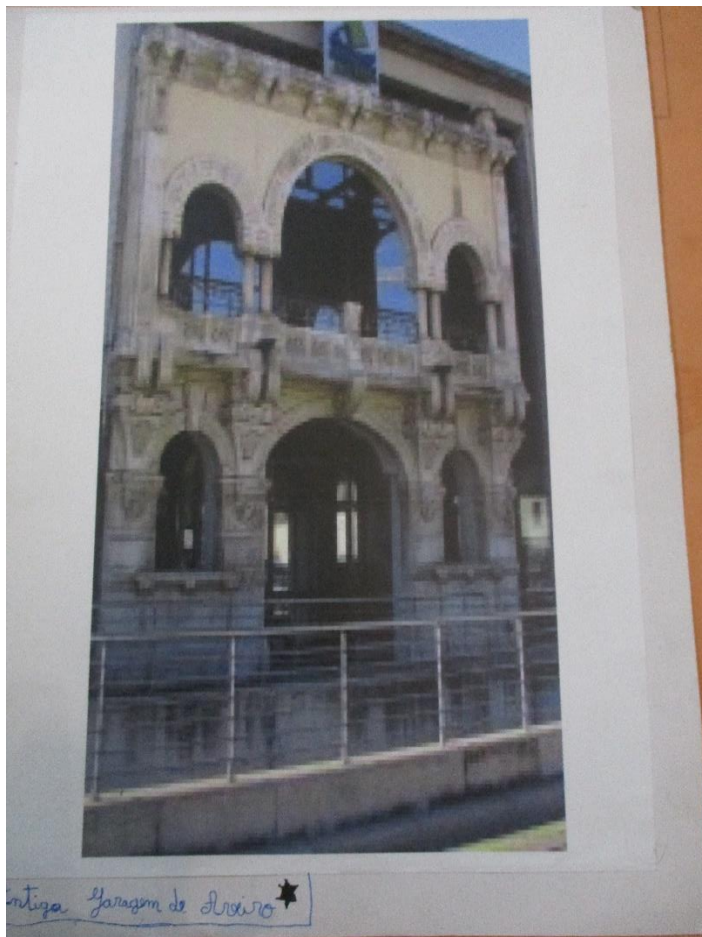


**Anexo 43 – Imagem Do edifício Testa & Amadores**

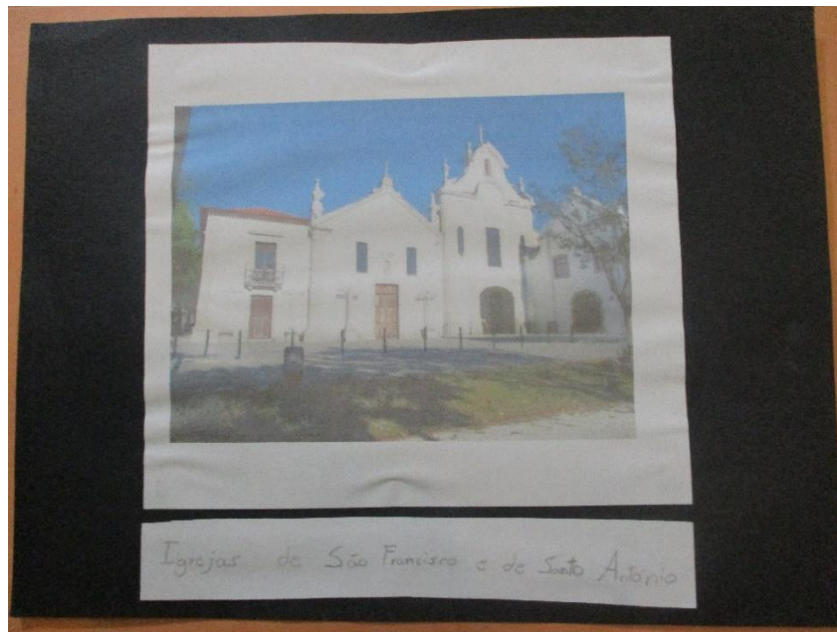


Fotografia do Edifício Testa & Amadores

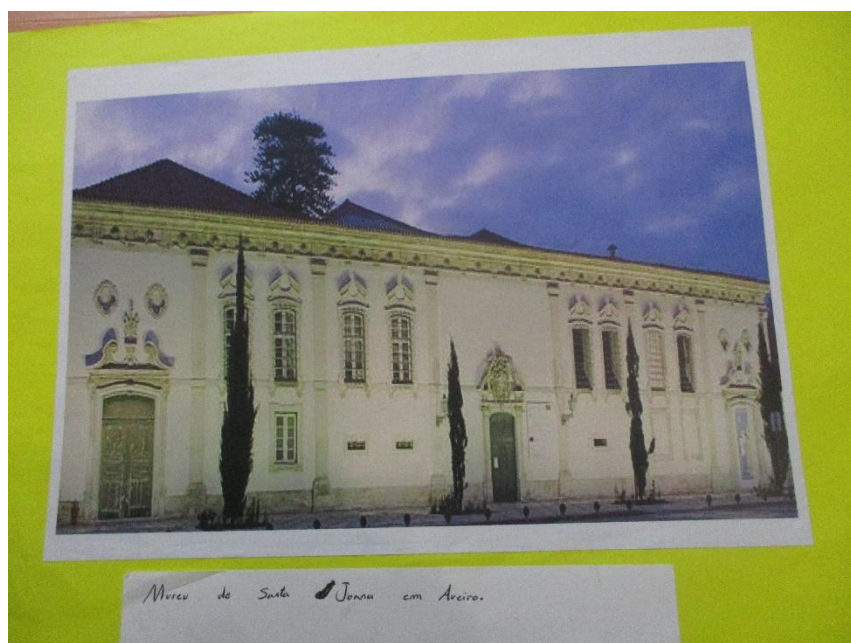
Anexo 44 – Imagem da Fachada da Antiga Garagem entregue aos alunos para que a descrevessem num texto



**Anexo 45 – Imagem Das Igrejas de Santo António e São Francisco entregue aos alunos para que a descrevessem num texto**

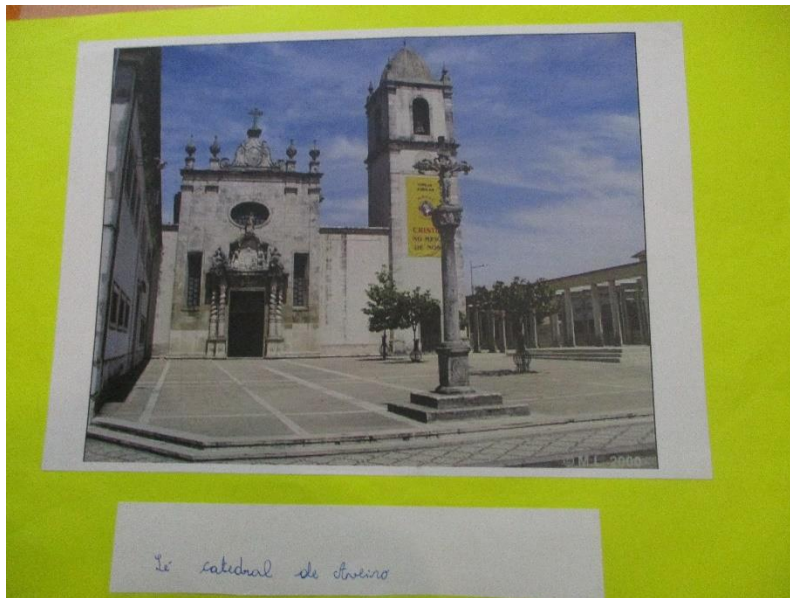


**Anexo 46 – Do Museu da Cidade/Santa Joana Imagem entregue aos alunos para que a descrevessem num texto**

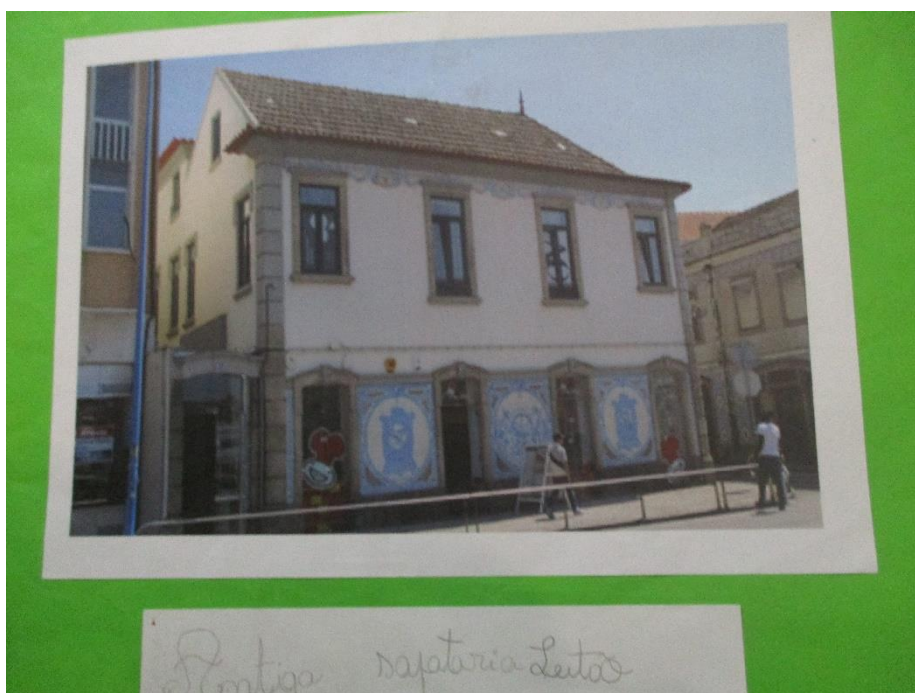




Anexo 47 – Imagem da Sé entregue aos alunos para que a descrevessem num texto



Anexo 48 – Imagem Do Edifício da Antiga Sapataria Leitão



Anexo 49 – Imagem do Coreto de Aveiro entregue aos alunos para que a descrevessem num texto



Anexo 50 – Imagem entregue aos alunos para que a descrevessem num texto



Anexo 51 – Imagem de exemplo de Património não edificado de Aveiro





**Anexo 52 – Imagem de exemplo de Património não edificado de Aveiro**



Anexo 53 – Imagem de exemplo de Património não edificado de Aveiro



Anexo 54 – Imagem do professor estagiário a cantar “O homem da gaita” de José Afonso”





## Anexo 55 – Toponímia dedicada a José Afonso



## Anexo 56 – Imagem da Joan





# Anexo 59 – Alunos a desenhar da Joan



Anexo 60– cartaz da Joan em Aveiro





**Anexo 61 – Alunos a fixar a prancha do *Kamishibai plurilingue* para que secasse.**



Anexo 62 – Alunos a fixar a prancha do *Kamishibai plurilingue* para que secasse.



**Anexo 63 – Imagem dos postais de Natal alusivos ao Património****Anexo 64 - Versão do texto final para o *Kamishibai plurilingue*****Texto 1**

A Joan perdeu-se na Glória e Vera Cruz.

A Joan é uma menina curiosa, sempre gostou de conhecer coisas e pessoas novas, fala algumas coisas em Português, mas prefere falar em inglês. Está em Aveiro à procura de um tesouro. Disseram-lhe que esse tesouro tem o seu nome. Vamos ajudar a Joan a encontrar o seu tesouro?

**Texto 2**

A Joan perdeu-se e foi ter à antiga casa do Dr. Lourenço Peixinho. Uma casa muito bonita, de estilo Arte Nova, que agora é a Fundação Jaime Magalhães Lima.

Encontrou uma menina e perguntou-lhe: Hello! Olá! Sabe onde posso *“to find”*, encontrar o tesouro *“Joan”*?

- Se calhar é o tesouro da Santa Joana! You, tu, podes ir até à Ria de Aveiro, *“by train tourist”*, de comboio turístico, e pergunta aos senhores dos Moliceiros!

**Texto 3**

Joan saiu do comboio turístico à beira da ria, em frente à *“Barrica”*, como era um edifício muito bonito, também de estilo Arte Nova entrou e não resistiu a provar um *“Ovo mole”*. E perguntou a um senhor: - *“What is”* a *“Moliceiro”*?

O senhor apontou para um Moliceiro que estava na margem da Ria. Que bonito! *“How beautiful”*! – pensou ela. – Onde posso ver o *“treasure Joan”*?

Disseram-lhe que o melhor seria ir de *Tuk tuk* até ao Parque da Cidade.

**Texto 4**

- *“What funny”*! Que engraçado! – disse ela – *“How beautiful is this park”*! Que lindo é este parque! Pensou ela ao ver o Parque Infante D. Pedro! – No parque, experimentou andar de Buga, parou a admirar os azulejos da escadaria central – *“What marvelous tiles”*!

A meio das escadas já conseguia ver o Coreto de ferro, de influência do estilo Arte Nova se olhasse para cima, em frente, mas se olhasse para trás, podia ver melhor o parque Infante D. Pedro.

**Texto 5**

Do Coreto viu, ali perto, as Igrejas de Santo António e São Francisco, foi perguntar se era ali que se encontrava o tesouro *“Joan”*. – *“Across the street”*! Tens de atravessar a Rua! – responderam-lhe.

**Texto 6**

Joan atravessou a Avenida de Santa Joana e viu-se ao pé da fachada da Antiga Garagem de Aveiro. *“Awesome”*! Espantoso! *“But is not here”*! Mas não é aqui! - Pensou ela.

Do outro lado, viu a Escola Básica da Glória com muitos meninos e perguntou: Aqui é uma *“School”*, *“Skool”*, (scúl), Escola?

**Texto 7**



- Sim! *"Yes"*! - responderam alguns meninos. – Quero encontrar o tesouro Joan! – Ao pé da escola, uma senhora indiana disse-lhe: *You can find your "Khazaana" across the street!* Podes encontrar o teu tesouro do outro lado da rua. – *"Namaste namaste!"* (námástê)! *"Thank you!"* Obrigado! - Respondeu Joan.

#### Texto 8

Joan atravessou a Avenida Santa Joana outra vez! *"I was mistaken"*, estou enganada! – pensou, enquanto andava pelo passeio, em direção a um edifício que lhe despertou a atenção pela fachada de azulejos que apresentavam flores em vários tons de azul e branco. Também demorou o olhar nas varandas do primeiro andar em ferro trabalhado. No topo, uma espécie de pequena torre curva tinha umas letras que ela, ainda conseguiu ler *"Testa & Amadores"*. Do outro lado da estreita rua de Eça de Queirós, viu outro edifício que quis ver melhor.

#### Texto 9

Perguntou a uma senhora que edifício era aquele, a senhora respondeu:

- Este é o edifício da Antiga Sapataria Leitão, *"a former shoe house"*! É de estilo Arte Nova, repara nos *"tiles"*, azulejos de vários tons de *"blue"* azul! Com os desenhos da águia a segurar uma fita de metro e uma forma de sapato, de um lado, o leão de outro lado, a segurar um sapato e ao meio a engrenagem que representa o trabalho e as capacidades humanas para construir.

*"It's beautiful"* É muito bonito! - disse Joan – *"But I want"*, mas eu quero ir para o tesouro da Joan! *"How can I get there?"* Como chego lá?

A senhora disse-lhe que era só atravessar e reparar no edifício grande, só com um andar, e que tinha as *"white walls"*, paredes brancas.

#### Texto 10

Joan olhou para o outro lado da Avenida, mas deteve-se a olhar para a estátua que estava no meio do pequeno jardim do separador central da Avenida, ao pé da rotunda. Era uma estátua de bronze, via-se que era de uma senhora que tinha estado num convento pois, tinha um hábito vestido e segurava uma cruz.

#### Texto 11

Com a distração dirigiu-se, depois de atravessar a Avenida de Santa Joana, mais para a sua esquerda e foi ter a um edifício de apenas um andar, paredes pintadas de branco e que lhe pareceu antigo.

- *"És aqui que se queda el tésoro de Joan?"* É aqui que fica o tesouro da Joan? – perguntou ela – *"No!"* Não! Aqui és la casa de Morgados da Pedricosa!, tens de seguir até ao edifício maior!

**Texto 12**

Joan olhou para o fundo da Avenida e reparou numa igreja alta. Era a Sé Catedral de Aveiro, ou Igreja de São Domingos, entrou e percebeu que se tinha perdido, outra vez!

Um senhor explicou-lhe: - Do outro lado da rua, entre a Rua do Batalhão de Caçadores 10 e a Rua do Príncipe Perfeito encontras o Museu de Santa Joana. Aí talvez encontres o que procuras!

**Texto 13**

Joan assim fez, atravessou a rua e reparou que este edifício era mais comprido, tinha mais brasões e também reparou que tinha uns desenhos expostos de uma senhora que talvez tivesse estado num convento, tal como a da estátua.

**Texto 14**

- *"Hello!" "Namaste namaste!"* (námástê)! Olá! É aqui que posso encontrar o *"treasure"*, tesouro de Joan?

Aí explicaram-lhe que estava no Museu de Santa Joana, antigo convento onde a Princesa Santa Joana esteve há muitos séculos.

-Princess! Princesa! – exclamou – Então este é o tesouro! *The treasure, khazaana*, de Santa Joan, *the Princess*.

Parabéns Joan! *"Congratulations!" "Badhaee!"* (bádáhi)! Encontraste o teu *"treasure"*, *"Khazaana"* (cazãna)! E já não estás *"lost"*, *"khoya"* (cóia), perdida.

Anexo 65 – Imagem da saída ao Património à volta da nossa escola



**Anexo 66 – Imagem da saída ao Património à volta da nossa escola**



**Anexo 67 – Imagem da saída ao Património à volta da nossa escola**



# Anexo 68 – Imagem do Mural do património à volta da escola



# Anexo 69 – Questionário final

Agrupamento de Escolas de \_\_\_\_\_: Escola \_\_\_\_\_; Ano letivo 2018/19

## Questionário final

Entregue e respondido a 15 de janeiro de 2019

Património Local: “À volta da nossa Escola”

No primeiro período pudeste desenvolver os teus conhecimentos sobre Património.

5. Regista o que achas que é o Património.

---

6. Dos exemplos de Património edificado que ficaste a conhecer melhor, à volta da tua escola, dá o nome de três desses exemplos:

---

7. Aveiro apresenta muitos edifícios construídos e decorados num estilo com características muito próprias, como o trabalho das varandas em “ferro forjado” (trabalhado na forja, em altas temperaturas) e as fachadas em azulejo. Diz o nome desse estilo tão presente em Aveiro.

---

8. Escreve o nome do prato regional mais conhecido de Aveiro \_\_\_\_\_; e do doce de Aveiro \_\_\_\_\_.

4.1. Achas que são Património? \_\_\_\_\_

4.2. Porquê? \_\_\_\_\_

9. José Afonso, e Eça de Queirós foram dois homens que estiveram ligados a Aveiro, mas só um deles nasceu em Aveiro.

9.1 Qual deles? \_\_\_\_\_

9.2 Porque ficou conhecido? \_\_\_\_\_

#### Anexo 70 – Esquema da planificação do projeto para o 2.º CEB



#### Anexo 71 – Questionário inicial da turma do 6.º ano do 2.º CEB



Universidade de Aveiro

**Departamento de Educação e Psicologia****Mestrado em Ensino no 1.º CEB, Português, História e Geografia de Portugal no 2.º CEB****Ano letivo 2018/19 – 2.º Semestre****Professor orientador:****António Vítor Carvalho****Professor estagiário: Paulo Tavares****Questionário inicial apresentado a 1 de abril de 2019:**

Este questionário insere no quadro de atividades a desenvolver no projeto “O Património à volta da nossa escola” e pretende que o aluno possa esclarecer quais as suas competências atuais sobre o Património local, nomeadamente o Património mais próximo da sua escola.

É composto por várias questões com possibilidade de resposta aberta.

**Questão 1: Dá a tua definição de Património (o que é para ti o Património?)**

---

---

---

**Questão 2: Dá exemplos de Património:**

---

---

---

**Questão 3: Conheces algum tipo de Património próximo da tua escola?**

---

---

---

**Questão 4: Sabes o que é a Arte Nova? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_**

**Se sim, dá um exemplo que conheças:**

---

**Anexo 78 – Pedido de autorização para visita de estudo****Autorização de visita de estudo**

Eu, \_\_\_\_\_

**Encarregado (a) de Educação do (a) aluno (a)**

---

**n.º \_\_\_\_\_ da turma \_\_\_\_\_ do 6.º ano, autorizo o meu (minha) educando (a) a participar na**

visita de estudo, a decorrer no dia 6 de maio de 2019, no percurso pedestre a realizar entre as 12h25min. às 13h e 15 min, no âmbito do projeto a levar a cabo em DAC.

## Anexo 72 – Guião para visita de estudo

### Plano de visita de estudo

Data da visita de estudo: 6 de maio de 2019

Disciplina: \_\_\_\_\_ Professora titular: \_\_\_\_\_

Professor estagiário: \_\_\_\_\_

Tema da visita de estudo: Uma visita pelo estilo Arte Nova em Esgueira

Objetivos da visita de estudo	
Objetivos gerais	<p>Chamar a atenção para a presença do estilo Arte Nova em Esgueira.</p> <p>Integrar a educação patrimonial interdisciplinarmente, no âmbito da Flexibilidade Curricular, as disciplinas de Português, História e Geografia de Portugal e a disciplina de ED. Visual.</p>
Objetivos específicos	<p>Reforçar a educação patrimonial incidindo no património local.</p> <p>Alertar para aspetos específicos do estilo Arte Nova.</p> <p>Chamar a atenção para a necessidade de preservar o património local.</p> <p>Desenvolver competências de observação, criatividade.</p>



<b>Precauções de segurança</b>	Deve consciencializar-se os alunos para a possibilidade da existência de potenciais perigos, sobretudo no trajeto a realizar.
<b>Portfólio</b>	Durante a realização da visita cada um dos alunos deve tirar todas as notas que achar convenientes, colocar as dúvidas que eventualmente surjam e, se possível, fotografar a sequência dos trabalhos efetuados na visita.
<b>Trajeto, transporte e tempo previsto</b>	<p>O trajeto será realizado a pé e será o seguinte: sairemos pelo portão “dos professores” virado para a Rua das Cardadeiras onde caminharemos, para a direita, cerca de 40 metros, viramos à direita para a Rua Padre José Maria Taborda, onde a caminhada será de 85 metros, de seguida viramos à direita para a Rua de Viseu onde caminharemos cerca de 20 metros. Aí viraremos à direita, para a Rua de José Luciano de Castro, onde pararemos em frente ao n.º 100, depois de caminharmos 15 metros.</p> <p>Depois faremos o trajeto inverso.</p> <p>No total a caminhada será de cerca de 320 metros, percurso de ida e volta, com previsão total de 30 minutos.</p>

Entregarei aos alunos um pequeno guião com aspetos a ter em conta durante a visita e que devem registar.

<b>Antes da visita</b>	<b>O que sei sobre o que vou ver:</b>



<b>Durante a visita</b>	<p><b>Tipo de construção:</b> casa <input type="checkbox"/> empresa <input type="checkbox"/></p> <p><b>Estilo da Construção:</b></p> <p><b>Materiais:</b></p> <p><b>Cores:</b></p> <p><b>Imagens e representações:</b></p> <p><b>Número de andares:</b></p> <p><b>Características gerais (n.º de janelas, se tem portão, vidros das janelas:</b></p> <p><b>Se parece estar habitada:</b></p>
-------------------------	--

	Estado de conservação:
Depois da visita	O que propões para melhor conservar este edifício:

Anexos 73 e 74 – Imagens da visita de estudo ao Património Arte Nova Próximo da escola



Anexo 75

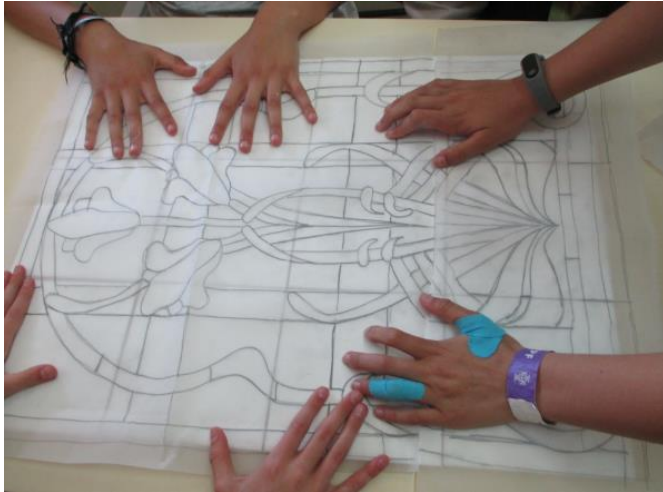
Visita de estudo



eguesia

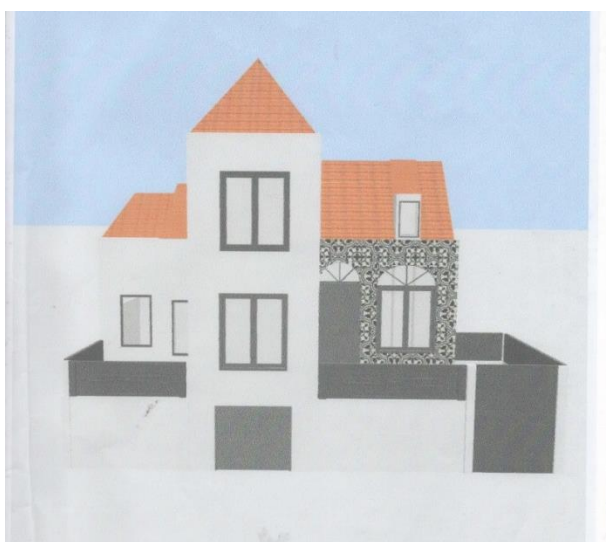
m o grupo DAC do 2.º CEB

**Anexo 76 – Desenho para o painel de azulejos**



**Anexo 77 – azulejos já cozidos a sair da mufla**



**Anexo 78 - Proposta de recuperação da casa amarela**

*Proposta de recuperação da casa, concebida e apresentada por um aluno.*

**Anexo 79 – Questionário final do 2.º CEB**

**Universidade de Aveiro**

**Departamento de Educação e Psicologia**

**Mestrado em Ensino no 1.º CEB, Português, História e Geografia de Portugal no 2.º CEB**

**Ano letivo 2018/19 – 2.º Semestre**

**Professor orientador: António Vítor Carvalho**

**Professor estagiário: Paulo Tavares**

**Questionário final (apresentado a 3 de junho de 2019):**

Este questionário insere-se no quadro de atividades a desenvolver no projeto “O Património à volta da nossa escola” e pretende que o aluno possa esclarecer quais as suas competências atuais sobre o Património local, nomeadamente o Património mais próximo da sua escola.

É composto por várias questões.

**Questão 1: Dá a tua definição de Património (o que é para ti o Património?)**

---

---

\_\_\_\_\_ Questã

**o 2: Dá exemplos de Património:**

---

**Questão 3: Conheces algum tipo de Património próximo da tua escola?**

---

**Questão 4: Sabes o que é a Arte Nova? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_**

**Se sim, dá um exemplo que conheças e caracteriza-a brevemente:**

---

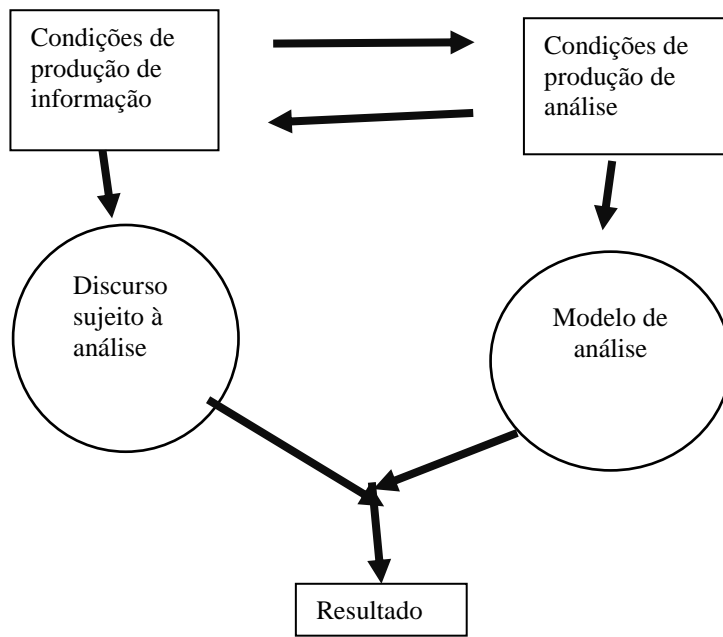
---

**Achas que o Património que apresentaste merece ser divulgado? O que sugeres para o divulgar?**

---

**Anexo 80. Esquema de Vala - Esquema 1**

**A análise de conteúdo segundo Vala (1987)**



**Anexo 81. Desenhos iniciais sobre o Património Local – Museu de Santa Joana**



**Anexo 82. Desenhos iniciais sobre o Património Local – Casa Testa & Amadores**



**Anexo 83. Desenhos iniciais sobre o Património Local – Estátua de Santa Joana**



**Anexo 84. Desenhos iniciais sobre o Património Local – Arcada de buganvílias do Parque da Cidade**

